

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ - UNITAU
JULIANA ROBERTI PEREIRA**

**ESCRITA E VIRTUALIDADE: SUBJETIVIDADE
NO/PELO DISCURSO DO AMOR**

**Taubaté - SP
2008**

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
JULIANA ROBERTI PEREIRA**

**ESCRITA E VIRTUALIDADE: SUBJETIVIDADE
NO/PELO DISCURSO DO AMOR**

Dissertação apresentada para a
obtenção do Certificado de Título de
Mestre pelo Curso de Lingüística
Aplicada, do Departamento de
Ciências Sociais e Letras da
Universidade de Taubaté.

Orientadora: Prof^a Dr^a Elzira Yoko
Uyeno

**Taubaté – SP
2008**

**Ficha catalográfica elaborada pelo
SIBI – Sistema Integrado de Bibliotecas/UNITAU**

P436e Pereira, Juliana Roberti

Escrita e virtualidade: subjetividade no/pelo discurso
do amor./Juliana Roberti Pereira.- 2008.
135f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Taubaté,
Departamento de Letras, 2008.

Orientação: Profª Drª Elzira Yoko Uyeno, Departamento de
Letras.

1. Amor. 2. Subjetividade. 3. Discurso. 4. Escrita.
I. Título

Dissertação apresentada para
obtenção do Certificado de Título
de Mestre pelo Curso de
Linguística Aplicada, do
Departamento de Ciências Sociais
e Letras da Universidade de
Taubaté.
Área de concentração: Língua
Materna

DATA: _____

RESULTADO: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____ Universidade _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Universidade _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Universidade _____

Assinatura: _____

Aos meus pais Lázaro e
Aparecida, pela coragem, pela
alegria, pela luta e pela
esperança, grandes alicerces da
minha vida.

Agradecimento

Primeiramente, a Deus pela vida.

Aos meus pais Lázaro e Aparecida, pessoas que sempre foram exemplos de coragem, amor, determinação, retidão e perseverança.

Aos meus irmãos, cunhados, sogros e sobrinhos, pessoas que representaram, para mim, a união nos momentos importantes.

Ao meu esposo Júlio César, meu grande amor, razão da minha energia, persistência e luta.

Aos meus amigos, pessoas importantes no conjunto que cerca minha vida. Em especial, à Lilian Mobrizi Silva Werlang, minha irmã de coração, pessoa que participou comigo em vários momentos importantes que superamos com determinação.

À minha orientadora Profa. Dra. Elzira Yoko Uyeno, mais que uma professora, uma amiga, pela imprescindível contribuição acadêmica, pela disponibilidade, paciência, estímulo e pelos anos de tão agradável convivência que me trouxeram cada vez mais experiência e amadurecimento, minha profunda admiração.

À Profa. Dra. Claudete Moreno Ghiraldelo e Profa. Dra. Vera Lúcia Batalha de Siqueira Renda, membros participantes de minha banca de exame de qualificação e defesa, pessoas que me apoiaram e me incentivaram por meio de palavras e gestos para a melhoria da dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação da Unitau pelo apoio, aos professores, pessoas responsáveis pela minha formação e aos funcionários que me auxiliaram nas questões burocráticas.

À Maria Auxiliadora A. C. de Souza, que tornou possível a realização da presente dissertação.

Aos meus queridos alunos, sujeitos dessa pesquisa, pela participação disponível, entusiasmada e curiosa ao longo de todo o processo.

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, na pessoa do Dirigente Regional de Ensino da Diretoria de Ensino da Região de São José dos Campos Altimar Costa da Silva, por meio do Projeto Bolsa Mestrado, pelo incentivo financeiro.

A todos, amores da minha vida, com cada um, vivencio um tipo de amor: philia (amizade), ágape (próximo ou espiritual) ou Eros (carnal), dedico a letra da música “Eu sei que vou te amar”, inspiração para a realização da minha dissertação.

Eu Sei Que Vou te Amar

Eu sei que vou te amar

Por toda a minha vida eu vou te amar

Em cada despedida eu vou te amar

Desesperadamente, eu sei que vou te amar

E cada verso meu será

Prá te dizer que eu sei que vou te amar

Por toda minha vida

Eu sei que vou chorar

A cada ausência tua eu vou chorar

Mas cada volta tua há de apagar

O que esta ausência tua me causou

Eu sei que vou sofrer a eterna desventura de viver

A espera de viver ao lado teu

Por toda a minha vida

(MORAES; JOBIM, 1958)

"Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor... Lembre-se: se escolher o mundo, ficará sem o amor, mas se escolher o amor, com ele conquistará o mundo!"

Albert Einstein (1879-1955)

RESUMO

Escrita e virtualidade: subjetividade no/pelo discurso do amor

A presente pesquisa objetiva analisar o discurso do amor e identificar quais são as representações que o aluno tem do amor e do outro nas relações virtuais. Para atingir o objetivo, analisaram-se as dissertações escritas pelos alunos do ensino médio. Sob o ponto de vista teórico, fundamentou-se na Análise de Discurso de perspectiva francesa, concentrando-se nas noções de sujeito e de discurso, categorizados pelos conceitos de memória discursiva e heterogeneidade constitutiva. Os resultados desta pesquisa revelaram duas formações discursivas: um grupo cuja representação é do amor da ordem da memória, apresentando um discurso heterogêneo constituído do amor como é cultivado pela família, do amor como considerado pela Igreja, do amor como estudado nas aulas de literatura e, como tal, da ordem do desejo; outro grupo cuja representação é o de um amor descompromissado, de descarte rápido e, como tal, da ordem pós-moderna do amor líquido. Conclui-se, enfim, que mesmo não se revelando iguais, dos sujeitos aqui classificados, ao escreverem, falando de si, alguns acabam se descobrindo, do que se conclui a importância da proposição da atividade da escrita, por seu exercício de promover conhecimento de si.

Palavras-chave: Amor. Subjetividade. Discurso. Virtualidade. Análise de Discurso. Escrita, Heterogeneidade.

ABSTRACT

Writing in virtuality: subjectivity in / by the love speech

This research aims to Speech Analyze of love and identify what are the representations that the student has of love and the other in virtual relationships. To achieve the goal, were looked up the dissertations written by middle school students. From the theoretical point of view, based on the Speech Analyze by French perspective, focusing on notions of subject and of speech, categorized by the concepts of discursive memory and constitutive heterogeneity. The results of this research revealed two discursive formations: a group whose representation is the love and the order of memory, giving a heterogeneous speech constituted of love as is cultivated by the family, of love as seen by the church, the love as studied in literature classes, and such as, the order of desire, another group which the representation it is a uncommitted love, with quick disposal and, as such, the post-modern order of the liquid love. Finally, it is concluded, that although does not reveal the same, of the subject here ranked, to write, speaking to you, some even discovering, that concludes the importance of proposing the writing activity, to your exercise to promote knowledge of you.

Keywords: love. Subjectivity. Speech. Virtuality. Speech Analysis. Writing, Heterogeneity.

LEGENDA PARA TRANSCRIÇÃO

A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9 – Alunos do Ensino Médio.

E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9 – Excertos retirados da dissertação.

SUMÁRIO

RESUMO	09
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	14
PARTE 1 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	18
CAPÍTULO 1 – AMOR	19
1.1 A humanidade e a história do amor no Velho Mundo.....	19
1.2 A história do amor no Brasil Colonial.....	29
1.3 Século XX - A revolução sexual.....	32
1.4 Amor Líquido.....	37
CAPÍTULO 2 – VIRTUAL	42
2.1 A humanidade e a revolução das comunicações.....	42
2.2 O sujeito e a Internet.....	48
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA	50
3.1 Antecedentes da Análise de Discurso.....	50
3.2 O Surgimento da Análise de Discurso.....	53
3.3 Sujeito e Discurso.....	56
3.3.1 Teoria do Esquecimento.....	57
3.3.2 Imaginário.....	59
3.3.3 Heterogeneidade Constitutiva.....	60
3.3.4 Formações Discursivas.....	61
3.4 Sujeito.....	62
3.4.1 Sujeito do Desejo.....	63
3.4.2 Sujeito Líquido.....	66

CAPÍTULO 4 – ESCOLA E ESCRITA.....	68
4.1 Surgimento da Escola.....	68
4.2 Escrita.	71
4.3 Escrita de Si.....	73
4.4 Escrita Discursiva.....	76
PARTE 2 – ANÁLISE DO CORPUS.....	82
CAPÍTULO 5 – CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO.....	83
5.1 Condições de Produção do Discurso.....	83
CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DO CORPUS.....	91
6.1 Amor e Sujeito do Desejo.....	91
6.2 Amor e Sujeito Líquido.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS.....	114
ANEXO.....	121
ANEXO A.....	122
ANEXO B.....	131

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo se configura como “o mundo das novas tecnologias” e exige do homem moderno constante atualização e virtualização. Um dos suportes mais poderosos desse mundo virtualizado é a Internet que une pessoas do mundo inteiro, sem que lhes exija necessariamente um deslocamento de suas casas, bastando estarem apenas conectadas por meio de uma grande rede de computadores, elas têm acesso ao mundo; daí se denominar *World Wide Web*, hoje, inserida no cotidiano como WWW, ou Rede Mundial de Computadores.

Com essa facilidade, houve uma evolução e, ao mesmo tempo, um grande conflito na vida do sujeito contemporâneo que se viu seduzido por uma nova palavra de ordem tecnológica que se configura na imagem enigmática da esfinge que ordena: “conecta-te e decifra-me ou eu te devoro”, de que fala Uyeno (2005a). Essa sedução acabou por afetar esse sujeito contemporâneo e, ao mesmo tempo, por transformá-lo, levando-o a “aventurar-se” e a conhecer diferentes comunicadores virtuais, o que determinou modificações em sua vida e em seu conceito de valores.

Esse “aventurar-se” em relação ao sujeito já vinha me preocupando, enquanto pesquisadora, desde a realização de um estudo feito em curso lato-sensu, com uma colega de turma, cujo título foi “Blog: a heterogeneidade do sujeito contemporâneo” (PEREIRA & WERLANG, 2004), no qual, discutíamos sobre o fenômeno blog – diário pessoal disponibilizado na Internet – que, aparentemente, configurava-se como um diário tradicional. Dessa pesquisa, concluímos que o *blog* era semelhante somente no aspecto formal, mas, no aspecto íntimo, os blogueiros faziam apenas alusões às suas intimidades e não se expunham, como o senso comum imagina, e, ao escreverem, falando de si, revelavam um conhecimento de si, de que fala Foucault (2004).

Com o término do lato-sensu, a preocupação continuou, e o tema proposto, inicialmente, por esta dissertação foi surgindo gradativamente e tomou forma com a leitura do artigo sobre o enigma da esfinge *virtual* (Uyeno 2005a).

Em sala de aula, comecei a perceber a interferência significativa das novas tecnologias, principalmente, a Internet, nos discursos produzidos por meus alunos, e a necessidade da inclusão nesse suporte tecnológico de interação.

Para minha surpresa, entretanto, os alunos já eram incluídos digitalmente e já conheciam os diferentes tipos de comunicadores virtuais (conhecidos como programas de “bate-papo”) como MSN (*Microsoft Network Messenger*), *Orkut* (nome de seu criador), Skype (IP Telephony), entre outros; acessados em diferentes lugares como escolas, lan houses, residências, casas de colegas ou parentes.

Diante da desnecessidade de um projeto de inclusão digital, o foco da pesquisa foi direcionado para a preocupação com o uso que esses alunos faziam da Internet, para efeito de relacionamento.

Esse redirecionamento levou, sobretudo, em consideração os constantes casos noticiados pelos meios de comunicação a respeito de relacionamentos mal sucedidos mediados por computador que variavam desde pequenas decepções a homicídios conseqüentes desses relacionamentos virtuais.

Encontrei, também, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a sugestão da inclusão de temas transversais que permeiam todas as áreas do conhecimento, com vistas à abordagem e ao desenvolvimento de valores da vida cotidiana. Percebi, ainda, a necessidade de ensinar a escrita da dissertação, já que meus alunos eram do nível do ensino médio e poderia prepará-los para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e para o vestibular.

Foram, dessa forma, estas as motivações para a eleição do tema transversal amor sob suporte virtual: as notícias veiculadas pelos meios de comunicação sobre relacionamentos

afetivos virtuais; a sugestão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) por temas transversais; o nível de escolaridade dos alunos; as leituras baseadas no conceito foucaultiano de que a escrita de si leva ao conhecimento. Além disso, considere também que esta pesquisa poderia contribuir para estudos no campo da educação, sobretudo, na área de lingüística aplicada, no desenvolvimento da escrita.

Assim, este estudo teve início após a constatação de que os jovens vivem tempos de maior liberdade, mas buscam relações amorosas sob suporte virtual.

A hipótese inicial levantada foi a de que os alunos procuram um “amor virtual” por estarem decepcionados com o amor face a face, contemporâneo.

Dessa forma, os objetivos desse trabalho são:

1. Propor uma seqüência didática de ensino da escrita de dissertação de temas transversais que permitiriam aos alunos escreverem sobre si;
2. Verificar nos textos a existência ou não de indícios de decepção em relação ao amor face a face que os levaria à procura de um amor virtual.

Para atingir esses objetivos, estabeleceram-se as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Os alunos de ensino médio estabelecem relações afetivas por meio do computador?
2. Qual a imagem ou representação que os alunos fazem do amor virtual?

Delimitado o problema e estabelecidos os objetivos de pesquisa, procedeu-se ao levantamento bibliográfico pertinente ao tema, à coleta dos dados e à análise do corpus composto por esses dados.

Esta dissertação é composta de duas partes: uma relativa aos pressupostos teóricos e outra relativa à constituição do corpus e sua análise.

Num primeiro momento da parte 1, apresenta-se a trajetória do amor ocidental até a atualidade e da revolução da comunicação e seus efeitos para o homem pós-moderno na sociedade. Em um segundo momento, apresentam-se os fundamentos da Análise do Discurso

na perspectiva francesa bem como conceitos de psicanálise lacaniana que servem de aporte teórico para a análise de corpus, para a compreensão do sujeito e de seu discurso. Depois, apresentam-se alguns aspectos sobre o nascimento da escola; sobre a escrita e sobre as condições de produção.

Na parte 2, apresentam-se, num primeiro momento, as condições de produção do discurso analisado, e, num segundo momento, os procedimentos de análise e a análise do corpus de pesquisa em si.

PARTE 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

CAPÍTULO 1 – AMOR

Este capítulo apresenta a trajetória do amor ocidental que acompanha a humanidade até a atualidade e que está presente em todas as culturas, mas assumiu papéis diferentes ao longo da história. Nesta trajetória, encontra-se o homem contemporâneo que vivencia uma nova realidade: o amor virtual constitui uma transformação radical que pode ser compreendida por meio do estudo do comportamento desse homem na história.

1.1 A humanidade e a história do amor no Velho Mundo

Neste item, apresenta-se a significação lexicográfica da palavra amor para se compreender melhor e sua evolução nos tempos.

Segundo Ferreira (2004, p.46), a palavra “amor” tem muitos significados, entre os quais se enumeram:

sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem; sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro, ou a outra coisa; inclinação ditada por laços de família; inclinação sexual forte por outra pessoa; afeição, amizade, simpatia; O objeto do amor: Amor a primeira vista: amor súbito, surgido no primeiro encontro; Amor carnal: o que está ligado ao desejo sexual; Amor livre: aquele que exclui a consagração religiosa e o casamento; Fazer amor: ter relações sexuais.

Como o amor deve ser entendido dentro do espaço e do tempo, faz-se necessário que se lhe trace uma breve trajetória.

Segundo Hunt (1963), muitos especialistas acreditam que o amor nasceu juntamente com a descoberta do fogo; não existem, entretanto, registros que mostram como eram os relacionamentos amorosos. Há uma crença generalizada de que, quanto mais primitivo o povo, mais instintivo deveria ser.

Segundo Fisher (2006), a escolha amorosa para os antepassados era isenta de laços sociais; os nômades escolhiam seus parceiros por afinidade, isto é, simplesmente pelo prazer da companhia. Com o sedentarismo, a estrutura familiar se consolidou; a agricultura foi introduzida, e a geração de descendentes passou a ser fundamental para o cultivo da terra. Os “casamentos”, assim, tornaram-se negócios lucrativos.

Segundo Hunt (1963), foram os gregos que criaram a palavra amor; eles foram os primeiros a criar uma forma de explicar este sentimento.

Na Grécia Clássica, o amor era considerado uma finalidade da vida, uma simples distração. As expressões amorosas, naquela época, não eram proferidas por homens e mulheres reciprocamente, mas por homens casados que desejavam suas cortesãs ou por homossexuais que cortejavam pessoas do próprio sexo.

Para Hunt (1963), o amor moderno teve início com o amor grego, mas as formas e os ideais ocidentais são bem diferentes dos orientais.

Existem três palavras gregas relativas ao amor: Eros (carnal), philia (amizade) e ágape (próximo ou espiritual).

Segundo Bento XVI (2006), o atual pontífice da Igreja Católica, os gregos cultuavam o deus Eros como uma divindade e, nos templos pagãos, aconteciam os chamados de “prostituições sagradas”, isto é, ocorriam orgias em forma de um culto àquele deus. O Antigo Testamento condenou essa forma de desvalorização, principalmente, do corpo da mulher.

Nessas práticas profanas, o amor Eros trazia a degradação da espécie humana e ficava longe do amor a Deus; era necessário que houvesse uma disciplina e uma purificação, isto é, um sentido para o amor e não para o prazer em si, o que era da ordem do instinto. O ser humano era concebido como composto de corpo e alma, e esses dois elementos deveriam estar unidos, pois, quando estavam separados, perdiam sua dignidade e sua grandeza. O amor Eros só tinha sentido quando se fundiam o corpo e a alma.

Segundo Rougemont (2003, p. 93), o amor ágape é a obediência a Deus, que ordena amar o próximo. O indivíduo deve abandonar o egoísmo, o desejo, o próprio eu e ajudar o próximo. “Além do mais, é um amor feliz – malgrado os entraves do pecado –, pois conhece a partir da vida terrena, na obediência, a plenitude de sua ordem”.

De acordo com Bento XVI (2006), no Novo Testamento, verifica-se o amor mais radical, pelo qual, Deus entrega seu filho único para morrer pela humanidade. Deus se une ao homem por meio de Jesus pela comunhão. Deus e o próximo estão unidos, num todo, é como se pode compreender o amor ágape. Fé, culto e ethos juntam-se no encontro com o amor ágape de Deus.

Conforme Del Priore (2005), por volta de 1750 a.C., foram registradas as declarações dos amantes, gravadas em tábuas de argila. Mais de um milênio depois, outras declarações amorosas e eróticas no livro *Cântico dos Cânticos*, como se pode verificar no fragmento transcrito a seguir:

[A] ah! Beija-me com os beijos de tua boca!
Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho,
e suave é a fragrância de teus perfumes;
o teu nome é como um perfume derramado:
por isso amam-te as jovens (BÍBLIA, 1998, p. 826).

Segundo Bento XVI (2006), no livro *Cântico dos Cânticos*, relatado no Antigo Testamento, constam poesias amorosas, supostamente escritas para uma festa de núpcias e parecem exaltar o amor conjugal, nas quais, aparecem duas palavras: “*dodim*” que exprime amor inseguro e “*ahabá*” que é traduzido como amor ágape, que determina a descoberta do outro, esquecendo do caráter egoísta que prevalecia. No “*ahabá*”, a busca do bem amado acontece por meio da renúncia a si próprio e da disposição para o sacrifício.

No século 8 a.C., Hesíodo, poeta grego, narrou, em seus versos, a origem do universo. Segundo o poeta, primeiramente, surgiu o Caos, o grande vazio essencial; depois, surgiram os

deuses primordiais e, entre eles, Eros, o deus do amor, responsável pela união e multiplicação de deuses e seres humanos.

Segundo Bulfinch (2000), Eros, mais conhecido como Cupido, era o deus travesso que pairava pelo universo, flechando o coração de deuses e de humanos. Em uma de suas aventuras, acabou flechando a si mesmo e apaixonou-se por uma mortal chamada Psiquê. Para ficarem juntos, Eros e Psiquê se submeteram a muitas provações, mas venceram todas as dificuldades e foram morar no Olimpo por toda a eternidade.

Na literatura, Ovídio, grande poeta grego, nascido em 43 a.C., confessava, em seus versos, o amor pelas mulheres; escreveu, em 8 a.C., um livro intitulado *A Arte de Amar* que era dividido em três partes; tratava-se de um manual com dicas para escolhas e conquistas amorosas. Para a época, o livro foi considerado uma leitura perigosa sob o ponto de vista moral. No início do livro, Ovídio fazia a seguinte recomendação.

Se alguém deste povo desconhece a arte de amar, que leia este poema e, uma vez por ele instruído, ame. É com arte que se manejam a vela e os remos que faz com que os barcos naveguem céleres; á a arte que permite aos carros correrem velozes; e a arte deve governar o Amor (NASO, 2007, p.23)

Por volta do século 2 a.C., quando a Grécia foi conquistada por Roma e sua cultura passou a ser assimilada pelos romanos, estes discutiam livremente sobre o amor e o sexo. O Império Romano reinou sobre a Grécia até por volta de 476 d. C.

No século V, com a queda do Império Romano e a chegada dos bárbaros, a harmonia no povoado desapareceu, e as pessoas passaram a se apegar à religião. A partir daquele momento, o amor passou a ser confundido com o sentimento religioso, e o casamento tornou-se cristão.

Após o século VIII, a Igreja impôs a monogamia, e o casamento tornou-se um contrato entre famílias. contrato esse que estabelecia a administração das fortunas e das propriedades

em comum, mas os reis da época continuavam a favor da poligamia para se manterem no poder e conseguirem muitas alianças políticas.

Com a reforma gregoriana, no século XI, a Igreja definiu que os casados deveriam respeitar a monogamia, e os clérigos deveriam se manter celibatários. Com essa definição, a poligamia diminuiu, mas não acabou.

Ainda, no período da Idade Média, no final do século XI, apareceram alguns sinais de mudanças em relação ao conceito de amor; os trovadores escreviam e cantavam em versos o amor cortês, puro e desinteressado.

Segundo Rougemont (2003), o amor cortês cantado pelos trovadores era a exaltação do amor infeliz. Existia somente um tema em toda a lírica, o amor insatisfeito e, nessa, apenas dois personagens: o poeta e a bela dama. Em suas palavras, o trovador “exalta o amor à margem do casamento, pois o casamento significa apenas a união dos corpos, enquanto o ‘Amor’ é a projeção da alma para a união luminosa, para além de todo o amor possível nesta vida” (ROUGEMONT, 2003, p.103). O poeta trovador conquistava sua amada pela música e pelas juras de fidelidade; por meio da cortesia, o amante ideal tornava-se servo de sua dama em busca do amor impossível.

No século XIII, por volta de 1215, o trovadorismo teve uma grande expansão, quando o Papa Inocêncio III elaborou a legislação do matrimônio, no Concílio de Latrão. Somente no século XV, em 1439, a legislação foi aprovada, mas em outro Concílio, no Concílio de Florença.

No século XV, surgiu oficialmente o contrato, e a Igreja impôs a indissolubilidade do casamento. Naquela época, a submissão da mulher era uma condição imprescindível do casamento, e o sentimento e a mulher não eram valorizados. No lugar do amor erotizado, foi imposto o amor ágape, pregado por Paulo apóstolo, discípulo de Jesus, no ano de 57 d.C. A tese de Paulo pregava o amor ao próximo, amigo ou inimigo, e a aceitação do batismo cristão.

Segundo sua tese, Deus nos ama com um amor de pai; esse amor gera o sacrifício de Cristo na cruz; a ressurreição gera vida nova e existe a glória pelo sofrimento e destruição da carne. Amar é, portanto, ter o dom da caridade, logo da ágape, mas não só. É possuir, igualmente, o dom da confiança, da solicitude, da decência, da verdade. Caso contrário, o indivíduo, mesmo imbuído de outras qualidades, não é nada (DEL PRIORE, 2005, p.76).

Kierkegaard (2007) afirma que, seguindo o preceito de que Deus é amor, o amor ao próximo, ágape, é maior do que a fé e permanecerá por toda a eternidade porque é um dever cristão. Tanto no amor Eros quanto no amor philia, é necessário que se conserve o amor ágape, observando as palavras do apóstolo Paulo, de que os cristãos devem ser colaboradores de Deus por meio de suas obras de amor.

No século XVI, nasceu Camões, em 1525, um grande poeta português, que cantava o amor nas líricas camonianas, usando a concepção platônica da relação amorosa irrealizável. A concepção platônica foi criada por Platão, nascido em 428 a.C., na filosofia, quando escreveu, em 385 a. C., o livro intitulado *Banquete*. Nessa obra, Platão usa a arte literária e faz um grupo de pessoas ilustres discutirem a noção do amor. A concepção do amor platônico seria de um amor inatingível, idealizado e nunca alcançado. O poeta Camões escreveu vários sonetos de amor, dentre os quais se elegeu o transcrito a seguir para efeito de ilustração:

Transforma-se o amador na coisa amada,
 Por virtude do muito imaginar;
 Não tenho logo mais que desejar,
 Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
 Que mais deseja o corpo de alcançar?
 Em si somente pode descansar,
 Pois consigo tal alma está ligada.

A esta linda e pura semidéia,
 Que, como o acidente em seu sujeito,
 Assim como a alma minha se conforma,

Está no pensamento como idéia;
O vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma

(CAMÕES, 2000, p. 24).

Com o término da Idade Média, a Igreja perdeu influência sobre a vida das pessoas, e os desejos individuais se reacenderam na forma do imortalizado casal Romeu e Julieta, criado por Shakespeare, em 1594, que inaugurou a idéia de que cada um deveria escolher o seu par amoroso.

Ainda no século XVI, o casamento foi exposto com grande importância pela Igreja, tornando-o uma instituição composta como um evento social com padre, cerimônia e altar.

Segundo Flandrin (1981, apud DEL PRIORE, 2005, p.74), o amor era bem mais complexo do que hoje: existia o amor platônico, o amor carnal, o amor casto e o amor paixão. Não havia a distinção entre o amor verdadeiro e o desejo, mas a Igreja condenava o amor profano e o excesso de amor entre esposos. Os trovadoristas cantavam o amor impossível. A Igreja afirmava que o amor carnal era somente para procriação, pois o desejo vinha do demônio.

No Renascimento, século XVI, ocorreu uma mudança significativa na vida social, e a mulher começou a ser valorizada. Na Idade Moderna, aconteceram algumas mudanças na sociedade: o Estado começou a interferir mais na vida dos cidadãos; aconteceram as Reformas Protestante e Católica; a divulgação da leitura e dos livros voltados a uma nova concepção platônica.

Para as Igrejas, o amor carnal tinha a finalidade exclusiva da procriação, fora do casamento, era considerado prostituição e sinal de perdição da alma.

Segundo Del Priore (2005), o casamento era considerado uma “educação dos sentimentos”; vivia-se sob o signo da domesticação do amor conjugal. A Igreja controlava a sociedade, oferecendo-lhe a salvação eterna, embasada nos escritos do apóstolo Paulo. A

atividade sexual fora do casamento era condenada. Por meio da confissão, a Igreja vigiava e tinha controle de quem não se adequava às regras.

Foucault (1990), sob uma abordagem arqueológica, resgata o surgimento da confissão na sociedade.

De acordo com suas pesquisas, nos séculos XVII e XVIII, existiram técnicas que constituíam indivíduos como elementos de um poder e de um saber. O indivíduo tornou-se um representante ideológico na sociedade, um ser fabricado para se submeter a um poder que foi chamado “disciplina”.

Durante muito tempo, a confissão era centrada no sexo e na punição de suas transgressões por meio da penitência, mas, a partir de mudanças no cristianismo, na pedagogia e na medicina, o enfoque foi direcionado, não se tratava mais de dizer como e o que foi feito, mas de ouvir a confidência dos prazeres individuais. A partir do século XIX, passou-se a sustentar um discurso diferente do que foi sustentado durante séculos.

Segundo Foucault (1990), a confissão é o rito essencial para a produção da verdade e tem poder nas ordens civis e religiosas. E ela faz parte da civilização ocidental, é e sempre foi motivo para desenvolver o poder-saber sobre o sexo. A palavra confissão tem origem no termo francês *aveu* que significa declarar, dizer, admitir, atestar algo sobre si mesmo.

Examinai, portanto, diligentemente, todas as faculdades de vossa alma, a memória, o entendimento, a vontade. Examinai, também, com exatidão todos os vossos sentidos... Examinai, ainda, todos os vossos pensamentos, todas as vossas palavras e todas as vossas ações. Examinai, mesmo, até os vossos sonhos para saber se, acordados, não lhes teríeis dado vosso consentimento... Enfim, não creiais que nessa matéria tão melindrosa e tão perigosa, exista qualquer coisa de pequeno e de leve (FOUCAULT, 1990, p. 23).

A confissão surgiu no séc. XIII, e foi, naquele momento, que o indivíduo ligou a verdade ao sexo, a matéria principal da confissão, revelando, sob repressão, um segredo. O

discurso exigido na confissão causava um efeito no confessante, por se tratar de um abuso, longe das sábias técnicas e místicas do prazer, tradicionais do oriente. Para Foucault (1990), a sociedade ocidental transformou o sexo em um saber científico lento e difícil.

Durante muito tempo, a confissão foi garantia de status: o indivíduo recebia o reconhecimento ou o valor que era atribuído por outra pessoa, ou seja, o confessor. Depois, o indivíduo passou a ser reconhecido pela própria produção da verdade, sem a necessidade de autenticação de outra pessoa: ele tinha valor por si só.

Com isso, a sociedade moderna tornou-se uma sociedade confessante, e a confissão espalhou-se por várias áreas: justiça, medicina, pedagogia, família, amor, cotidiano, rituais solenes. Passou-se, então, a se confessarem os crimes, os pecados, os pensamentos, os desejos, os sonhos, os passados, a infância, as doenças, as misérias em público ou em particular, aos pais, aos educadores, aos médicos, entre outros.

Na Idade Média, a confissão era acompanhada por tortura, e isso acontece ainda hoje, nos regimes de exceção, até em alguns regimes democráticos e interferiu na literatura e na filosofia, surgindo com ela uma infinita busca de si mesmo.

“Confessa-se – ou se é forçado a confessar” (FOUCAULT, 1990, p.59). Hoje, a obrigação da confissão não é percebida como um poder que constrange, mas como uma necessidade de liberdade, embora seja preciso estar iludido para acreditar num poder que orienta o indivíduo a dizer quem é, o que faz e o que pensa.

No século XVII, Miguel de Cervantes, poeta espanhol, escreveu em 1613, sobre o amor honesto e pudico, num livro intitulado *Novelas Exemplares*.

Os escritos sobre o amor começavam a invadir as casas, mas a submissão da mulher continuava e, por conseguinte, o lugar do amor paixão era reservado à literatura. Enquanto a literatura trazia o erotismo, a Igreja passava a ser mais vigilante em relação à moral dos fiéis,

pregando sobre o juízo final e imputava ao ato sexual perdição, impondo morte a quem a contrariasse.

Segundo Del Priore (2005), alguns autores, como Descartes, filósofo francês, tentaram explicar o amor como sensação vinda da emoção e do desejo.

Por volta de 1700, o romance, recém criado, era tomado pelo tema do amor e parecia brotar uma linguagem literária cada vez mais amorosa, enquanto o amor face a face era um desejo cada vez mais distante da realidade.

Do século XV ao século XIX, o amor matrimonial era visto radicalmente diferente do amor cantado em verso e prosa.

No século XVIII, falar sobre o erotismo constituía uma compensação para o vazio espiritual da classe abastada.

Durante séculos, a Igreja fez do casamento um sacramento da salvação para que os fiéis não se distanciassem de seu controle.

Em Portugal, o amor era considerado algo perigoso, e a maioria dos livros cujo tema era amor era ignorada ou condenada.

Desde o século XIII, na literatura, era exaltado o amor, mas Portugal foi o país mais dominado pelo clero e, depois, pela medicina. As censuras aumentaram a partir do Concílio de Trento, em 1542. Para a Igreja, o amor excessivo era considerado pecado e, para a medicina, doença.

Surgiram as comidas afrodisíacas vindas da Europa, do Novo Mundo (Ásia, África e América), para aguçarem o desejo, entre elas, hortelã, alho-poró e urtiga e, para moderarem o desejo, entre elas, cânfora, sementes de alface e melão. As pessoas começaram a experimentá-las e abusar do prazer inadvertidamente, e alguns, conforme a moral cristã, chegaram à conclusão de que o prazer que os afrodisíacos proporcionavam causavam diversos males ao corpo, no sentido espiritual e levavam os ao pecado.

A partir do século XIX, a idéia do amor se modificou, passando a existir um único amor: o amor paixão. Passaram a existir duas maneiras de encará-lo: como real ou literário. Na literatura, era possível a escolha do cônjuge; na vida real, o pai era quem escolhia. As pessoas que não podiam escolher seus cônjuges e viver um amor impossível começaram a buscar várias formas de encontros além das missas dominicais, como reuniões familiares, saraus, rezas e danças.

Segundo Leite (2007), na literatura, as danças eram mencionadas em diversos textos que eram lidos por diversas pessoas. Depois, com o surgimento da valsa romântica, foi possível ao casal uma aproximação física e isolada dos outros casais. Esse tipo de dança, para a época, tornou-se uma situação de perigo, fascínio real e potencial porque, no meio da valsa, aconteciam as declarações e as paixões entre os casais.

Com as inovações nas formas de encontros, a mulher começou a desejar a liberdade, o sexo e o bem querer; começou a queda da família patriarcal e a chegada da geração da família romântica.

No Velho Mundo, o amor passou por grandes transformações; no Brasil Colonial, não foi diferente e será abordado a seguir.

1.2 A história do amor no Brasil Colonial

Segundo Del Priore (2005), com a chegada dos portugueses ao Brasil, na época da colonização, criou-se um desejo de domesticação dos habitantes que aqui estavam. Os portugueses traziam orientações éticas, catequéticas, espirituais e uma nova forma de amar. A Igreja, por sua vez, explorava a dominação, exercia o poder sobre tudo e sobre todos. A determinação da organização familiar, por meio do casamento, para o controle da população, era uma herança desse exercício de poder. Entre os séculos XVI e XVIII, a Igreja procurava

controlar o desejo fora do casamento, por meio da confissão e do sermão, e punir as transgressões, por meio das devassas da Inquisição.

No Brasil, no período colonial, existiram dois tipos de comportamentos afetivos: o amor no casamento, considerado casto e continente, e o amor-paixão, considerado luxúria e pecado. O casamento, então, era considerado um fardo pesado que deveria ser suportado. Segundo Hunt (1963), assim como na Grécia Antiga, o casamento, no período colonial, não era nada romântico.

Na classe alta, a razão imperava sobre o amor; o casamento era visto como acúmulo de bens. Na classe baixa, não existia essa visão: as pessoas poderiam escolher outras por amor e viver fora da lei da Igreja.

Até esse período, o amor era visto como um negócio lucrativo. A partir do Concílio de Trento, o casamento forçado foi abolido, mas a beleza física da mulher era associada ao pecado; por essa razão, era necessário ignorar a beleza feminina e não valorizar o sexo; somente a procriação era permitida.

Os padres da época pediam aos fiéis que, ao se casarem, fizessem a escolha da igualdade, isto é, primeiro, verificassem as idades, segundo, as condições financeiras, depois, a saúde e, por último, a beleza, caso contrário, o casamento não vingaria.

Segundo as leis da Igreja, a partir dos 14 anos, os rapazes já poderiam contrair o matrimônio, e as moças, a partir dos 12 anos de idade, mas isso variava de acordo com os interesses familiares.

Muitos escritores tentaram impor um modelo de vida conjugal, por meio de seus livros, entre eles, D. Francisco Manoel de Melo que, em 1651, escreveu a *Carta de guia de casados*, o qual, fundamentado nas doutrinas da Igreja, tinha a intenção de promover a concórdia entre os casais.

Na literatura, o poeta Gregório de Matos, em 1623, conhecido como Boca do Inferno, também escreveu *Regras de bem viver*, parecido com um manual para os casais, em que a mulher sempre seria submissa ao seu marido.

No século XVIII, o significado do amor era somente o bem querer, pois a paixão só traria desordem e desgraça, o grande perigo do inferno, mas a Reforma Católica não foi aprovada por todos, tampouco seguida: a população aumentou, e as igrejas tornaram-se templos da perdição.

Constantes eram as denúncias feitas pelas mulheres da colônia contra os padres que as assediavam constantemente, dentro da Igreja ou fora dela. O lugar do culto tornou-se o lugar do pecado e da depravação.

Os homens que não eram padres, para conseguirem serviços sexuais, prometiam, às donzelas, roupas, jóias e casamento, mas, depois que conseguiam os serviços, largavam-nas desonradas.

No Brasil, a partir daquele momento, “[A] a sedução fabrica-se, pois, com a palavra, o gesto e o escrito” (DEL PRIORE, 2005, p. 48). Todas as formas de manifestação de amor, como códigos de conversação, tocamientos tímidos e bilhetes, eram usadas para expressão dos sentimentos.

Com o passar do tempo, os amantes foram usando magias, crenças, feitiçarias para sedução. Aumentam o homossexualismo e os conflitos em relação ao zelo e à violência. Naquele momento, “o casamento católico parece apagado pela sedução que conduz ao adultério e termina impondo o concubinato” (DEL PRIORE, 2005, p. 56).

No Brasil colonial, as mulheres eram discriminadas pelo preconceito e pelo desprezo, não lhes sendo estendidas as mesmas leis que regiam os homens. As famílias eram separadas nas senzalas; os casamentos não duravam na classe alta, e eram comuns os filhos de pais variados, o que gerava muita violência e morte.

1.3. Século XX – A revolução sexual

Houve uma grande mudança no final do século XIX e início do século XX, constituindo o início da época republicana no Brasil; lentamente, os indivíduos começaram a se libertar do poder da Igreja e do Estado e passaram a ver o amor como estrutura de uma relação.

Segundo Sevcenko (1998 apud Del Priore, 2005, p.231), a transição da economia internacional afetou o poder, as noções de tempo e de espaço e a organização dos sentimentos humanos. Houve, determinado pelo capitalismo, um avanço científico e tecnológico que refletiu na transformação do cotidiano e nas formas de relacionamento da sociedade moderna. Houve um crescimento com a urbanização: a chegada dos imigrantes; o controle da natalidade; o casamento civil; os medicamentos contra as doenças e contra os micróbios. Aflorou o casamento romântico, nas zonas rurais e urbanas, e essa forma dominava a época.

Com toda essa evolução, ainda reinava a discriminação social; famílias não aceitavam as misturas das raças, mesmo já tendo acontecido a abolição. Continuava predominando o racismo, as diferenças sociais, econômicas e educacionais.

No início do século XX, a mulher continuava sendo discriminada em seus direitos, político e civil, mas as modinhas amorosas continuavam, era preciso cantar o amor e todo o tipo de amor. As músicas e as danças aproximavam as regiões, as pessoas, os hábitos e evoluíam os relacionamentos. Os corpos foram ficando mais à vontade; surgiram os esportes, os novos vestuários e a moda avançava vinda da Europa. Os encontros de homens e mulheres foram ficando mais comuns em eventos sociais.

As mudanças estavam acontecendo, mas a mulher continuava sendo inferiorizada pela Igreja e pelo Estado; toda ameaça contra o casamento, principalmente o divórcio, era criticada. Tudo que pudesse ferir a integridade da família e do casamento causavam grandes

reações; continuava a idéia de que o casamento trazia a felicidade, e o amor conjugal era admitido somente para efeito de procriação. As feministas tornam-se motivo de pena. É possível perceber que, naquela época, “o casamento era mais um lugar de respeito do que do prazer” (DEL PRIORE, 2005, p.255).

A repressão sexual da mulher era constante e estava relacionada com a moral e os costumes da época, existindo um grande abismo entre a fantasia e a realidade.

Com o término da Primeira Guerra Mundial, o Ocidente teve de ser reinventado. Com a chegada da moda e da dança, houve a descoberta de uma “nova mulher”, e esses primeiros anos foram chamados de “Anos Loucos”. As cidades civilizadas concederam lugar aos membros da elite para experimentarem novas formas de amor, sob a forma de um amor livre e mais adequado para cada um, mas ainda recebendo muitas críticas. Os crimes passionais tornaram-se mais comuns, e novos estudos debatiam essas reações. Os mais debatidos eram os crimes cometidos como reação ao adultério feminino; por se constituir uma sociedade machista, a honra masculina era de profundo valor e não poderia ser manchada jamais e, quando manchada, só seria lavada com sangue. O adultério masculino, de acordo com o Código Penal de 1890, não era penalizado, aumentando a discriminação da mulher.

As mulheres eram discriminadas também nas frentes de trabalho, nas indústrias, eram comparadas a prostitutas. Os jornais, com mentalidade machista, criticavam as mulheres que trabalhavam, argumentando que aquelas mulheres eram seduzidas pelo mundo moderno, pelo feminismo e pelo anarquismo, passando ao submundo da “vida fácil”. As mulheres trabalhadoras eram tratadas como “presas fáceis” no mundo moderno, sendo assediadas por seus chefes e por seus companheiros de trabalho.

Nos anos 30, nasceu a música popular brasileira e, com ela, o letrista “confessa sua angústia, sua fraqueza, sua dor, seu desejo” (DEL PRIORE, 2005, p.268). A mulher era vista

como a doméstica (submissa), a piranha (desfrutável) e a onírica (idealizada) e tornou-se o tema principal do samba, gênero musical em surgimento.

Depois, o amor começou aparecer nas telas de cinema e, juntamente, os filmes musicais, centrado no amor cortês, mas o casamento continuava a ser considerado a solução para todos os problemas.

Assim, a “máquina de difusão do amor” que é o cinema proporciona uma espécie de valorização do casal solidário, em um mundo em transformação. Eles dançam, cantam, sapateiam, abraçam-se, pulam, flutuam no ar e os problemas se desvanecem. Quanto ao público, ele chora, canta junto, sai do cinema, compra o disco e, se tem sorte de um braço para afagar, tanto melhor (DEL PRIORE, 2005, p.276).

O namoro sério só acontecia depois de “se tirar uma linha”, isto é, da avaliação da moça ou do rapaz interessado. O namoro, depois de amadurecido, assumia o caráter de compromisso e precisava do consentimento dos pais da moça. O rapaz tinha de expressar aos pais seu interesse pela moça e a intenção de, com ela, casar-se. Depois do consentimento, os jovens tinham permissão para namorar até nove horas da noite, mas somente com um acompanhante.

As moças que se aventuravam nas experiências sexuais antes do matrimônio só tinham três alternativas: a prostituição, o celibato ou o casamento arranjado.

No final dos anos 30 e no início dos anos 40, o contato físico estreitava-se. As telas do cinema começaram a mostrar os beijos mais demorados e tornaram-se sinônimos do namoro. As mulheres começaram a se tornar mais fáceis, e aquilo causava um desencantamento em alguns homens que diferenciavam as mulheres para um namoro sério e para o casamento e outras para um relacionamento imediato e passageiro.

Nos anos 40, Vinicius de Moraes (1913-1980), poeta, compositor e cantor, cantava o amor paixão na música popular brasileira. Em 1958, compôs juntamente com Tom Jobim

(1927-1994), pianista, compositor e cantor, a música “*Eu sei que vou te amar*”, registrando a felicidade de quem ama de verdade, sucesso até os dias atuais.

Mesmo depois da Segunda Guerra Mundial, a tradição impunha para a sociedade o amor submisso, racional, sem paixões, sob a crença de que somente esse levava à felicidade. Ainda, segundo essa tradição, os maridos poderiam ser infiéis, mas as mulheres não. Segundo Leite (2007), a situação do homem casado era sempre mais cômoda porque a sociedade permitia, ele poderia buscar relações mais prazerosas sem a necessidade de renunciar à sua família.

Na metade do século XX, as revistas femininas tinham o papel de formar opinião; o destino das mulheres em geral seria de ser mãe e dona-de-casa, e a participação no mercado de trabalho ficaria para os homens.

Em 1942, foi instituído o desquite, mas os desquitados não eram bem aceitos pela sociedade e sofriam preconceitos. Os homossexuais também sofriam bastante com a discriminação, e o homossexualismo era tratado como doença.

Entre os anos 40 e 60, as adolescentes eram convidadas a ler textos da *Biblioteca das Moças*, coleção constituída de pequenos romances, que incentivavam a espera do príncipe encantado. Os adolescentes liam quadrinhos eróticos, comprados às escondidas.

Nos anos 50, o modelo das moças era da recatada, chamada “moça de família” e, dos rapazes era o “bom rapaz” que adquiria experiência somente com as prostitutas.

O “bom partido” era o rapaz honesto e trabalhador, capaz de manter a família com conforto. “Amor e uma cabana” só na música. “Se a fome batesse na porta, o amor pularia pela janela”. O amor era importante para vida em comum? Sim. Mas não só. Uniões em que houvesse diferenças de classes, problemas familiares e dificuldades financeiras não tinham garantia de dar certo, nem com muito amor (DEL PRIORE, 2005, p.290).

Entre as décadas de 60 e 70, explodiu a “revolução sexual”: chegaram, ao Brasil, a pílula anticoncepcional e o rock’and’roll. A pílula assegurava o sexo livre, e a música trazia a rebeldia de alguns jovens diante do autoritarismo adulto. Bob Dylan, cantor e compositor americano, trazia, em suas músicas, as idéias de paz, sexo livre, drogas e amor. Com essa transformação, um maior número de pessoas começaram a acreditar que amor e prazer poderiam ser aceitos. A Igreja começou a aceitar o amor físico e espiritual sob a forma de interação, focalizando a paternidade responsável por meio do planejamento feito por métodos naturais.

As relações começaram a mudar; alguns jovens escapavam dos laços familiares e começavam a se encontrar em festas, festivais, esportes, escolas, universidades e cinemas. Após a Segunda Guerra, houve a multiplicação das boates e casa noturnas, deixando homens e mulheres mais livres, a dança tornava-se o passaporte para o amor.

Com as mudanças comportamentais, o corpo passou a ser visto com mais erotismo, e as carícias passaram a ser generalizadas, e se instituiu o início do prazer para todos, sem mais haver a penalização da mulher que deixava de obedecer à Igreja e ao Estado e passava a buscar o prazer.

No início da década de 70, ressurgiu o movimento feminista, e teve início o movimento gay que causou um grande impacto na hegemonia masculina.

O amor, o casamento e a sexualidade passaram a ser tratados na imprensa, na música, no cinema ou na televisão como temas conflituosos para a sociedade, porque abordava o amor romântico. Mesmo com tantas transformações, o casamento continuava a ser ponto de referência para a sociedade, e o homem, o juiz da mulher.

Apesar da revolução dos costumes, do movimento feminista e de muitas mudanças, o homem continuava a desempenhar seu papel descompromissado; e a mulher, sua passividade na família tradicional.

Nas últimas décadas do século XX, surgiu um novo movimento que buscava separar a sexualidade do casamento e do amor. O que se observa é que

[E] em toda a história do amor, o casamento e a sexualidade estiveram sob controle; controle da Igreja, da Família, da comunidade. Só o sentimento, apesar de todos os constrangimentos, continuava livre. Podia-se obrigar indivíduos a viver com alguém, a deitar com alguém, mas não a amar alguém (DEL PRIORE, 2005, p.312).

Nos anos 80, a sexualidade e o casamento começaram a escapar do domínio da Igreja, o divórcio deixou de ser visto como motivo de vergonha, e os casais passaram a ser tratados igualmente perante a lei.

De acordo com Del Priore (2005), hoje, vivem-se a liberdade sexual e a supervalorização do amor, mas deseja-se um amor para toda a vida, sem crise, como nos sonhos e, como tal, um amor ideal, não o real.

1.4 Amor Líquido

Sob uma perspectiva pós-moderna que perdeu as certezas do modernismo, Bauman (2004) mostra que não se pode aprender a amar nem a morrer, porque, quando chega, o sujeito é surpreendido e não pode mais escapar. No que diz respeito ao amor, ele pode adquirir experiências para um novo relacionamento, mas, em se tratando da morte, ele não tem como aprender, uma vez que só vivenciará essa experiência uma única vez. Por essas experiências se percebe “a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e, ao mesmo tempo, mantê-los frouxos” (BAUMAN, 2004, p. 8).

Antigamente, havia a definição romântica “até que a morte os separe”, mas ela caiu totalmente em desuso. Atualmente, as relações amorosas relatadas pelos sujeitos pós-

modernos são bastante dolorosas. O amor é tratado como uma habilidade, segundo a qual, quanto mais experiências o sujeito tem, mas ele é aceito pela sociedade. Esse caráter técnico atribuído ao amor, cujo efeito é o relacionamento rápido, para que o sujeito dê início a outros relacionamentos, determinou a sua fragilidade.

Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino – aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido (BAUMAN, 2004, p. 21).

No relacionamento amoroso, haverá sempre o desconhecimento do futuro, o desejo de conquista, com muitos riscos e problemas, mas o sujeito pós-moderno vive numa sociedade consumista, e o consumismo vem sempre carregado da rapidez, instantaneamente, sem esforços, com poucas garantias e com direito à devolução. São também essas as promessas do aprendizado da arte de amar, comparada a uma mercadoria com resultados maravilhosos. Esse caráter consumista acaba colocando o desejo e o amor em lados opostos: o desejo quer a liberdade, o consumismo; o amor quer a possessão, a duração. O sujeito deve escolher, mas “sem humildade e coragem não há amor” (BAUMAN, 2004, p.22), uma vez que o amor deve ser uma contribuição para o mundo do eu que está amando.

O relacionamento na sociedade significa um investimento, e “estar num relacionamento significa muita dor de cabeça, mas, sobretudo, uma incerteza permanente. Nunca se poderá estar plena e verdadeiramente seguro daquilo que se faz – ou de ter feito a coisa certa ou no momento preciso” (BAUMAN, 2004, p.29).

Para o autor, o fracasso do relacionamento na sociedade líquida está na falha de comunicação entre os casais, que, a despeito dessa falha, acreditam que “prosseguir tentando e fracassar nas tentativas é humano, demasiadamente humano” (BAUMAN, 2004, p.35).

No mundo digitalizado, existem as relações de curta duração, chamadas de “relações

de bolso”; são relações instantâneas, em que não há nada de amor, nada de desejo e nada de paixão; há somente a disponibilidade do momento e, entretanto, não atender a essa nova ordem do discurso determina, ao sujeito, seu apagamento uma vez que “o silêncio equivale à exclusão” (BAUMAN, 2004, p.54). É nesse sentido que os sujeitos, mais do que serem sempre convidados a “apertar o botão” e encontrar uma nova relação imediata e indolor, são impingidos a essa ação.

A consequência ao atendimento dessa ordem do discurso é que a sociedade consumista traz para os relacionamentos depressão, crises, traumas e insegurança. A solidão, entretanto, também traz esses males, o que faz deles constitutivos da pós-modernidade: mesmo sendo auto-suficiente, sente-se incompleto e insatisfeito, se não estabelecer relações com o outro.

O sujeito solitário busca sanar sua solidão utilizando-se das novas tecnologias por meio de sites de relacionamento, mas não percebe que “os *sites* têm uma coisa em comum: todos oferecem serviços individuais a quem procura a satisfação individual e a fuga individual aos desconfortos sofridos individualmente” (BAUMAN, 2007, p.107).

A falta de amor traz graves consequências para as relações amorosas e familiares e atinge a sociedade, dificultando ao cidadão conviver com o outro em sociedade. O sujeito carente desse sentimento percebe o seu próximo, inclusive os seus próprios filhos, como objeto de consumo, transformados em “objetos de consumo emocional” e investimentos, já que “os filhos estão entre as aquisições mais caras que o consumidor médio pode fazer ao longo de toda a sua vida” (BAUMAN, 2004, p.60).

Essa vida consumista ameaça o convívio humano e favorece a leveza e a velocidade das relações. Hoje, o compromisso duradouro parece uma armadilha que deve ser evitada, mas, como é preciso fazer escolhas, o sujeito precisa do outro, do contato físico, do

compartilhamento de espaços e experiências. E, por essa razão, os relacionamentos humanos da sociedade líquida refletem uma ordem social pautada por riscos socialmente produzidos.

Por sua vez, a “revolução das comunicações” trouxe o afastamento dos seres humanos e a conseqüente banalização das relações amorosas. Eles não se dão conta de que “[E] estar conectado é menos custoso do que estar engajado – mas também consideravelmente menos produtivo em termos da construção e manutenção de vínculos” (BAUMAN, 2004, p.82). Os *realities shows* são a prova cabal da descartabilidade dos seres humanos; não se deve confiar em si, uma vez que todos são suspeitos. A vida é precisamente esse jogo, encenado pela televisão, mas que constitui uma representação da realidade material.

Bauman (2004, p.98) postula que o amor ao próximo é o ato fundador da humanidade e “a sobrevivência de um ser humano se torna a sobrevivência da humanidade no humano”, mas a pós-modernidade, em seu caráter líquido, está colocando em risco este ato fundador.

A vida solitária de tais indivíduos pode ser alegre e é provavelmente atarefada – mas também tende a ser arriscada e assustadora. Num mundo assim, não restam muitos fundamentos sobre os quais os indivíduos em luta possam construir suas esperanças de resgate e a que possam recorrer em caso de fracasso pessoal. Os vínculos humanos são confortavelmente frouxos, mas, por isso mesmo, terrivelmente precários, e é tão difícil praticar a solidariedade quanto compreender seus benefícios, e mais ainda suas virtudes morais (BAUMAN, 2007, p.30).

A sociedade pós-moderna, representada pelas relações descartáveis, que se mostram a solução para os problemas, traz as conseqüências para a esfera pública. Os países industrializados buscam fazer do mundo uma grande aldeia global com um único eixo econômico, político e ideológico, fortalecendo a homogeneização, desrespeitando e excluindo as culturas locais, agravando as discriminações racial, cultural e religiosa. Bauman (2004) faz um alerta questionador, lembrando que “em nenhuma outra época a intensa busca por uma humanidade comum, assim como a prática que segue tal pressuposto, foi tão urgente e

imperativa como agora”. Para o autor, é necessária uma nova mudança para as falhas do sujeito pós-moderno que foi tomado pelo desejo e pela liberdade e fragilizou os laços da sociabilidade.

Neste item, apresentou-se o amor líquido que constitui a condição sócio-histórica da produção do discurso; o sujeito descomprometido com o outro e com a sociedade, revelado pelas e nas novas tecnologias, doravante denominado sujeito líquido, será abordado no capítulo 3.

CAPÍTULO 2 – VIRTUAL

Este capítulo apresenta a trajetória da revolução da comunicação e seus efeitos para o homem pós-moderno na sociedade líquida. Esse homem contemporâneo mostra-se liberal e, ao mesmo tempo, conflituoso com a evolução trazida pelo advento da Internet que afeta tanto sua vida como seus valores e sentimentos.

2.1 A humanidade e a revolução das comunicações

Segundo Lévy (2003), a revolução das comunicações, tendo como fato marcante o aparecimento do ciberespaço, é apenas uma parte da grande evolução antropológica. A partir de então, “[A] a humanidade reconecta-se consigo mesma” (LÉVY, 2003, p.183).

Para o autor, a história da humanidade começou com o *Homo erectus*, na África Oriental, por volta de um milhão e trezentos mil anos antes de Cristo. Naquela época, os humanos quase não falavam; apenas o faziam rudimentarmente. A linguagem só foi plenamente desenvolvida pelo *Homo sapiens*, que parece ter surgido na região dos grandes lagos africanos e, provavelmente, falavam a mesma língua ou línguas parecidas, estando diretamente ligados uns com os outros.

A partir dessa origem insondável, desde esse ponto de partida unitário quase mítico, a humanidade separa-se, dispersa-se: afastamento geográfico, divergência de línguas, separação progressiva das culturas, invenção dos mundos subjetivos e sociais e cada vez menos comensuráveis (LÉVY, 2003, p.184).

Para Lévy (2003), a história da humanidade se divide em três fases.

Na primeira fase, a sociedade de caçadores-coletores, devido ao crescimento da população, passou pelo processo de separação e começou a ocupar outros lugares; aconteceu a

cisão do grupo e os subgrupos começaram a buscar novos horizontes e passaram a ocupar todos os continentes.

Na segunda fase, aconteceu a revolução neolítica, ou seja, “a grande mutação técnica, social, cultural, política e demográfica cristalizada na invenção da agricultura, da cidade, do Estado e da escrita” (LÉVY, 2003, p. 184-185). A humanidade tornou-se sedentária, expandiu-se e acumulou bens, mas ainda sobreviveram alguns grupos isolados de caçadores-coletores. Para o autor, um primeiro aparente sinal de conexão aconteceu nessa fase: ocorreu a estruturação dos territórios, conectando as regiões, por meio das relações comerciais; entretanto a humanidade ainda continuou fragmentada.

Na terceira fase, que compreendeu o período do fim do século XV até os dias de hoje, a partir da “descoberta” da América por Cristovão Colombo, um navegador português, a reconexão aconteceu. Novas transformações foram observadas na demografia, na política, na economia e na comunicação.

No final da Idade Média e, ainda, na metade do século XX, grande parcela da humanidade trabalhava com a agricultura e com a pecuária. A revolução industrial apontou para uma nova situação, mais especificamente, apareceu como um acontecimento que conduziu à revolução informacional. Com a automatização dos trabalhos agrários, o homem deslocou-se para o “inautomatizável”, isto é, direcionou sua mente à criatividade, à iniciativa, à coordenação e à relação. Os homens se encontravam conectados entre si por meio de redes de comunicação nas diferentes cidades, numa só “megalópole virtual”.

Segundo Lévy (2003), entre o século XVIII e XIX, a evolução e a multiplicação da população foi muito grande no continente europeu. No século XX, acontecem os deslocamentos da população de uma região para outra. A humanidade, então, não pôde mais ser considerada nômade, mas também não pode ser considerada sedentária, uma vez que vive numa “sociedade urbana mundial”.

Esta nova condição "móvel", multiplicando os contatos, contribui para o reencontro e a reconexão da humanidade consigo mesma. De fato, uma vez o planeta explorado (no paleolítico), conquistado (neolítico), posto em relação (tempos modernos), o crescimento demográfico não leva à separação e ao afastamento, como no tempo dos caçadores-coletores, mas, ao contrário, conduz à intensificação dos contatos em escala planetária (LÉVY, 2003, p.187).

Com a chegada do progresso, as invenções trouxeram grandes avanços para a sociedade; para o autor, elas não podem ser separadas do aperfeiçoamento das comunicações. A chegada dos computadores e do ciberespaço anuncia supostamente a banalização das viagens e do turismo.

Um computador e uma conexão telefônica dão acesso a quase todas as informações do mundo, imediatamente ou recorrendo a redes de pessoas capazes de remeter a informação desejada. Essa presença virtual do todo em qualquer ponto encontra, talvez, o seu paralelo físico no fato de que um edifício qualquer de uma cidade grande contém elementos materiais vindos de todas as partes do mundo, concentrando conhecimentos, competências, processos de cooperação, uma inteligência coletiva acumulada ao longo dos séculos, com a participação, de alguma maneira, dos mais diversos povos (LÉVY, 2003, p.187-188)

Segundo Bauman (1999), nessa evolução, com a rede mundial de computadores, surgiu um espaço cibernético para o mundo humano e “as distinções entre aqui e lá não significam mais nada” (BAUMAN, 1999, p. 25).

Segundo Lévy (2003), à medida que o homem se conecta com o seu grupo, os laços vão se estreitando e as proximidades vão se efetivando.

Segundo Uyeno (2005a), o mundo contemporâneo exige atualização, inclusão digital, e a Internet se apresenta como uma nova ordem do discurso, e as palavras de ordem da atualidade são atualizar e virtualizar.

O domínio dessas tecnologias intelectuais dá uma vantagem considerável aos grupos e aos contextos humanos que as utilizam de maneira adequada.

Ocorre, além disso, o favorecimento do desenvolvimento e da manutenção de processos de inteligência coletiva, posto que, ao exteriorizar uma parte das nossas operações cognitivas, as tecnologias intelectuais digitais as tornam, em ampla medida, públicas e disponíveis (LÉVY, 2003, p.192)

Segundo Lévy (1996, p.15), na filosofia escolástica, é “virtual” o que existe em potência e não em ato. O que é “virtual” tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. Um exemplo citado pelo autor, para demonstrar essa definição, seria a árvore que está “virtualmente” presente na semente.

Tudo que existe em volta do homem, dos cenários de programas de televisão até possíveis apresentadores, atingiu um conceito de “virtual”. É difícil definir o que é real e o que é “virtual”.

Segundo Lévy (1996, op.cit.), o “real” seria da ordem do **tenho**, enquanto o “virtual” seria da ordem do **terás**. O “terás” significa pura e simples ausência de existência (ilusão); e o “tenho”, um estado pré-definido.

Segundo Pereira e Werlang (2004, p.16), o conceito de “virtual” tem mudado no decorrer dos séculos. Na atualidade, esse termo está relacionado aos meios de comunicação, em especial, ao computador.

É difícil de se estabelecer a distinção entre o “virtual” e o real, uma vez que o homem contemporâneo vive esse conflito, por não conseguir discernir as relações entre o público e o privado, o que se explica com a teoria de Lévy (1996, p.24) sobre o “Efeito Moebius”, segundo o qual, vive-se a impossibilidade de determinar a passagem do interior ao exterior e a vice-versa. Assim, um exemplo seria o indivíduo trabalhar em sua residência, estabelecendo uma empresa “virtual” e não separar, em seu dia-a-dia, suas tarefas pessoais das profissionais.

O ciberespaço, atualmente, é o sistema mais avançado e rápido de toda a história da comunicação, pois combina a reciprocidade na comunicação com a partilha de um contexto, gerando uma comunicação interativa e coletiva.

Segundo Lévy (2003), a *Word Wide Web* (WWW) foi a maior revolução da escrita. Os usuários passaram, com seu invento, a poder publicar diversos tipos de textos e torná-los acessíveis a um grande público; ela seria um imenso hipertexto utilizando uma comunicação “de todos para todos” (LÉVY, 2003, p.196), propiciando uma interação entre os usuários.

A *Word Wide Web* (WWW) foi criada por Tim Berners Lee, em Genebra, para ajudar nas pesquisas entre os físicos. Esse sistema foi disseminado e se expandiu entre os cibernautas.

A partir de então, o homem se deparou com os computadores e com o conceito virtual que teve uma nova significação. A palavra virtual no campo tecnológico, há algum tempo, foi sinônimo de ficção científica; hoje, com a Internet, o sujeito tem uma nova realidade: a realidade virtual é o “estar presente sem ter ido”. Nas palavras de Lévy, a realidade

virtual conecta-nos tecnicamente e de imediato, através de vínculos hipertextos, com páginas de outros documentos, dispersas por todo o planeta, que remetem indefinidamente a outras páginas, a outras gotas do mesmo oceano mundial de signos flutuantes (LÉVY, 2003, p. 202).

A página da Web articula vários pontos de vista, significando que sempre haverá lugar para mais um. O ciberespaço trouxe a liberdade de comunicação. “Virtualmente, não há mais separação entre os proprietários e os outros”, mas a humanidade continua a viver “o universal sem totalidade” (LÉVY, 2003, p.204).

A Internet provocou uma revolução nas comunicações e nas relações interpessoais, mas trouxe muitos efeitos ao homem pós-moderno.

Sob o ponto de vista de bem tecnológico, a Internet tem sido vista como o mais recente avatar. Entretanto, sob o ponto de vista de seus efeitos sobre as relações humanas, a Internet ainda evoca, em muitos, a figura da esfinge: “conecta-te e decifra-me ou eu te devoro” ordena ela. “Atualizar o virtual e virtualizar tudo que é atual” são as palavras de ordem dos seus guardiões (UYENO, 2005a).

Para Hall (2005), o homem moderno encontra-se num processo de integração junto à difusão das informações. Nesse processo, passa de sujeito unificado para fragmentado, sofrendo as conseqüências desta evolução irreversível cujo conjunto é denominado de “crise de identidade”. Para o autor, essa crise de identidade afeta e transforma a identidade pessoal do sujeito, ou seja, o sujeito deixa de ser integrado para se tornar descentrado do seu lugar no mundo.

Hall (2005) distingue três concepções de identidade para o sujeito. Na primeira concepção, considerada individualista, o sujeito é chamado de “sujeito do Iluminismo”. Esse sujeito é considerado centrado, unificado, racional, voltado para o eu interior. Na segunda concepção, baseada na interação entre o sujeito e a sociedade, o sujeito é chamado de “sujeito sociológico”. Esse sujeito reflete a relação com as outras pessoas. Na terceira concepção, baseada no deslocamento do sujeito contraditório, o sujeito é chamado de “sujeito pós-moderno”. Este sujeito é considerado sem identidade fixa.

Para Rudiger (2002), com o desenvolvimento das tecnologias de interação e com a chegada da esfera pública virtual, o sujeito se tornou cada vez mais instável, múltiplo e difuso.

Determinado pela sociedade ciberneticizada, o sujeito estaria, virtualmente, assumindo novos papéis e identidades. Segundo Rudiger (2002), por meio da realidade virtual, o sujeito volta a ser individualista, livre e separado da sociedade.

A tendência do século vindouro, por isso, parece que é uma socialização cada vez mais tecida de indiferença, distância, insularidade e egoísmo, pontuada por relacionamentos breves e superficiais, ainda que evidentemente intensos (RUDIGER, 2002, p. 114).

No ciberespaço, existe a tentativa da reprodução da realidade, mas a manipulação da identidade e a seriedade dos dados são bem menores que na realidade vivida no cotidiano.

Segundo Rudiger (2002), pesquisas mostram que, quando alguns sujeitos projetam suas imagens no espaço virtual, tendem a ser mais agressivos ou menos controlados do que quando estão vivendo o cotidiano. Isso se explica porque a

[A] Internet tende a reproduzir as contradições do mundo real, embora não todas, além de conferir-lhes novas qualidades: facilita sem dúvida a participação, mas seu tipo tende a ser sobretudo o da participação irresponsável. As pesquisas mostram que nela os conflitos são tão comuns quanto no mundo real, porém tendem a ser menos intensos porque, é deixado subentendido, praticamente não há laços de fidelidade, estáveis entre os integrantes das chamadas comunidades online, sobretudo as surgidas com a Internet (RUDIGER, 2002, p. 122-123).

Para o autor, as novas tecnologias virtuais são um sintoma, uma resposta à sociedade contemporânea, um meio de o sujeito combater o mal-estar gerado pela pós-modernidade, mas são, também, uma contribuição para a construção do próprio eu, de uma identidade mais apropriada para cada sujeito.

O espaço virtual seria um laboratório de experiências para o sujeito em crise de identidade. Esse sujeito conflituoso participa de uma nova era e precisa se adaptar às novas tecnologias.

2.2 O Sujeito e a Internet

As novas tecnologias influenciam muito na vida pública e privada do sujeito, uma vez que ele pode estar aqui ou do outro lado do mundo, sem sair de seu quarto.

Segundo Coracini (2006), essas novas tecnologias provocam no sujeito uma sensação de poder.

Segundo Kleiman e Vieira (2006), o sujeito contemporâneo tem mobilidade e acesso livre dentro do ciberespaço. Com essa nova liberdade, não requer presença física, o sujeito se

isenta da responsabilidade com o grupo, como aconteceria se estivesse participando da sociedade tradicional.

Para Kleiman e Vieira (2006), a interação por meio do computador tem mudado princípios que regem a vida social tradicional, e isso modifica a identidade de cada sujeito que se conecta. O discurso cibernético torna-se homogêneo, uma vez que

não apresenta variação e, por essa razão, o sujeito torna-se linear. Este aparato tecnológico lhe permite limpar o discurso, maquiá-lo e transformá-lo no intuito de preservar a face. [...] a ausência de marcas discursivas recortadas pela presença dos sujeitos na interação face a face gera uma homogeneidade discursiva, livre de emoções tão presentes no discurso de interação face a face e de determinados aspectos culturais e sociais (KLEIMAN e VIEIRA, 2006, p.127).

No espaço cibernético, o sujeito perde a oportunidade de perceber os significados, porque não está face a face com o seu interlocutor, vive no anonimato; transforma-se, assim, num sujeito da mídia, num sujeito da pós-modernidade, sem as características marcantes do sujeito moderno.

Segundo Coracini (2006), ao mesmo tempo em que aproxima os sujeitos, a Internet também os afasta.

A tecnologia está invadindo o mundo, e as novas formas de comunicação estão se instalando, fazendo com que o sujeito virtual ocupe cada vez mais espaço e necessite de ajuda para enfrentar essa nova forma de vida que afeta todos os aspectos de convivência em sociedade, na qual, se inserem as relações institucionais escolares, foco desta dissertação.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DE DISCURSO DE LINHA FRANCESA

Este capítulo apresenta os conceitos centrais da Análise de Discurso de perspectiva francesa nos quais se fundamenta a pesquisa empreendida por esta dissertação.

Neste capítulo, traça-se a trajetória dos estudos lingüísticos até que atinjam a Análise de Discurso de linha francesa; apresenta-se o seu desenvolvimento ao longo das suas três fases e abordam-se os conceitos que sustentam a análise.

É oportuno que se explicita que as divisões do percurso da Análise de Discurso de perspectiva francesa que se realizam a seguir tiveram, apenas, o intuito de tornar mais perceptíveis os dispositivos de análise que pertencem a diferentes fases desse percurso.

3.1 Antecedentes da Análise de Discurso

Segundo Sargentini (1999), o estudo dos textos começou na Antiguidade com a necessidade da argumentação. Aristóteles privilegiou o estudo da linguagem para fins persuasivos e artísticos com o estudo da retórica. Embora esses estudos tenham sido importantes, não contribuíram para a elaboração de uma análise sistemática do texto.

Na década de 20, formalistas russos começaram os estudos do discurso e é possível destacar alguns nomes como Propp, com a análise estrutural dos contos populares russos, e Jakobson, com a teoria do imanentismo, isto é, do estudo do texto por si só.

Segundo a autora, somente na década de 60, o texto começou a ser visto como objeto de estudo científico e que começou a ser pensada uma teoria de análise de textos.

Nas primeiras décadas do século XX, o estruturalismo lingüístico, criado por Saussure (1972), estudou a linguagem como um sistema separado da fala (*parole*) e postulou

que a língua (*langue*) era essencial e independente do indivíduo, e que a natureza do signo era arbitrária. Essa perspectiva não se preocupou com a fala, com o mundo, com o sujeito e com a condição histórica; focalizava apenas a estrutura e o sistema da língua, ficando somente nos limites da frase.

Segundo Faraco (2004), Ferdinand Saussure (1857-1913) é considerado o pai da lingüística moderna; seus estudos sincrônicos inspiraram Roman Jakobson (1896-1982) e Nikolai Troubelzkoy (1890- 1938).

Segundo Faraco (2004), os estudos de Saussure condicionaram a construção de uma ciência sincrônica e autônoma da língua que tratava somente da linguagem. Surgiu a idéia da imanência, da língua em si mesma e para si mesma. Saussure trouxe a idéia de língua como um sistema de signos independentes. Existe a possibilidade dessa teoria ter sido resultado do trabalho de Willian Jones (1746-1794) que entrou em contato com o sânscrito e observou que a língua era parecida com o grego e o latim. Esta hipótese desencadeou um estudo comparativo entre essas línguas e deve ser considerado como período de investigação, segundo Raymond Willians (1921-1988). Com esses estudos, chegou-se ao princípio de que as línguas sofrem uma mudança no tempo; em 1786, William Jones apresentou seus estudos à Sociedade Asiática de Bengala e foi considerado o primeiro estudioso a levantar a hipótese da origem comum entre as línguas estudadas, o marco simbólico do início da lingüística.

À primeira vista, o gesto de Saussure pareceu uma ruptura com o século XIX, mas é possível pensá-lo como continuidade, como consistência formal de que as línguas humanas são organizadas. Segundo Lobato (1986), em Saussure, a base é social, fora do falante (*langue* e *parole*).

Benveniste (1976) introduziu a idéia de que havia uma contradição na arbitrariedade do signo, sob a argumentação de que conceito e imagem eram constituídos juntos e, por essa razão, a união entre significante e significado era necessária. Benveniste criticava o

estruturalismo concebido por Saussure, argumentando que ele deixava de fora o sujeito, isto é, que desconsiderava a existência de alguém por trás da comunicação e que a linguagem ficava reduzida à "terra de ninguém". Benveniste preocupava-se em apontar a subjetividade na língua, concebendo uma gramática de texto com base no modelo distributivo de Harris, que mostrava a possibilidade de se analisar os enunciados, isto é, os discursos e não somente as frases.

Segundo Sargentini (1999), é possível definir três momentos para o desenvolvimento da análise de texto: o da análise transfrástica, o da gramática textual e o da teoria do texto.

No primeiro momento, da análise transfrástica, o estudo do texto não estabelecia que o texto era uma unidade autônoma, mas uma seqüência de enunciados significativos, partindo da frase para o texto. Nesse momento, aconteceu a organização dos elementos lingüísticos.

No segundo momento, das gramáticas textuais, o estudo do texto passou a ter sentido, e a preocupação ampliou-se para o estudo do que estava dito no texto e como o texto dizia aquilo.

No terceiro momento da teoria do texto, apareceram a análise pragmática e a introdução da problemática da enunciação e de sua relação com o enunciado, permitindo uma análise global do texto; a preocupação centrava-se na relação entre texto e contexto.

Todos esses momentos permitiram o desenvolvimento dos estudos do discurso a partir da enunciação.

Segundo a autora, os estudos lingüísticos adotavam a conceituação do texto como manifestação do discurso e apresentavam vários níveis de análise, mas ainda estavam focados na estrutura textual. A partir de então, a Análise de Discurso começou a comparar diversas correntes e inserir os conceitos de sujeito, história e heterogeneidade discursiva.

Atualmente, há vários tipos de Análise de Discurso, não somente do discurso político.

Os estudos do discurso apóiam-se em outras áreas e têm por objeto a Análise de Discurso na enunciação e no lugar onde ele ocorre.

A seguir, será abordado o surgimento da Análise de Discurso.

3.2 O Surgimento da Análise de Discurso

Na década de 60 e 70, apareceram diversos trabalhos em diversas linhas de pesquisa sob o nome de discurso. Na Alemanha, surgiu a Lingüística Textual. Na França, surgiram a teoria semiótica de caráter imanentista e a Análise de Discurso que passou a ser nomeada de linha francesa. Na Inglaterra, criou-se a teoria dos atos da fala. No Brasil, todas essas teorias eram consideradas como Análise de Discurso.

Segundo Sargentini (1999), a Análise de Discurso de linha francesa nasceu na década de 60, dentro do estruturalismo.

Segundo Ilari (2004), o estruturalismo lingüístico apareceu no Brasil em 1960 e, naquela época, a lingüística foi reconhecida como disciplina autônoma. Em 1960, Starobinsky começou a realizar trabalhos sobre anagramas, uma preocupação de Saussure. Em 1970, o estruturalismo era tratado como a orientação mais importante e surgiram duas faces de lingüistas: o gramático e o filólogo e houve dois focos de irradiação: no Rio de Janeiro e em São Paulo.

No Rio de Janeiro, atuou Joaquim Matosso Câmara Junior, que criou o Setor de Lingüística do Museu Nacional. Ele foi um estudioso da lingüística americana e européia, fiel ao estruturalismo de Praga, mas divulgou as idéias dos lingüistas Edward Sapir e Roman Jakobson.

Em São Paulo, o estruturalismo lingüístico se fez presente nos cursos da USP em que atuaram Cidmar Teodoro Paes, Izidoro Blikstein e Eni Orlandi. Eles eram formados por

bolsistas da França e tinham condições de estar em contato com leituras de Hjelmslev, André Martinet, Bemard Pottier, Roland Barthes e Algirdas J. Greimas, além de Saussure. Neste contexto, foi observado o desenvolvimento de muitas linhas de investigação saussurianas, mas muito diferentes entre si.

J. Dubois e Pêcheux, seus introdutores, partiram de pontos diferentes e iniciaram uma corrente da Análise de Discurso. A Análise de Discurso privilegiava a interdisciplinaridade, articulando pressupostos teóricos da Lingüística (Saussure), do Materialismo Histórico (Marx) e da Psicanálise (Freud). Dubois, lingüista e lexicógrafo, participou da elaboração de dicionários e de uma revista. Pêcheux era um filósofo e apresentou reflexões na área de ciências humanas. Ambos elegeram inicialmente o discurso político como objeto dessa disciplina. Para Dubois, a Análise de Discurso tinha uma incorporação natural do sujeito e do contexto aos estudos lingüísticos. Pêcheux criou um programa de análise automática de discurso (AAD-69), buscando acolher a exterioridade do texto, conforme segue.

A proposta discursiva de Pêcheux que passou a se constituir a vertente francesa passou por três fases.

Houve uma primeira fase que ficou conhecida como Análise Automática do Discurso (AAD). Em 1969, Pêcheux apresentou uma metodologia para o desenvolvimento de um analisador sintático, apoiando-se na metodologia distributiva de Harris procurando analisar a exterioridade do texto e superar a análise do conteúdo. Nesse sentido, suas bases teóricas continuaram estruturalistas. Nessa fase, o discurso ficava restrito a um conjunto de enunciados homogêneos, fechados em si e possíveis de serem analisados por uma máquina lógico-semântica. Ocorreu o empréstimo da teoria marxista de ideologia, do sujeito assujeitado trazido por Althusser (1974), na qual ele afirmava que a ideologia atuava na constituição de sujeitos sociais que tinham a ilusão de serem livres.

Nesse primeiro momento, Pêcheux opõe-se à tese do inatismo e do sujeito intencional. Ele teoriza a ilusão de o sujeito ser a fonte do próprio discurso que era analisado como estável e homogêneo e que tinha começo e fim predeterminados.

A segunda fase teve início em 1975, quando o questionamento do sujeito do e no discurso leva Pêcheux a, embora persistir na crença na máquina discursiva, levantar outras questões e a considerar as contribuições de Benveniste referentes à subjetividade na linguagem. Ele empresta, também, a noção de formação discursiva formulada por Foucault (1996); segundo a qual, a formação discursiva é a manifestação de uma formação ideológica e refere-se ao que pode ou não ser dito, sob determinação do lugar que o sujeito ocupa num momento sócio-histórico.

Segundo Pêcheux (1975), o sujeito apropria-se da linguagem para construir o discurso e introduz a noção de interdiscurso, isto é, um dizer já pré-existente, já dito, na sociedade; e ainda pesquisa com vista à validação da máquina, porém ainda mantém a noção do assujeitamento.

Pêcheux implode a máquina discursiva e começa a observar as condições de produção no contexto sócio-histórico como fatores determinantes do discurso. A noção de homogeneidade do discurso é abandonada e a visão do sujeito homogêneo, consistente desaparece. A partir desse momento, para Pêcheux, que se inspira nas reflexões de Bakhtin (1926) sobre dialogismo e de Authier-Revuz (1990) sobre a noção do discurso marcado pela heterogeneidade enunciativa, o sujeito deixa de ser visto como uno e passa a ser visto como heterogêneo, dividido entre o inconsciente e o consciente. A partir desse momento, os estudos passam a considerar o discurso do “outro”, baseado na releitura por Jacques Lacan da obra de Freud sobre a teoria do inconsciente.

A terceira fase teve início em 1983 e, embora Pêcheux continuasse assumindo como base os três pilares da Análise de Discurso na perspectiva francesa: História, Linguística e

Psicanálise, centrou-se com mais afinco na tese de Milner de inspiração lacaniana e admitia a *alíngua*, isto é, o real da língua.

A *alíngua* nomeada por Milner (1987, apud UYENO, 2007b) seria uma matéria constitutiva da língua materna ou qualquer outra língua que seja. É possível considerar a língua materna como a figuração mais direta da *alíngua*, isto é,

para além de seu sentido jurídico-político de língua do país onde se nasceu ou de seu sentido antropológico-social de primeira língua com que se introduziu no mundo da cultura – no sentido de que é a língua pela qual enuncia os mais caros desejos, de que é a língua pela qual se expressa e, portanto, se inscreve no mundo (UYENO, 2007b).

A língua autoriza à *alíngua* uma permanência que auxilia no ato da escrita. Na teoria milneriana, o poema é considerado um suporte para que o real toque o inconsciente, isto é, para que se transcreva na *alíngua* o que é impossível escrever. Assim, como no poema, qualquer escrita pode provocar a *alíngua*.

Com todas essas novas reflexões, ocorreu a possibilidade da reformulação teórica da Análise de Discurso, a qual cessa, com a morte de Pêcheux, em 1983.

Observando-se o percurso da concepção do sujeito, fica impossível separar a constituição do sujeito da constituição do seu discurso, que envolve duas grandes linhas: a do sujeito uno, controlador de sua enunciação e do sujeito marcado e incapaz de controlá-la.

O sujeito da Análise de Discurso de perspectiva francesa é exatamente esse último que, para além de não ter controle sobre um dizer sócio-histórico e ideológico que repete sob a ilusão de que o discurso lhe pertence, não consegue conter as irrupções do inconsciente.

3.3 Sujeito e Discurso

O discurso é o objeto de estudo da Análise de Discurso de linha francesa, necessita da linguagem para ter existência e está em constante transformação. Isso leva Orlandi a afirmar que “O discurso é assim palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2005, p.15).

Para se compreender a língua enquanto discurso e o sujeito que o enuncia, deve-se ter em vista as condições de produção da linguagem e os processos sócio-históricos e ideológicos.

Segundo Orlandi (2005), a Análise de Discurso de linha francesa concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.

Fernandes (2005), resumindo os estudos pècheutianos, afirma que o sujeito não é um ser individualizado, mas deve ser sempre considerado um ser social, coletivo e participante de um dado momento da história. Esse sujeito é constituído de diversas vozes sociais e é marcado pela heterogeneidade e pelos conflitos. É também sujeito do desejo e demonstra sua manifestação por intermédio da linguagem.

Pêcheux (1975), a partir dos conceitos de dialogia baktiniana e de assujeitamento ideológico de Althusser (1974), postula que o sujeito discursivo é cindido, não é o centro do seu dizer e, sim, reproduz de vários dizeres, não tendo controle sobre os efeitos de sentido de seu discurso. Essa postulação se sustenta nas teorias do esquecimento.

3.3.1 Teoria do Esquecimento

Segundo Pêcheux (1975), o sujeito caracteriza-se por duas formas de ilusão ou dois esquecimentos no discurso.

Segundo Orlandi (2005), o esquecimento nº 2 é da ordem da enunciação. Quando o sujeito fala, faz de uma maneira e não de outra, indicando que o dizer poderia ser outro, muitas vezes sem consciência disso.

Segundo esse esquecimento, o sujeito tem a ilusão referencial, a impressão da realidade do pensamento e acredita que o que pensa só pode ser dito daquela maneira, esquecendo que não tem controle sobre a linguagem. O sujeito fala sob a ilusão do entendimento do outro. Esse esquecimento é parcial, semiconsciente e se relaciona ao intradiscurso, isto é, à formulação de um discurso a partir da realidade; daí o discurso ser afetado pelas contradições. Este esquecimento é também chamado enunciativo, ou seja, o modo como o sujeito fala não é indiferente aos sentidos.

O esquecimento nº 1 é da ordem ideológica e acontece inconscientemente, isto é, de acordo com que o sujeito é afetado pela ideologia, mais especificamente, segundo esse esquecimento, o sujeito tem a ilusão de que é dono do seu próprio dizer, de que seria de sua própria autoria a origem do sentido. O sujeito tem, enfim, a ilusão de poder controlar o seu dizer, quando, na verdade, retoma sentidos que já existem.

O sujeito fala, pensando que as palavras são dele, quando, na verdade, enuncia, sob o esquecimento, um interdiscurso, isto é, um dizer pré-existente, já dito, na sociedade; mais do que interdiscurso, ele fala afetado pela memória discursiva, porque toma como suas as palavras de uma voz anônima (da memória histórica) que se produz no interdiscurso (pré-existente, já dito). É nesse sentido que “quando nascemos, os discursos já estão em processo e nós que entramos nesse processo” (ORLANDI, 2005, p.35).

Esses esquecimentos ou ilusões são necessários ao sujeito para que a linguagem perpassa os sujeitos e produza sentido, mas ele não é responsável pela sua enunciação. Enunciando sob esses dois esquecimentos, o discurso é marcado pela heterogeneidade, que

remete a um sujeito constitutivamente heterogêneo, já que sujeito e discurso são indislináveis. Essa questão será abordada mais adiante.

3.3.2 Imaginário

Outro conceito formulado por Pêcheux, necessário para se entender a relação estabelecida entre o sujeito e o seu discurso, é o do imaginário. Segundo Orlandi (2005, p. 39), um discurso aponta para outros que o sustentam, assim para dizeres futuros.

Pêcheux (1975) empresta o conceito lacaniano de imaginário e define que as formações imaginárias, que determinam os discursos, resultam de processos discursivos anteriores. É, nesse sentido, que as formações imaginárias se manifestam por meio da antecipação, das relações de força e de sentido. Na antecipação, o sujeito enuncia de acordo com o efeito de sentido que pensa estar produzindo no outro, por meio do processo da argumentação. Nas relações de força, o lugar de onde o sujeito fala constitui o que ele diz, e essas relações são sustentadas pelo poder. Nas relações de sentido, existe um processo discursivo contínuo em que um discurso se relaciona com o outro, determinado por um jogo de imagens nas relações discursivas. Essas relações são imaginárias e constituem as condições de produção de um discurso.

Segundo Uyeno (2005b), resumindo os esquemas pècheutianos, as imagens determinam a enunciação de cada sujeito.

São imagens (as representações) que o ilocutor tem de seu lugar (IAA), do lugar do outro (IAB) e do referente do discurso (IR), e as imagens (as representações) que o ilocutor tem do seu lugar (IBB) e do lugar de seu locutor (IBB) que determinam os lugares de A e de B que, por sua vez, determinam as enunciações (UYENO, 2005b).

Sendo assim, no interior das instituições, é possível pensar em lugares ocupados por alunos e professores. As falas e atitudes desses sujeitos fazem parte de um sistema de representação, de um jogo discursivo que se estabelece pela interação em sala de aula. Por meio desse jogo de imagens que são projetadas e pré-estabelecidas na sociedade, os professores e alunos reproduzem dizeres próprios desses lugares.

A seguir, será abordada a heterogeneidade constitutiva.

3.3.3 Heterogeneidade Discursiva

A heterogeneidade discursiva é um termo utilizado pela Análise de Discurso para mostrar que todo discurso é interpelado por outros discursos e, esses diferentes discursos mantêm-se relacionados entre si.

Para elaborar o conceito de heterogeneidade discursiva, Authier-Revuz (1990), visando à construção de uma teoria que considerasse a presença do outro no discurso que enuncia, apoiou-se nos trabalhos sobre o dialogismo bakhtiniano e sobre a psicanálise e na abordagem do sujeito em relação à linguagem, inicialmente teorizada por Freud e relida por Lacan. A partir desses estudos, teorizou duas formas de heterogeneidade: a constitutiva e a mostrada.

Na heterogeneidade constitutiva, o sujeito constitui-se implicitamente pela interação, pelo entrelaçamento de diferentes discursos, envolvendo vários sujeitos no cotidiano, socialmente, sendo difícil captar a presença do outro. A heterogeneidade constitutiva traz a presença de diferentes vozes constitutivas do sujeito, isto é, implícita, na voz do sujeito.

Embora lingüista, reconhecendo a parcela psicanalítica do discurso, Authier-Revuz (1990) reflete sobre a relação do sujeito com a linguagem. O sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer e acredita que tem o poder de controlá-lo, mas esquece que, em seu

discurso, está presente o “outro”. Essa reflexão revela o inconsciente, conceito freudiano, segundo o qual, ocorrem, no discurso, manifestações psíquicas do/no sujeito, que são incontroláveis pelo consciente e dão espaço à manifestação do desejo.

Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado, barrado (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.28).

Os efeitos de sentido produzidos pelo sujeito descentrado estão fora de seu controle e de seu alcance e são perpassados pelo inconsciente e pelo interdiscurso.

Na heterogeneidade mostrada, o outro se apresenta explicitamente no discurso do sujeito e é identificado na materialidade lingüística do texto por meio de marcas lingüísticas. O sujeito tem a ilusão do domínio do discurso. A heterogeneidade mostrada divide-se em duas: marcada, isto é, visível na materialidade lingüística e não-marcada, isto é, desprovida de visibilidade.

3.3.4 Formações Discursivas

O sujeito da linguagem materializa em seu discurso, a realidade pelo entrelaçamento de diferentes discursos em diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais.

A noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso (ORLANDI, 2005, p.43).

Segundo Orlandi (2005), a partir da leitura de Pêcheux, há dois pontos a serem ressaltados sobre a formação discursiva.

O primeiro ponto seria sobre o discurso e seus sentidos. As palavras não têm sentido nelas mesmas, mas das formações discursivas em que se inscrevem e que são representadas no discurso das formações ideológicas. Então, tudo o que o sujeito diz apresenta um traço ideológico. A ideologia e a linguagem se articulam e se afetam reciprocamente.

As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória (ORLANDI, 2005, p.43).

As formações discursivas são constituídas pela contradição porque são heterogêneas e definidas a partir de seu interdiscurso, isto é, da memória discursiva, de algumas formulações feitas e já esquecidas que determinam o que se diz, o já-dito. Para que as palavras do sujeito tenham sentido, é preciso que elas já façam sentido, e elas o fazem nas formações discursivas.

O segundo ponto seria a compreensão dos diferentes sentidos pela referenciação à formação discursiva. As palavras semelhantes podem ter diferentes sentidos em diferentes formações discursivas. Esses sentidos dependem das condições de produção do discurso que constituem o momento sócio-histórico em que o sujeito vive e a situação de enunciação imediata do discurso.

O sujeito discursivo, assim, se constitui pela ideologia e pela sua inscrição na formação discursiva.

3.4 Sujeito

Para além dessas condições que determinam a enunciação do sujeito, há que se considerar, para efeito de análise que esta dissertação assume, a impossibilidade de o sujeito conter dizeres da ordem do inconsciente. São esses componentes que fazem do discurso constitutivamente heterogêneo o que remete a um sujeito heterogêneo. Há que se considerar,

ainda, as formas pelas quais os sujeitos do inconsciente se estruturam, dos quais se fazem necessários o sujeito do desejo e o sujeito líquido.

3.4.1 Sujeito do Desejo

O sujeito cindido, de que fala Pêcheux (que toma de empréstimo de Lacan) constitui o sujeito psicanalítico, isto é, um sujeito incapaz de controlar seu inconsciente e que fala do lugar de onde está identificado como um significante.

Nesse sentido, podemos pensar o inconsciente como expressão, através de suas irrupções na fala do cotidiano, de um desejo que é em si mesmo estranho e inassimilável. Na medida em que o desejo habita a linguagem – podemos dizer que o inconsciente está repleto de tais desejos estranhos (FINK, 1998, p.26).

Segundo Fink (1998), a linguagem flui no indivíduo por meio do discurso e molda seus desejos e fantasias; sem a linguagem, assim, não haveria desejo nem sujeito. Nos conceitos lacanianos, o sujeito se constitui por meio de dois processos denominados como “alienação” e “separação”. No primeiro processo, o da alienação, a criança, ao assujeita-se ao Outro, desaparece, mas acaba por ganhar algo e, essa escolha se faz necessária para que a criança se torne um sujeito “da linguagem” ou “na linguagem”.

Portanto, no conceito de alienação postulada por Lacan, é possível entender a criança de certa forma, como tendo escolhido a sujeição à linguagem, como tendo concordado em expressar suas necessidades através de um meio distorcido ou da camisa-de-força da linguagem e como tendo permitido ser representada por palavras (FINK, 1998, p.72).

No segundo processo, o da separação, há o confronto do sujeito com o Outro, não como linguagem, mas como desejo. A criança foi desejada pelos pais, por diferentes motivos e isso afetou a sua presença física no mundo.

Nesse sentido, *o sujeito é causado pelo desejo do Outro*. É possível compreender tal afirmação como uma descrição da alienação em termos do desejo, não apenas em termos de linguagem, embora o desejo e a linguagem sejam somente a urdidura e a trama do mesmo tecido; a linguagem é permeada pelo desejo e o desejo inconcebível sem a linguagem, e feito da própria matéria-prima da linguagem (FINK, 1998, p.72-73)

Se a alienação é a causa do sujeito pelo desejo do Outro (baseada na falta), a separação consiste na tentativa de lidar com esse desejo do Outro. A falta e o desejo, assim, são co-extensivos.

“Essa falta – necessária – aparecerá na consciência do sujeito, a partir dos deslocamentos e condensações, sem que ele a identifique, constituindo os mecanismos dos sonhos, dos chistes e dos sintomas neuróticos” (UYENO, 2000).

É por meio do discurso e do desejo do Outro que o sujeito constrói a sua imagem, buscando as relações simbólicas, isto é, interpessoais, que ocorrem por toda a vida, por meio dos laços sociais.

As relações simbólicas são aquelas que ocorrem com o Outro como linguagem, conhecimento, lei, carreira, academia, autoridade, moral, ideais, e assim por diante, e com os objetos designados (ou, termos mais fortes exigidos) pelo Outro: notas, diplomas, sucesso, casamento, crianças – todas essas coisas associadas à angústia na neurose (FINK, 1998, p. 111-112).

Nas relações simbólicas, é possível considerar o sentimento amor, tema dessa dissertação; “[O] o amor visa o ser, isto é, aquilo que, na linguagem, mais escapa – o ser que, por um pouco mais, ia ser, ou, o ser que, justamente por ser é talvez muito próximo de o

significante sê-lo, é talvez o ser no comando, e que há o mais estranho dos logros” (LACAN, 1985, p. 55).

Segundo Kaufmann (1996), os estudos lacanianos apresentam o sujeito como assujeitado do desejo do sujeito ao desejo do Outro; por essa razão, “Amar é essencialmente querer ser amado”. O amor nesse sentido poderá ser considerado o amor narcísico, postulado por Freud, segundo o qual, o sujeito, numa relação amorosa, ama a si mesmo e quer ser objeto de desejo do desejo do outro.

No amor, o que se visa, é o sujeito, o sujeito como tal, enquanto suposto a uma frase articulada, a algo que se ordena ou pode se ordenar por uma vida inteira. Um sujeito, como tal, não tem grande coisa a fazer com o gozo. Mas, por outro lado, seu signo é suscetível de provocar o desejo. Aí está a mola do amor (LACAN, 1985, p.69).

O desejo sempre se dirige a outro lugar, a um resto que se constitui na relação do sujeito com o Outro. O desejo torna-se objeto do próprio desejo, isto é, aquilo que causa desejo, denominado por Lacan de “objeto *a*”. O desejo não necessita da satisfação, mas sim da manutenção; ele deseja e continua desejando sempre (HARARI, 1997, apud UYENO, 2007b).

Baseando-se nas teorias de Freud, Birman (2005) afirma que, o sujeito desejante passa por impasses na contemporaneidade entre a possibilidade e a impossibilidade de sonhar.

O sonho é a realização do desejo e, para que o sujeito deseje, ele deve fantasiar. Assim, o desejo se ordenará e se incorporará no sujeito, e a fantasia incorporada é capaz de distanciar a presença da morte.

Uyeno (2007a) afirma, baseada nos estudos lacanianos feitos a partir das teorias freudianas, que o sujeito não aceita o êxito porque isso implica o esvaziamento de si mesmo, afastando-o do desejo e aproximando-o do gozo e, como tal da morte, então, aparece a angústia que se encontra entre o desejo e o gozo. O sujeito sempre deseja algo, mas, diante

desse desejo, nasce a angústia, relacionada à ameaça de finalização do desejo. A angústia, assim, é necessária, pois sustenta o desejo e evita o gozo. O desejo será sempre ilusório e impulsiona o sujeito a uma busca constante que nunca será satisfeita.

Para Freud (1987, apud UYENO, 2007b), o desejo está no centro do sujeito, move e dá alento ao existir, transformando o mundo e a linguagem. A principal função do desejo é afastar e proteger o sujeito da morte.

3.4.2 Sujeito Líquido

Segundo Birman (2005), atualmente, os sujeitos passam pela impossibilidade de desejar e de fantasiar, em razão da decretação do fim das ideologias em nome da ciência e da tecnologia, gerando o fim da sociedade.

O sujeito sofre, em consequência desse fim, uma crise identificatória. O sujeito passa por um mal-estar e este mal-estar, atua no corpo (busca da boa forma), na ação (liberação da agressividade) e na intensidade (explosão contra o outro). No que diz respeito ao amor, afetados por essa crise, alguns sujeitos vivem o amor líquido, sobre o qual se discorreu no capítulo um, relativo ao amor.

Não se pode deixar de pensar que essa crise de identidade afeta o mundo contemporâneo; a criminalidade e a violência aumentam no mundo pós-moderno, revelando uma crueldade nunca vista antes; as perturbações da ordem da ação aparecem e são chamadas compulsões por drogas, comidas, consumo; as perturbações psíquicas também aparecem.

O sujeito, ainda segundo Birman (2005), atualmente, por apresentar pouca simbolização, isto é, capacidade de imaginação, descarrega-se de forma brutal na sociedade, realizando duas passagens: uma passagem do ato sobre o corpo, sob a forma de produção de

sintomas psicossomáticos e outra sobre o mundo, sob a forma de passagem ao ato e às compulsões.

A causa do mal-estar coletivo é a falta de temporalização dos processos psíquicos, isto é, o sujeito não pode mais antecipar o que poderá acontecer de perigoso no mundo. Isso causa perturbações traumáticas no indivíduo. O sujeito, não podendo se antecipar ao perigo, pela produção da angústia, teorizada por Freud, passa a ser atingido por ela, de maneira brutal, por meio de traumas.

Para Birman (2005), o excesso de intensidade faz com que o sujeito se sinta estranho em relação a si mesmo e apresente perturbações psíquicas, como a depressão. Essa perturbação é caracterizada pelo vazio. Com tantos conflitos vivenciados, ao sujeito resta apenas as possibilidades da descarga e da passagem ao ato, seja sobre o corpo ou sobre o mundo, para não ser absorvido pela voracidade intensiva. Birman (2005) escreve sobre a cena apresentada na atualidade que é a cena teatral revelada “pela sociedade do espetáculo”, em que o olhar e a especularidade passam a dominar a experiência psíquica. O sujeito passa a viver numa sociedade dominada pelo discurso da ciência e da tecnologia e vive a degradação da experiência psíquica e social. Birman (2005) alerta, baseado em Bauman (1999), que, com todas essas transformações, o sujeito passa por uma corrosão de caráter e que a globalização traz, para a sociedade atual, a delinqüência e a criminalidade.

A seguir, serão abordados, aspectos relativos à Escola e à escrita, por constituírem componentes que tiveram participação nas condições imediatas de produção do discurso.

CAPÍTULO 4 – ESCOLA E ESCRITA

Tendo discorrido sobre o amor e sobre a Internet que constituem as condições sócio-históricas dos discursos produzidos por alunos do nível de ensino médio de uma escola da rede pública estadual da cidade de São José dos Campos, neste capítulo, expõem-se alguns aspectos relativos à Escola e à escrita que constituem componentes mais imediatos de condição dos discursos a serem analisados.

4.1 Surgimento da Escola

A Escola surge, juntamente com a disciplina, no seu sentido de controle que se estabelece sobre os indivíduos, com o objetivo de produzir “corpos dóceis”, isto é, indivíduos que sejam disciplinados e úteis à sociedade, conforme abordagem a seguir.

Foucault (2006) fez uma abordagem da loucura à sexualidade, da história da prisão ao nascimento da Escola. O filósofo se preocupou, também, com as ciências e como elas foram constituídas; estudou a ética, os filósofos e a importância de cada época; preocupou-se com a importância do poder na sociedade e com a constituição do indivíduo.

Em sua obra *Vigiar e Punir*, Foucault (2006) mostra como a vigilância e o adestramento eficaz do corpo são necessários ao indivíduo, no sentido de lhe conferir uma forma de que não dispõe antes dessa vigilância e desse adestramento.

Durante a época clássica, a atenção foi voltada para o corpo como objeto de poder, e Foucault (2006) descobriu que, numa sociedade, o corpo tem limitações, proibições ou obrigações. Diante da evidência da ineficácia da punição com a morte do indivíduo que se fazia de forma violenta para surtir efeitos de exemplos e conseqüentemente a interdição de delitos, houve a necessidade de se repensarem as punições para o indivíduo que não se

enquadrava na sociedade, com correções, sem ferir a dignidade do sentenciado, tornando-o um “corpo-dócil” e útil para a sociedade.

As novas técnicas criadas para controlar o corpo e impor uma relação de docilidade-utilidade foram chamadas de “disciplinas”. Essas técnicas já existiam em conventos, em exércitos e em oficinas, e se tornaram fórmulas de dominação.

O disciplinamento, segundo Foucault (2006), é diferente da escravidão, da domesticação, da vassalagem e do ascetismo, por tornar o corpo mais obediente e mais útil. A disciplina fabrica corpos submissos e se apropria do tempo e do espaço do indivíduo, capitalizando-os e transformando-os sob controle. O sistema se apropria do corpo do trabalhador, do doente, do soldado e do estudante sob as mesmas técnicas, para transformá-lo no indivíduo necessário para a sociedade.

Existe uma distribuição dos corpos no espaço, para que o sistema funcione adequadamente; criam-se espaços complexos, mas, ao mesmo tempo, arquiteturais, funcionais e hierárquicos, para se promover um controle e disciplinamento eficaz. E nesse sentido, existe, também, um controle das atividades de cada indivíduo, pela administração do tempo para as práticas coletivas.

Dessa forma, a disciplina se destina a fabricar indivíduos controlados num sistema permanente. Do controle, a disciplina passa para o adestramento e necessita de instrumentos simples: o olhar hierárquico; a sanção normalizadora e o exame.

A vigilância precisava do olhar; então, foram criados observatórios que, por meio de técnicas para sujeitá-lo e utilizá-lo, passaram a permitir um saber novo sobre o indivíduo. No acampamento militar, o poder é exercido pela vigilância. Na oficina, na escola e no exército, existe uma penalidade de tempo, de atividade, do corpo; é utilizada, paralelamente, toda forma de humilhação. O castigo é marcado como um corretivo, por um processo de gratificação de sanção, de treinamento e de correção.

O exame utiliza as técnicas da vigilância e da sanção: vigia, qualifica, classifica e pune. O exame constitui o indivíduo como efeito e objeto do poder e objeto do saber. Cada indivíduo é um “caso” que pode ser medido, comparado, treinado, classificado e normalizado, assim como nos hospitais.

O exame, segundo o autor, estaria relacionado à confissão, abordada no capítulo um desta dissertação, e se manifesta, na sociedade, como um dispositivo de extração da verdade e de poder, criado pela Igreja.

De acordo com Foucault (1990), o poder sobre o indivíduo teve duas formas. Pela primeira forma, a partir do século XVII, o poder se exerceu por meio de técnicas usadas para a dominação do indivíduo e para o controle da população. Pela segunda forma, no século XVIII, o Estado preocupou-se com a natalidade, mortalidade, fecundidade.

Até o final do século XVIII, o poder estava centralizado na justiça e na religião. Depois, várias mudanças ocorreram, mas “o importante talvez não esteja, no nível de indulgência ou de repressão, mas na forma do poder exercido” (FOUCAULT, 1990, p.42). As proibições do Estado e da Igreja continuavam e, com elas, o controle da sexualidade infantil, do homossexualismo, o aparecimento do medo e da culpa, o poder descobre o prazer, e a sociedade impõe o sexo somente ao casal legítimo.

Em sua obra *Microfísica do Poder*, Foucault (1984) observa que o poder deixa o indivíduo com a ilusão da liberdade. Nesse aspecto, o poder massifica a sociedade, deixando o indivíduo sem identidade e tornando-o igual ao outro, mas é, nesse momento, também, que se constrói o desejo de mudança, de se diferenciar do outro; nasce a oposição ao poder e um novo conhecimento é gerado e em seus últimos estudos, o sujeito objeto do poder e sob o seu exercício tem acesso a algum conhecimento sobre si como se verá com a escrita: incitado a escrever sobre si, o sujeito tem acesso a seu autoconhecimento.

A obra foucaultiana traz a importância do exercício do poder, que produz um novo olhar, um outro discurso e a criação de um novo saber sobre o sujeito e para o próprio sujeito.

A seguir, serão abordados aspectos relativos à escrita em virtude de ela ter-se constituído um componente das condições imediatas de produção do discurso.

4.2 Escrita

Segundo Grespan (1998), é possível dividir a história da escrita em três fases: pictórica, ideográfica e alfabética.

O homem primitivo, no tempo das cavernas, sentiu a necessidade de registrar os fatos e começou gravando imagens ou rabiscos nas pedras por meio de um sistema de representações. Começou a fase pictórica que compreendia a escrita por meio de desenhos ou pictogramas, por isso, o processo da escrita era mais objetivo (2000 sinais). Os pictogramas eram imagens simplificadas de objetos reais.

Depois, o sistema pictográfico foi evoluindo, e a escrita passou a ser mais abstrata (600 símbolos). Essa escrita era chamada cuneiforme, isto é, em forma de cunha e foi usada no Oriente Médio, era escrita em barras de argila molhada, com uma espécie de caneta de madeira. Quando essas barras ficavam secas, os primitivos tinham uma forma de armazenar as informações.

A fase ideográfica começou na Antiga Mesopotâmia, há milhares de anos, e compreendia a escrita por meio de desenhos que representavam não somente a figura, mas também uma idéia e eram denominados ideogramas. O homem primitivo dependia do contexto e do senso comum para decifrar os símbolos. Ao longo do tempo, os ideogramas foram perdendo alguns traços representativos das figuras e tornaram-se uma simples convenção de escrita. As escritas ideográficas mais conhecidas são a egípcia (hieroglífica), a

mesopotâmia (suméria), as da região do mar Egeu (a cretense) e a chinesa que deu origem à escrita japonesa.

A fase alfabética compreende o uso de letras e originou-se dos ideogramas. O ideograma perdeu seu valor com o tempo e passou a ser representado foneticamente. Destacam-se, dentro do sistema fonético, o semítico, o indiano, cirílico e o greco-romano.

Primeiramente, os fenícios inventaram um sistema que representava o som consonantal, próprio da língua semítica. Os gregos aderiram ao sistema fenício, acrescentaram as vogais e criaram o alfabeto. Depois, os romanos adaptaram o sistema grego e criaram o alfabeto greco-romano, de onde provém o alfabeto. Esse sistema permite um maior número de combinações em unidades fonéticas. O sistema alfabético, que é conhecido atualmente, foi criado somente no início do ano de 2000 a. C.

Segundo Grespan (1998), a escrita tornou-se um instrumento que garantiu a difusão de idéias e informações, foi uma forma de representar a memória de um povo. Pensando nesse sentido, a invenção da escrita, do livro e da imprensa foram marcos importantíssimos na história da humanidade porque trouxeram as informações que antes eram passadas somente para alguns e, com essas invenções, se tornaram públicas.

Na Mesopotâmia, 5000 a.C., surgiram os primeiros livros e eram feitos de barro, em diferentes formatos e numerados. Depois, os povos foram evoluindo, e seus manuscritos também; surgiram escritos em tiras de bambu, em papiros e em tiras de couro. Os manuscritos em couro eram chamados pergaminhos e eram costurados para que não rasgassem, evoluindo até chegar a folha de papel conhecida atualmente.

Os manuscritos eram feitos pelos escribas, homens letrados das classes populares responsáveis pela escrita dos textos que circulavam, passavam para os copistas que arquivavam cópias dos manuscritos em bibliotecas da Igreja, onde só os eclesiásticos e os reis

tinham acesso, monopolizando toda a informação. Os escribas eram respeitados dentro da civilização e fonte de referência porque tinham o domínio das letras e o acesso ao saber.

A multiplicação de manuscritos pelos copistas durou por muito tempo até a chegada da imprensa, em 1450, no final da Idade Média. A partir daí, a informação começou a ser divulgada para um maior número de pessoas, mas ainda bem restritamente. Houve um maior acesso ao livro, à imprensa e à educação. Com a invenção da imprensa, as pessoas, mesmo que restritamente, puderam ter acesso à leitura, à escrita e à reflexão.

Essa forma de expressão passou a se constituir a marca do indivíduo civilizado que passou a se distinguir do indivíduo ágrafo que foi tomado como bárbaro. Essa distinção determinou, ao longo da civilização, a sua inclusão como dispositivo disciplinar no processo de adestramento dos indivíduos nas Escolas, enquanto instâncias mais sutis de controle da sociedade.

Delimitando a abrangência que a análise diacrônica da escrita comporta, esta dissertação se limitará em discutir a relação entre a escrita e a constituição do sujeito que escreve.

4.3 Escrita de Si

Segundo Uyeno (2005c), existiu uma arte da escrita milenar japonesa chamada *shodo*, que permitia ao escrevente o autoconhecimento. Segundo a autora, o acesso ao autoconhecimento permitido por essa técnica de escrita não era uma particularidade somente do Oriente. Ela comprova esse acesso no Ocidente, resgatando, em Foucault (2004), a menção à função *etopoiética*, que produz por meio da escrita o desenvolvimento do *ethos*.

O autor recorre à vida de Antônio de Atanásio que considerava que, se o indivíduo escrevesse suas ações e pensamentos, prática ascética, ele se conheceria e estaria mais

protegido dos pensamentos impuros e longe do pecado talvez por constrangimento do outro ou dos próprios pensamentos. A escrita teria a função aproximada da confissão; “a escrita constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo” (FOUCAULT, 2004, p. 145).

A prática da tradição monástica cristã medieval (de *monastikós*, que significa vida solitária) foi passada para as pessoas comuns, no século XVII, por meio do *exomologesis* – da confissão em público – e, depois, por meio do *exogouesis* – da confissão individual com um membro da Igreja autorizado – de que fala Foucault (1990).

Segundo Foucault (2004), antes do cristianismo, os filósofos como Epíteto, Sêneca e Plutarco já discutiam sobre o papel da escrita como uma forma de adestramento, exercício espiritual do pensamento, exercício esse que promovia a construção do sujeito como indivíduo ético, essa construção se fazia pela associação da leitura e da escrita por meio de duas formas. Na primeira forma, essa construção se fazia por meio da meditação, da escrita e do adestramento. Na segunda forma, essa construção se fazia por meio da releitura à meditação. Segundo a leitura de Foucault (2004) por Uyeno,

[M]editar (*meletan*), escrever (*graphein*) e treinar (*gymnazein*) era a fórmula aconselhada por Epíteto, para se auto-adestrar. Para Sêneca, na prática de si, a escrita deveria ser alternada com a leitura: implicava a leitura, por não ser possível tudo tirar do fundo de si próprio nem amar-se por si só com os princípios da razão indispensáveis à conduta; Como etapa de treino de si, a escrita tem, na expressão que Foucault resgata em Plutarco, “uma função *etopoiética*: a de um operador da transformação da verdade em *ethos* que implica as relações do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com a verdade. Longe de implicar renúncia, implica progressiva auto-consideração e auto-domínio. (UYENO, 2005a)

Segundo Foucault (2004), esse exercício de escrita operava a transformação da verdade, era chamado de escrita *etopoiética* e concretizava-se de duas formas de documentos: os *hypomnêmata* e a correspondência.

A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar: ou mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso (FOUCAULT, 2004, p.151).

Os *hypomnêmata* eram lembretes, registros, livros de anotações usados para contabilidade dos comerciantes, depois, passaram a ser usadas para releitura e para meditação de coisas lidas, ouvidas ou pensadas. Esses escritos eram usados para exercícios constantes como leitura e releitura consigo mesmo e com os outros. Essa escrita buscava captar o já-dito constitutivo do sujeito e a reflexão sobre o passado. Os *hypomnêmata*, assim, permitiam a constituição do sujeito a partir do discurso do outro, seria uma atividade de subjetivação.

Hypomnêmata -, tratava-se de construir a si mesmo como objeto de ação racional pela apropriação, unificação e subjetivação de um já dito fragmentário e escolhido; no caso da anotação monástica das experiências espirituais, tratar-se-á de desalojar do interior da alma os movimentos mais escondidos de forma a poder deles se libertar. No caso do relato epistolar de si mesmo, trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se lança sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida (FOUCAULT, 2004, p.162).

A correspondência constituía exercício de escrita pessoal e do outro, parecido com os *hypomnêmata*. As contribuições seriam úteis à medida que o outro recebesse orientações. A correspondência seria mais do que um adestramento, uma manifestação para si mesmo e para o outro, uma assistência espiritual.

Assim, segundo Foucault (2004), por meio do exercício da escrita, é possível haver um adestramento de si por si mesmo, e isso se constituiria um ato de liberdade e, ao mesmo tempo, a transformação do sujeito.

Deslocando-se de uma atividade de escrita regida por uma ordem do discurso escolar e que, como tal, cerceia ou impe a voz do aluno, a atividade da escrita que permitiria esse auto-

adestramento e autoconhecimento encontra, na perspectiva discursiva de escrita, uma possibilidade de realização.

4.4 Escrita Discursiva

Segundo Coracini (1991), a escrita discursiva seria uma possibilidade de garantia para um ensino da escrita mais voltado para o aluno.

Segundo Camps (2006), nunca o ensino da escrita foi tão comentado como na atualidade. Os escritos são inúmeros e circulam pela sociedade constantemente. Para se estar inserido nesta sociedade, é necessário desenvolver habilidades específicas para compreender esses tipos de textos.

O papel da Escola tornou-se complexo, pois se deve proporcionar ao aluno a possibilidade de produção e entendimento dos diversos tipos de textos escritos. O grande desafio está em como ensinar essas habilidades de forma a se obter essa competência.

Para Camps (2006), é necessário, primeiramente, que sejam entendidos alguns conceitos que caracterizaram os estudos sobre a escrita nos últimos anos. Os focos principais são: o texto, o processo, o contexto e a atividade.

No início do século XX, nos Estados Unidos, estudiosos desenvolveram uma concepção formalista, e o texto foi tomado como objeto de pesquisa. Nessa concepção, o autor supostamente transmitiria um único significado por meio do texto, e o leitor deveria interpretá-lo, sem se preocupar com o contexto.

Na década de 80, nasceu a concepção construtivista, e o processo passou a ser prioridade. Nessa concepção, a finalidade era oferecer estratégias para o bom desempenho na escrita por meio do planejamento, da escrita e da revisão, analisando unicamente o processo executado pelo autor.

Depois, nasceu a concepção sócio-construtivista, e o contexto passou a ser estudado. Nessa concepção, a preocupação não se centrava somente no processo de produção, mas também, com os aspectos sociais e culturais em que acontecia a comunicação.

Por último, o foco principal torna-se a atividade em aula. Nessa concepção, a atividade humana caracteriza-se pela finalidade, pela intencionalidade dos autores e pela relação entre processo e resultado.

Existem três idéias para se entender e compreender o ensino da escrita, na escola, segundo a concepção discursiva: as atividades humanas são sociais, há diálogo nas ações humanas, há necessidade da conceitualização.

A ênfase na Escola como espaço comunicativo deu lugar a numerosas experiências e pesquisas centradas no desenvolvimento de espaços de comunicação em que os alunos utilizam a linguagem escrita como um meio de exploração e conhecimento de si mesmos, da realidade e do entorno e como instrumento de exploração do mundo (CAMPS, 2006, p. 27).

Segundo Coracini (1991), existem dois aspectos que são relevantes à situação pedagógica.

O primeiro aspecto apresenta os processos de produção e compreensão relacionados ao discurso, pressupondo a existência de enunciadores que assumem seu dizer e o seu pensar, englobados dentro das experiências vividas no cotidiano. Os enunciadores tomam, em lugares flexíveis, determinadas posições dentro do discurso e são marcados social e ideologicamente.

O discurso apresentado na escola, em sala de aula, acontece constantemente com um professor assumindo o lugar de enunciador, detentor do saber e o aluno assumindo o papel de receptor desse saber. Essa visão, segundo a autora, é passiva e vigora atualmente na realidade escolar brasileira.

Na sala de aula, então, ainda que algumas atividades camuflem essa realidade, o professor continua a ser aquele que detém o poder, o saber e o fazer: é ele quem escolhe o conteúdo, o material e as atividades: ao aluno cabe obedecer, imitar e 'assimilar'. Neste quadro, o aluno se vê

impossibilitado de construir posições para si próprio (e para os outros), porque não se vê nem é visto como enunciador, como alguém capaz de, por um lado, assumir a sua própria aprendizagem e por outro, de refletir, criticar, posicionar-se, diante de um fato, em confronto com sua estrutura cognitiva, suas representações, suas experiências, enfim, com o seu 'ser'. E essa 'inanição' e 'ausência de criticidade' ele as carregará pela vida afora (CORACINI, 1991, p.177).

A Escola pratica um ensino massificante e continua a não distinguir os alunos, ou seja, trata-os como iguais, quando na verdade, não os são.

O segundo aspecto diz respeito à afirmação de que a Escola continua com a visão mecanicista de aprendizagem, centrada no método, no texto e na gramática, tornando-se, então, um lugar da comunicação artificial.

Uma alternativa proposta pela autora seriam os documentos escritos, mas autenticamente. Com essa proposta, o sujeito seria o centro da aprendizagem, e suas necessidades seriam atendidas, observando as experiências, as expectativas de cada sujeito enunciador. O formalismo e a artificialidade se romperiam, e o sujeito seria mais ativo em sua aprendizagem.

Segundo Coracini (1991), para que esse acontecimento vigorasse, seria necessária uma situação pedagógica baseada numa perspectiva discursiva, objetivando a aprendizagem e a auto-avaliação, isto é, associando a língua ao sujeito; as formas lingüísticas das condições de produção e os enunciadores inseridos numa formação ideológica.

A continuidade de um ensino formal sem a parceria com a realidade do aluno, continuará formando sujeitos numa situação artificial. No caso da leitura e da escrita, o indivíduo será reprodutor do texto sem compreendê-lo.

Só se aprende de fato o que se precisa ou se quer saber. É preciso, portanto, que o aluno tenha algo a dizer ou algo a fazer com o que lê, para que ele produza sentido. E isso se aplica tanto à LE quanto à LM. Daí decorre a necessidade evidente de construir 'projetos' de trabalho, assim como se constroem 'projetos de leitura' (O que vou fazer e para que), ainda que esses

projetos correspondam a situações simuladas (não reais, mas possíveis de acontecer na vida real) (CORACINI, 1991, p.180).

Para a autora, é necessário que o aluno se assuma como sujeito e possa escolher seu próprio conteúdo, transformando-se em sujeito-enunciador. O professor deverá criar, a partir de reflexões e discussões, condições para que o aluno perceba que é necessário conhecer as normas e regras, mas que são convencionais. Apesar dos progressos ocorridos, houve pouca mudança na ocupação dos lugares (professor-aluno).

Na perspectiva defendida pela autora, as tendências teóricas atuais vêem o texto como objeto, e ele não pode mais ser visto assim, isolado da enunciação. Deve-se passar do enfoque formal para o discurso, que é ponto de encontro de forças subjetivas e situacionais. Segundo Coracini (1991, p.183), “urge a aplicação de uma metodologia que mude comportamentos e, priorizando o discurso, coloque o aluno na situação de enunciador, para que ele possa de fato exercer a sua criatividade e o espírito crítico.” Sabe-se, no entanto, que ler (e mesmo redigir) um texto científico não significa apenas conhecer e utilizar formas, mas pressupõe construção de sentido, a partir de um contexto sócio-político-ideológico (CORACINI, 1991, p.184).

Observando essas reflexões, professor e aluno trabalhariam juntos e elaborariam um projeto depois de discutirem as propostas. A leitura e a escrita seriam processadas por camadas e englobariam a construção do sentido, passando pelos conhecimentos prévios do aluno-leitor-escritor.

Caberá ao professor ficar alerta para as eventuais elucidações, orientando o aluno na construção do significado e na percepção da intencionalidade subjacente (ainda que num plano hipotético) às formas lingüísticas num determinado contexto e situação (CORACINI, 1991, p.185)

Há a necessidade de o professor conhecer a situação de ensino em que atuará antes mesmo de elaborar o plano pedagógico, porque é importante lembrar que o sujeito se constitui

de diferentes vozes e tem a necessidade de autoconhecimento e, por meio da escrita, isso é possível.

É essa a concepção de escrita adotada por esta dissertação o que determinou, em atendimento ao conteúdo programático do nível de ensino formal em análise, a adoção da escrita da tipologia textual dissertativa de temas transversais.

O ensino da tipologia textual dissertativa tem se pautado, em certa medida, em modelos que se constituiriam as formas impostas e despersonalizantes de que fala Coracini (1991).

Atendendo a um imaginário de alunos, segundo o qual, dissertar requer o conhecimento de uma estrutura textual modelar, faz-se necessário seu ensino.

Um projeto que almeja conceder a voz a esses alunos, assim, impõe-se o acesso a essa estrutura modelar, em princípio, apenas como base, a partir da qual, priorizar-se-á o discurso do aluno.

Apenas a título de ilustração e também por ter constituído um componente da condição de produção imediata do discurso a ser analisado, apresentam-se, algumas concepções correntes de escrita da tipologia dissertativa.

Segundo Belline (2002), a dissertação requer do sujeito a exposição coerente de idéias sobre o tema; tem por objetivo a defesa do assunto por meio de uma argumentação convincente, e tem, também, uma estrutura padrão pré-definida e institucionalizada. “Em suma, dissertação implica discussão de idéias, argumentação, raciocínio, organização do pensamento, defesa de pontos de vista, descoberta de soluções. Significa refletir sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos cerca” (PACHECO, 1988, p.1).

Para o autor, a dissertação deverá conter uma argumentação convincente. Para se escrever uma dissertação adequadamente, deve-se, além da correção gramatical, ter originalidade, clareza, unidade e coerência.

Segundo Bellini (2002), existe uma estrutura padrão para o texto dissertativo, que é constituída de introdução, desenvolvimento e conclusão.

Segundo Terra e Nicola (1996), existem dois tipos de dissertação: a objetiva e a subjetiva. Para os autores, a dissertação objetiva requer que seu autor, no momento da escrita, exponha os argumentos imparcialmente, normalmente em terceira pessoa, facilitando a aceitação do leitor em relação às idéias propostas. A dissertação subjetiva requer de seu autor argumentos pessoais e subjetivos. Em geral, as dissertações subjetivas são relativas a um determinado tema, em primeira pessoa, podendo apresentar uma linguagem conotativa. Sob a ótica da Análise de Discurso de perspectiva francesa, não seria possível fazer essa divisão, pois todas as produções de texto são subjetivas.

Tendo apresentado os modelos correntes de estrutura da tipologia textual dissertativa solicitados por exames vestibulares – que constituíram um dos componentes do projeto do qual se recortou o corpus de pesquisa desta dissertação – ratifica-se que o conceito de escrita adotado por esta pesquisa é a de permitir ao aluno expressar seus mais caros sentimentos de forma a conferir a própria voz em seus textos e se permitir falar de si, o que, segundo Foucault (2004), lhe permitirá um conhecimento sobre si, o que a vida contemporânea não tem permitido.

PARTE 2

ANÁLISE DE CORPUS

CAPÍTULO 5 – CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Neste capítulo, expõem-se as condições de produção do discurso dos alunos do nível de ensino médio e apresenta-se a metodologia de pesquisa utilizada para a realização da análise da representação que esses alunos fazem do amor virtual, trazido pelas/nas novas tecnologias.

5.1 Condições de Produção do Discurso

Segundo Orlandi (2005), as condições de produção referem-se ao contexto imediato e ao amplo; compreendem os sujeitos e a situação discursiva. No contexto imediato, têm-se as circunstâncias da enunciação e, no contexto amplo, o contexto sócio-histórico, ideológico. Os sentidos são produzidos conforme os lugares que os sujeitos ocupam e são relacionados à história e à ideologia.

Os sujeitos pesquisados são alunos do ensino médio, com idades que variam entre 15 a 18 anos, de uma escola pública estadual, localizada na cidade de São José dos Campos, situada no Estado de São Paulo. A atividade foi aplicada para duas turmas que contavam com a média de cerca de 40 alunos, em sala de aula, com duração de duas aulas (1h40min). Num primeiro momento, nas produções textuais recolhidas, buscou-se rastrear a existência ou não de decepção em relação ao amor face a face. Em seguida, buscou-se analisar a representação que os alunos fazem do amor virtual. Num segundo momento, foram escolhidos nove excertos de textos dissertativos, cujo tema de caráter transversal focalizava o amor virtual, os quais apresentavam regularidade, isto é, dizeres que se repetiam, quando se referiam ao relacionamento afetivo para comporem o corpus desta pesquisa.

O tema proposto por esta dissertação, como mencionado na introdução desta dissertação, teve, primeiramente, o objetivo da inclusão digital dos alunos do nível de ensino médio. Depois, essa inclusão tornou-se desnecessária, visto que os alunos se revelaram já incluídos nesse novo suporte. A preocupação passou a ser focalizada no uso que esses alunos faziam desse bem tecnológico para efeito de relacionamento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), propostas ou orientações gerais de trabalho elaboradas pelo Governo Federal que, adaptadas à realidade dos alunos, ajudam na educação, sugerem a inclusão de temas transversais, com o objetivo de que eles auxiliem no desenvolvimento dos valores cotidianos. A proposta dos temas transversais propõe a criação de espaços para que os alunos discutam e opinem sobre seus conflitos e aprendam a respeitar as diferentes opiniões dentro do ambiente escolar e fora dele, tornando-se cidadãos conscientes de sua participação na vida social.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) elegeram, baseados na Constituição da República Federativa do Brasil, homologada em 1988, princípios que orientam a educação escolar: dignidade da pessoa humana; igualdade de direitos; participação e responsabilidade pela vida social.

O desenvolvimento de dissertação de temas transversais, por meio de um projeto, atenderia a solicitação dos vestibulares, do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e à sugestão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Algumas universidades, como PUC-RIO, PUCRS, UNISINOS, UEM, UNIFESP, FUVEST, UNESP solicitam, em seus vestibulares, temas transversais (conforme anexo A) como a superficialidade das relações humanas; o relacionamento via Internet; o amor convencional (face a face) e o amor virtual; a amizade; a sexualidade; o culto ao corpo e a felicidade.

Como se podem observar, os vestibulares têm solicitado que os alunos escrevam sobre temas transversais e sobre temas ligados aos relacionamentos virtuais, em alguns casos, cujos desenvolvimentos têm sido considerados difíceis pelos alunos.

Essa enunciação da dificuldade de refletir e escrever sobre temas transversais, isto é, sobre temas que dizem respeito a aspectos pessoais, à constituição do sujeito, revelou-se em comentários informais por professores e alunos dessa escola. Percebeu-se que escrever sobre esses temas transversais, ligados ou não às relações virtuais, poderiam ser importantes para um autoconhecimento, como afirmou Foucault (2005).

Essa menção suscitou a condução de um projeto pedagógico, na escola pública estadual, localizada na cidade de São José dos Campos, situada no Estado de São Paulo, centrados no ensino da escrita e no desenvolvimento da habilidade de redigir dissertações em temas transversais.

A focalização em temas transversais atenderia a uma demanda de vestibulares a que os alunos de nível médio estariam sujeitos. Atenderia, ainda, às sugestões pela inclusão de temas transversais, nas atividades pedagógicas, com vista ao desenvolvimento de valores.

A seguir, apresenta-se o projeto pedagógico aplicado:

PROJETO PEDAGÓGICO

Professora Responsável: Juliana Roberti Pereira - Língua Portuguesa

“Projeto – O amor e as novas tecnologias”

Tema: O ensino de escrita pelo viés transversal do amor mediado por computador

Clientela: Alunos do Ensino Médio

Justificativa:

O mundo se configura como “das novas tecnologias” e exige do homem constante atualização/virtualização. Um dos suportes mais poderosos desse mundo virtualizado é a

Internet. Com essa facilidade, houve um grande conflito na sociedade relacionado aos valores, interferindo na vida do sujeito e, por conseguinte, no ambiente escolar. Atendendo à transversalidade sugerida pelos PCN, esta pesquisa tematiza o amor. Assim, o problema de onde parte este estudo é entender o que levaria o aluno a buscar relações amorosas sob suporte virtual. A hipótese inicial é a de que os alunos estariam decepcionados com o amor face a face. Esta pesquisa objetiva analisar o discurso do amor e identificar quais são as representações que o aluno tem do amor e do outro nas relações virtuais.

Objetivo:

1. Propor uma seqüência didática de ensino da escrita de dissertação de temas transversais que permitiriam aos alunos escreverem sobre si;
2. Verificar nos textos a existência ou não de indícios de decepção em relação ao amor face a face que os levaria à procura de um amor virtual.

Metodologia:

Num primeiro momento, a professora pesquisadora apresentou a proposta do projeto aos alunos. Após discussão, os alunos aceitaram. Depois, a professora apresentou alguns tipos de textos para o reconhecimento da tipologia dissertativa e exploração de mundo dos alunos. Num segundo momento, foi apresentada aos alunos a conceitualização da tipologia dissertativa e dos temas transversais. Num terceiro momento, a professora trouxe alguns modelos de dissertações, com temas transversais, aplicados em diferentes universidades para discussão. Num quarto momento, os alunos foram divididos em grupos para a realização da primeira atividade coletiva. Os alunos realizaram a atividade assumindo sua própria aprendizagem por meio da reflexão, criticidade a respeito de cada tema transversal apresentado, escolhendo o tema ideal para cada grupo. Após escolha e realização da atividade, os textos foram corrigidos, em sala, pela professora juntamente com os alunos, levando a uma discussão sobre as dificuldades encontradas por cada grupo e, finalmente, foi realizada a

reescrita do texto. A professora fez, juntamente com os alunos, a organização e a sistematização dos conhecimentos, retomando alguns conceitos. A partir desse momento, os alunos passaram a produzir vários textos individuais e coletivos. Num quinto momento, a professora pesquisadora propôs para discussão a realização de uma dissertação com o tema amor virtual, os alunos se interessaram e passaram à escrita do texto. Após a escrita e a correção em sala, a professora pesquisadora pediu aos alunos o consentimento para a participação de cada um como sujeito de pesquisa. Após consentimento, a professora pesquisadora começou a analisar os dados para a elaboração de sua dissertação.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Atividade 1 – Apresentação da proposta – (2 aulas)

Atividade 2 – Reconhecendo a tipologia dissertativa a partir da noção de escrita discursiva – (4 aulas)

Atividade 3 – Conceitualização da tipologia dissertativa e dos temas transversais – (4 aulas)

Atividade 4 – Conhecendo modelos de dissertações com temas transversais – (2 aulas)

Atividade 5 – Produção inicial coletiva – (6 aulas)

Atividade 6 – Revisão coletiva e reescrita – (4 aulas)

Atividade 7 – Organização e sistematização dos conhecimentos – (4 aulas)

Atividade 8 – Produção Coletiva e Individual – (8 aulas)

Atividade 9 – Revisão coletiva e reescrita – (4 aulas)

Atividade 10 – Produção individual de tema específico – (4 aulas)

Atividade 11 – Revisão coletiva – (6 aulas)

Cronograma – 48 aulas

Recursos:

Para a realização do projeto, foram necessários os seguintes materiais: giz, quadro negro, sulfite, referências, pesquisas via Internet, entre outros.

Avaliação:

A avaliação foi contínua e sistemática, não se limitando somente a verificação da produção final, mas também a participação do aluno no desenvolvimento de todo o processo.

Para efeito desta pesquisa, selecionaram-se para compor o corpus, os textos que atenderam a proposição pela redação de dissertação que versaram sobre o relacionamento afetivo sob suporte virtual.

A redireção da delimitação do tema para as relações virtuais foi suscitada pela ocorrência de vários incidentes e até crimes que sobrevieram aos relacionamentos mediados pelo computador.

Para efeito de contextualização, apresentam-se, conforme anexo B, alguns desses incidentes de âmbito internacional e nacional.

Essas ocorrências levaram ao primeiro procedimento metodológico para a realização da pesquisa que se constituiu da aplicação de um questionário.

Primeiramente, em sala de aula, iniciei uma discussão sobre a linguagem digital. Depois, solicitei que respondessem um questionário, escrito na lousa, para se ter acesso a informações sobre quais eram os alunos incluídos digitalmente. Observe-se, transcrito a seguir, o questionário aplicado.

LINGUAGEM DIGITAL
<ul style="list-style-type: none"> • Você tem acesso ao computador? Onde? • O que você utiliza frequentemente no computador? • Você tem acesso a Internet? • Você utiliza comunicadores virtuais? Quais? Qual é a finalidade? • Qual a importância da Internet em sua vida?

Para minha surpresa, entretanto, percebi pela maioria das respostas fornecidas que os alunos já eram incluídos digitalmente e já conheciam os diferentes tipos de comunicadores

virtuais como MSN, Orkut, Skipe, sites de relacionamentos, entre outros; acessados em diferentes lugares (escolas, lan houses, residências, casas de colegas e no trabalho), então, considerei que não seria necessário o trabalho cujo objetivo era a inclusão digital.

Diante disso, elaborei outro questionário sobre o tema transversal escolhido: amor, sua relação com o suporte virtual para aplicá-lo. O questionário foi escrito na lousa, em sala de aula. Observe-se a sua transcrição, a seguir:

QUESTIONÁRIO

- O que significa amor para você?
- Você acha que houve uma evolução entre o amor antigo e o amor moderno?
- Estamos num tempo de evolução, existe uma liberdade maior nos relacionamentos tanto para o homem quanto para a mulher. Você acredita que um relacionamento real ou virtual (via MSN, Orkut, chat) pode ser verdadeiro ou duradouro?
- Quais as razões que levam uma pessoa a procurar um relacionamento virtual e não real?
- Você buscaria um relacionamento por meio de suporte virtual. O que você pensa a esse respeito?

Observei que os alunos já estavam bem familiarizados com o tema; então, comecei a ensinar a escrita da dissertação. Elaborei uma seqüência didática, isto é, um conjunto de aulas planejadas para exploração do conteúdo em questão, permitindo-lhes acesso a conceitos relativos à estrutura da tipologia dissertativa (introdução, desenvolvimento e conclusão). Fui trabalhando em sala gradativamente, propondo os temas transversais exigidos em alguns vestibulares, mencionados anteriormente.

Passada a fase de conhecimento, elegi uma proposta de redação com o tema amor que poderia ser aplicado em sala. Observe-se o texto retirado do vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM), do estado do Paraná, do ano de 2005, que segue:

TEMA 2

O AMOR NOS TEMPOS DO CHAT

Leia o fragmento do conto abaixo:

Tudo aconteceu num *cybercafé*. Ela era *teen* e amava um *chat*. Ele era *hacker* e estudava *sistemas*. Marcaram um encontro na *Café com Bytes*, uma mistura de café, boate e ponto de encontro de usuários de *computador*. (...)

No mundo *virtual* é assim, após cada encontro, é preciso *reiniciar*. (*Namoro virtual*. Flávio Martins da Silva. Disponível em www.tanto.com.br/FlavioMartinsdaSilva.htm)

No conto "Namoro virtual", de Flávio Martins da Silva, as personagens se conhecem em um *chat* na Internet. Após vários contatos virtuais, resolvem marcar um encontro para se conhecerem pessoalmente. Redija um texto NARRATIVO em terceira pessoa, no qual haja o encontro pessoal entre as duas personagens, um conflito vivenciado entre elas e o desfecho.

Do texto apresentado acima, elaborei um outro modelo para dissertação, como transcrito a seguir, e apliquei-o em sala de aula.

O AMOR NOS TEMPOS DO CHAT.

Leia o fragmento do conto abaixo:

Tudo aconteceu num *cybercafé*. Ela era *teen* e amava um *chat*. Ele era *hacker* e estudava *sistemas*. Marcaram um encontro no *Café com Bytes*, uma mistura de café, boate e ponto de encontro dos usuários de *computador*. Ela foi de *micro-saia*, *laptop* vermelho e sapatos salto alto. Ele foi de *walk-machine*, óculos escuros, aro de tartaruga. Entrou, *escaneou* a *área* do bar e a *localizou* perto da *máquina* de refrigerante. Se *reconheceram* pelas *fotos* que exibiam na *Internet*. Cumprimentaram-se, e ele viu que não precisava perguntar como ela era. *Instalaram-se* numa giratória e pediram um suco natural. Tudo cooperava para o encontro, e o *ambiente* era *compatível*. Falaram das *imagens* que criaram um do outro, do tempo e da nova *configuração* política mundial depois da guerra (...). No mundo *virtual* é assim, após cada encontro, é preciso *reiniciar*. (*Namoro virtual*. Flávio Martins da Silva).

No conto "Namoro virtual", de Flávio Martins da Silva, as personagens se conhecem em um *chat* na Internet. Após vários contatos virtuais, resolvem marcar um encontro para se conhecerem pessoalmente. Redija um texto dissertativo sobre o tema "**Amor em tempos virtuais**".

Conduzida a atividade do atendimento à proposição da prova do vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM), adaptada para esta pesquisa, procedeu-se à submissão desses dados à Análise de Discurso de perspectiva francesa.

O princípio que fundamenta a metodologia constitui do rastreamento na materialidade linguística de regularidades discursivas, isto é, de repetições que remeteriam à representação que os alunos fazem do amor virtual.

CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DO CORPUS

Em cumprimento ao objetivo estabelecido na introdução desta dissertação, este capítulo da Parte 2 se destina à Análise de Discurso de alunos do nível de ensino médio sobre a relação amorosa mediada por um meio de comunicação, sob suporte tecnológico de informatização, nomeado pelo senso comum de Internet.

Metodologicamente, este capítulo apresenta e analisa regularidades discursivas, isto é, dizeres que se repetiram em textos redigidos por alunos do nível de ensino médio sobre a relação amorosa virtual, sob o pressuposto central da Análise de Discurso de linha francesa de que essas regularidades remetem ao que eles pensam sobre este tipo de amor e está dividido em dois itens referentes ao amor da ordem do desejo e ao amor da ordem da pós-modernidade líquida.

6.1. Amor e Sujeito do Desejo

Elegeram-se, para compor esta parcela do corpus destinado à análise, excertos de textos dissertativos, cujo tema de caráter transversal focalizava o amor virtual, que apresentavam regularidade, isto é, dizeres que se repetiam, quando, se referiam ao relacionamento afetivo.

No excerto (doravante E1) do aluno (doravante A1), transcrito a seguir, apresenta-se sua consideração sobre o amor virtual:

E1.

A1. [...] *A internet é muito bom mas tem suas restrições, e namoro é melhor ficarmos com velho e conhecido namoro de cinema.*

Observe-se como, embora qualifique positivamente a Internet, logo em seguida, **A1** desvia sua argumentação pelo uso da conjunção coordenativa adversativa *mas*, cujo funcionamento argumentativo é o de desviar uma direção argumentativa até então conduzida para outra direção, quando analisa a relação afetiva. Por um funcionamento próprio da conjunção coordenativa adversativa *mas*, na oração coordenada sindética adversativa *mas tem suas restrições*, o discurso de **A1** apresenta duas vozes: uma voz que reconhece a positividade do amor virtual, o amor líquido¹, gerado no mundo pós-moderno, como na passagem *a internet é muito bom*; e a outra voz que traz a memória discursiva, como na passagem *e namoro é melhor ficarmos com o velho e conhecido namoro de cinema*.

Note-se como, no **E1**, a defesa do amor mediado pelo computador é apenas admitida por **A1**, e a sua restrição é argumentada, apesar da modalização atribuída ao adjetivo *bom*, por meio do advérbio de intensidade *muito*, quando defende a Internet, sua restrição, para além da modalização, é contra-argumentada. Considerando-se que o funcionamento da conjunção coordenativa adversativa, por si, só, já atribui ênfase ao que lhe segue, em detrimento do que foi dito antes, conferindo argumentação à restrição, a fundamentação dessa restrição torna-a tese de sua avaliação.

Observe-se como essa argumentação enunciada se consolida pela afirmação a seguir de que *namoro é melhor ficarmos com velho e conhecido “namoro de cinema”*. Essa argumentação o configura como sujeito do desejo ao fazer uso do verbo “ficar” na 1ª pessoa do plural *ficarmos*, **A1** se inclui como um sujeito do desejo, por revelar refletir sobre sua confiabilidade no amor tradicional, isto é, inclui-se dentre aqueles que desejam o desejo do Outro por si, de que fala Lacan.

Revela, também, ao fazer essa escolha, realizar um autoconhecimento, no sentido de que o sujeito se conhece, quando escreve, de que fala Foucault. (2004).

¹ Este aspecto será abordado em outra sessão de análise.

Note-se como **A1** revela confiar mais no namoro tradicional, não-virtual, em suas próprias palavras, no *velho e conhecido namoro de cinema*: não há – como invariavelmente ocorre no julgamento por adolescentes dos comportamentos de outras gerações – uma avaliação pejorativa do namoro. Acrescente-se, aliás, a própria menção à palavra “namoro”, num momento sócio-histórico em que esse termo se encontra substituído, em larga escala, pelo “ficar”, no sentido de escolher, estar com o outro, compartilhar experiências e espaços, sensações sentidas dentro de uma sessão de cinema, realidade do cotidiano. Esse substantivo vem, ainda, acompanhado de três qualificações, a saber, *velho, conhecido e de cinema*.

Essa enumeração de qualificações da palavra namoro remete, inequivocamente, à relação afetiva do mundo real e da ordem do amor Eros. *Velho e conhecido namoro de cinema* constituem qualificações atribuídas a namoro e trazem o sentido de amor confiável e consolidado pela tradição. Embora a expressão *namoro de cinema* possa se realizar lingüisticamente como uma construção ambígua, no sentido de poder significar: 1) "namoro que se realiza em salas de projeção de filmes" e 2) "namoro explorado pela linguagem do cinema". Quaisquer que sejam os sentidos que lhe tenham sido atribuídos trazem o sentido de um amor que se realiza na relação face a face e não-virtual, remetendo a um sujeito do desejo.

Se **A1** lhe atribuiu o sentido de "namoro que se realiza em salas de projeção de filmes", evoca todas as características próprias do namoro de cinema que subentendem: namoro em público, protegido pela cumplicidade da falta de luz, embalado pelo próprio tema do filme. Se lhe atribuiu o sentido de "namoro explorado pela linguagem do cinema", evoca o sentido de amor esteticamente explorado e cujo sentido histórico é namoro romântico também.

Essa argumentação sugere ser determinada pela memória discursiva, isto é, pelo sentido evidente e cuja origem não se consegue determinar, de que fala Pêcheux (1975). Essa

segunda voz parece eivada do que se consagrou como amor. Não há como não deixar de se ouvir uma voz do discurso religioso sobre o amor, no sentido do amor respeitoso; também a voz do discurso familiar e, como não dizer, do amor cortês, do amor romântico disseminado pelas aulas de literatura às quais essa faixa etária está exposta, se revelando um sujeito heterogêneo.

Percebe-se que, na passagem *velho e conhecido namoro de cinema*, **A1** enuncia sob o esquecimento número 1, teorizado por Pêcheux (1975), do interdiscurso, de ordem ideológica, segundo o qual **A1** pensa que esse dizer é dele, mas, na verdade, como ele não vivenciou essa época e seu poder aquisitivo – assim como da maioria de seus colegas – não lhe permite freqüentar salas de cinema, isso não quer dizer que não assista a alguns filmes do cinema que são apresentados na televisão, esse dizer se revela sócio-histórico, isto é, em seu discurso está presente “o outro”, revelando um dizer heterogêneo de que fala Authier-Revuz (1990).

A1, enfim, revela um dizer heterogêneo, composto de um discurso da Internet e por dizeres sócio-históricos da Igreja, da Família e da Escola mais marcados, remetendo a um sujeito constitutivamente heterogêneo e que se revela, também, um sujeito do desejo, isto é, um sujeito que fantasia.

Não deixa, também, de revelar ser constituído do postulado foucaultiano de que se conhece, ainda que um pouco, ao escrever falando de si.

Analise-se, um excerto do texto redigido por **A2**, transcrito a seguir:

E2.

A2. *O amor virtual hoje em dia está muito conhecido pois as pessoas não encontram a pessoa certa e resolvem procurar um relacionamento virtual. Mas esses relacionamentos na maioria das vezes não dá certo devido a distância e também é meio difícil saber se a pessoa está levando este relacionamento a sério e se não está saindo com outras pessoas. [...] Eu não teria um relacionamento*

virtual, acho que isso não vale a pena. [...] o amor virtual pode até ser o mesmo que o real mas não é a mesma coisa, pois é muito difícil das pessoas se encontrarem.

O discurso de **A2** demonstra, como se pode observar, certo conhecimento sobre o amor virtual e sobre sua difusão no mundo moderno como na passagem *o amor virtual hoje em dia esta muito conhecido*. Em seguida, faz uso da conjunção coordenativa explicativa *pois*, revelando, na passagem *pois as pessoas não encontram a pessoa certa*, que as pessoas estão desapontadas com o amor face a face. No discurso de **A2**, o dizer revela-se afetado pelo esquecimento número 1, de ordem ideológica, segundo o qual, **A2** tem a ilusão de que é dono de seu próprio dizer, quando, na verdade, retoma sentidos que já existem, o que se confirma na passagem *não encontram a pessoa certa* sob expressão *pessoa certa* ou popularmente a “cara-metade”, subentende-se o sentido de que acredita que existe um parceiro certo para cada pessoa; essa expressão remete ao amor face a face, romântico, da ordem do amor Eros, deus grego chamado, muitas vezes, de Cupido. O discurso de **A2** mostra-se afetado novamente pelo esquecimento número 1.

Logo em seguida, faz uso da conjunção coordenativa adversativa *mas*, desviando-se de tudo o que afirmou anteriormente.

Percebe-se, no **E2**, na passagem *mas esses relacionamentos na maioria das vezes não da certo devido a distância e também é meio difícil saber se a pessoa está levando este relacionamento a sério e se não está saindo com outras pessoas*, que **A2**, embora reconheça a existência do amor virtual, enuncia restrições sobre sua confiabilidade nesse tipo de relacionamento que o remetem a um sujeito do desejo que, observa criticamente a durabilidade do relacionamento afetado pela distância e pela questão da fidelidade, muito debatido no mundo moderno. **A2**, quando menciona a fidelidade, sugere não aceitar a traição

e faz pressupor necessitar do amor do outro, narcisicamente, de que fala Lacan (1985), isto é, amar a si mesmo e querer ser objeto de desejo do desejo do outro. **A2** demonstra uma visão negativa do relacionamento virtual, supondo um descomprometimento do sujeito que está do outro lado da tela, demonstrando certa insegurança, fragilizando os laços da relação afetiva, de que fala Bauman (2004). Por meio da conjunção coordenativa aditiva *e*, **A2** justifica e adiciona argumentos desfavoráveis ao relacionamento virtual, trazendo um conhecimento de si. **A2** faz uso do verbo *saber*, no infinitivo, pressupondo que, num relacionamento virtual, não se tem conhecimento do que o outro pensa ou de qual seria sua conduta moral. A grande influência que a Igreja, segundo Del Priore (2005) e Foucault (2004), teve na vida dos indivíduos, no que se refere à monogamia, revela ainda tê-la, como se pode observar no discurso de **A2**.

Verifique-se, no **E2**, na passagem [E] *eu não teria um relacionamento virtual, acho que isso não vale a pena*, como **A2** declara algo sobre si, como se confessasse, de que fala Foucault (1990), afirma não querer para si um relacionamento virtual e revela acreditar que ele não tenha o mesmo valor que um relacionamento real. Nessa passagem, ao fazer uso do pronome pessoal *eu*, **A2** desloca-se de sua avaliação sobre o amor virtual e volta para si, ao se afirmar favorável ao relacionamento face a face, argumentar e refletir sobre sua realidade, comprovando, nesse deslocamento, o acesso a um conhecimento sobre si ao escrever, constituindo-se como sujeito, de que fala Foucault (2004).

Perceba-se a afirmação sobre a existência do amor virtual na passagem *o amor virtual pode até ser o mesmo que o real* e depois, o uso da conjunção coordenativa adversativa *mas*, na passagem *mas não é a mesma coisa*, exatamente como enuncia **A1**. O funcionamento discursivo do advérbio *até* reforça o posicionamento de restrição do amor virtual, uma vez que produz o sentido de dessemelhança máxima.

Note-se que, no **E2**, por meio do uso do advérbio *até*, há a admissão da semelhança mínima do amor virtual com o face a face, na passagem *pode até ser o mesmo que o real*, mas logo depois, há a contra argumentação, fortalecida pela conjunção coordenativa adversativa *mas* que nega a semelhança entre os dois tipos de amor. Note-se, também, o uso da conjunção coordenativa explicativa *pois*, argumentando em favor do amor face a face.

Em síntese, observe-se, a heterogeneidade do discurso de **E2** em que há a admissão da relação virtual, mas a presença do discurso literário do amor, no sentido do amor cortês, sob a expressão *encontrar a pessoa certa*; o discurso religioso, na necessidade da fidelidade e o discurso familiar, no questionamento da distância, sob o qual se denota a valorização da convivência e o compartilhamento das experiências, o que se opõe radicalmente ao sujeito líquido de que fala Bauman (2004).

A2, assim como **A1**, enfim, revela-se num dizer heterogêneo, um sujeito do desejo, no sentido de que deseja o desejo do Outro por si, isto é, de que tem uma imagem sobre si e que não quer para si, um amor descompromissado, passageiro. O sujeito do desejo revela-se, heterogêneo, produzido pelos interdiscursos religioso, familiar e escolar.

Ao chegar a essas conclusões, revela, ainda, ter acesso a um conhecimento sobre si, quando escreve sobre uma experiência que vivencia.

Analise-se, um excerto do texto redigido por **A3**, transcrito a seguir:

E3.

A3. [...] *Amor Virtual? Pode até existir, porém não é tão verdadeiro quanto um amor real. Para viver um romance tem que haver contato, tem que conhecer muito bem seu par, tem que haver convivência [...] Se conversando pessoalmente já ficamos com dúvidas, às vezes. Imagine, sem ter certeza de quem é, de onde é e de como é. Amor virtual é perigoso, é um amor obscuro. Não há como provar se é verdadeiro e sincero.*

Observe-se o uso da interrogativa a respeito da existência do amor virtual; mais especificamente, **A3** faz uma pergunta retórica, usando a interrogativa como meio de afirmação, levando à preposição de que acredita na possibilidade da existência de um amor verdadeiro.

Embora **A3** admita a existência do amor virtual, depois, assim como **A1** enuncia no **E1**, **A3** faz o uso da conjunção coordenativa adversativa *mas*. Em virtude do uso dessa conjunção coordenativa, o discurso de **A3** apresenta duas vozes: uma voz que reconhece a existência do amor virtual, na passagem [A] *amor Virtual? Pode até existir*, e a outra voz que traz a memória discursiva, na oração coordenada sindética adversativa *porém não é tão verdadeiro quanto um amor real*.

Note-se como, no **E3**, embora **A3** admita a possibilidade da existência do amor virtual, essa admissão, em virtude do uso do advérbio *até*, produz o efeito argumentativo de uma possibilidade máxima de inexistência dessa forma de amor. Assim, *Amor Virtual? Pode até existir* equivale a “[A] possibilidade de existência do amor virtual é mínima”.

Perceba-se que **A3** nega a autenticidade do amor virtual na expressão *não é tão verdadeiro quanto um amor real*. Assim, [A] *amor Virtual? Pode até existir, porém não é tão verdadeiro quanto um amor real* significa: embora admita a possibilidade de existência de uma relação afetiva mediada por tecnologias de informação, essa possibilidade é mínima e, se ela existir, é diferente do amor face a face. **A3** classifica *não é tão verdadeiro* como sendo fingido, falso e sem princípio moral.

Análise-se como, na passagem [P] *para viver um romance tem que haver contato, tem que conhecer muito bem seu par, tem que haver convivência*, **A3** faz uso do verbo *ter*, na 3ª pessoa do singular *tem*, juntamente com a conjunção *que*, apontando uma condição para que um relacionamento amoroso obtenha sucesso, revela-se um dizer sócio-histórico marcado pelo discurso da Igreja, da Família e da Escola, constituindo-se um dizer heterogêneo, que

remete a um sujeito heterogêneo e se constitui, também, como sujeito do desejo quando descarta a possibilidade da existência de um relacionamento virtual com sucesso.

Perceba-se que, na passagem [S] *se conversando pessoalmente já ficamos com dúvidas, às vezes. Imagine, sem ter certeza de quem é, de onde é e de como é*, **A3** sugere que o relacionamento face a face *já* traz certa desconfiança; ao fazer uso do verbo “ficar” na 1ª pessoa do plural *ficamos*, reflete sobre sua própria desconfiança em relação ao relacionamento virtual; fazendo indagações, acaba por confessar-se e chega a conclusões que revelam que falando se si, por meio da escrita, tem acesso a um conhecimento de si, de que fala Foucault (2005).

Ao afirmar, em seguida, em relação ao amor virtual que [A] *amor virtual é perigoso, é um amor obscuro*, **A3** menciona os termos *perigoso*, no sentido de que há perigo, sem segurança e *obscuro* que tem cinco sentidos a saber, 1) Escuro; sem luz 2) Sombrio; tenebroso 3) Difícil de entender; confuso 4) Desconhecido; ignorado 5) Sem notoriedade, celebridade ou prestígio, fazendo pressupor que este tipo de relacionamento traz riscos, insegurança e desconhecimento.

Na passagem *não há como provar se é verdadeiro e sincero*, **A3** faz pressupor que acredita que o amor face a face pode ser comprovado e que amor deve ser seguro, claro, *verdadeiro e sincero* revelando se um sujeito do desejo que, como tal, necessita do amor do outro por si, narcisicamente, de que fala Lacan (1985).

Assim como ocorre com os discursos de **A1** e de **A2**, trata-se de um dizer que faz pelo esquecimento número 1, do interdiscurso, de ordem ideológica, segundo a qual **A3** pensa que esse dizer lhe pertence, quando, na verdade, repete um dizer sócio-histórico, portanto, ideológico, que valida o amor seguro, claro, *verdadeiro e sincero* e o constitui como sujeito do desejo.

Fica evidenciado que **A3** estabelece uma distinção entre o amor virtual e o amor face

a face, argumentando em favor deste e em detrimento daquele, de forma mais contundente que o faz **A1**, revelando-se pelos discursos da Igreja, da Família e da Escola, um sujeito do desejo e heterogêneo.

Analise-se, um excerto do texto redigido por **A4**, transcrito a seguir:

E4.

A4. *O amor virtual é uma coisa que não existe, porque mesmo você convivendo com a pessoa todos os dias você não a conhece, como você vai conhecer uma pessoa que nunca viu. [...] Para mim o amor nasce da convivência, do toque, do cheiro, do parceiro, não de uma simples conversa por computador.*

Se **A1**, **A2** e **A3**, admitiram, ainda que com reservas a existência do amor virtual, perceba-se como, no **E4**, na passagem [*O*] *o amor virtual é uma coisa que não existe, porque mesmo você convivendo com a pessoa todos os dias você não a conhece, como você vai conhecer uma pessoa que nunca viu*, **A4** sugere a não aceitação da possibilidade de um relacionamento virtual, argumentando sua posição de que não se conhece uma pessoa na convivência do dia-a-dia, então, virtualmente, a dificuldade tornar-se-ia ainda maior, porque, por intermédio do computador, não há nenhuma possibilidade dessa convivência, e o sujeito fica livre das emoções face a face e fica no anonimato, como afirmam Kleiman e Vieira (2006).

A4, por meio dos termos *para mim*, revela refletir sobre sua realidade e, ao fazer essa reflexão e escrever, revela obter um conhecimento de si, produzido pelo falar de si no ato de escrita, demonstrado pelo deslocamento de uma análise sobre o amor para uma análise sobre si, configurando-se um sujeito confessante, de que fala Foucault (1990).

Observe-se como, no **E4**, na passagem *o amor nasce da convivência, do toque, do cheiro, do parceiro*, **A4** sugere acreditar em um amor que pode ser comprovado e sentido, em

um amor face a face, romântico, da ordem do Eros, que exige convívio diário, contato físico e que é agradável, revelando-se um sujeito do desejo e, como tal, movido por um amor narcísico: **A4** revela querer o amor do outro por ele, de que fala Lacan (1985).

Na passagem *não de uma simples conversa por computador*, **A4** descarta a possibilidade de um amor sem as características acima mencionadas, afirmando que em sua concepção, o contato por meio do computador, objeto sem sentimento ou emoção, além de não trazer as recompensas que um amor face a face pode trazer, causa o afastamento do sujeito e em que não há amor, desejo e nem paixão, características do sujeito líquido de que fala Bauman (2004).

Essa argumentação sugere que **A4** o faz determinado pela memória discursiva. O discurso de **A4** mostra uma voz do discurso familiar sobre o amor, no sentido do amor vivido diariamente e também a voz do amor da ordem do Eros, no sentido de um amor que requer toque, cheiro do parceiro, revelando um discurso heterogêneo, remetendo a um sujeito heterogêneo e também sujeito do desejo do Outro.

Analise-se, um excerto do texto redigido por **A5**, transcrito a seguir:

E5.

A5. [...] *Namoro Virtual, talvez as pessoas estejam optando por esse caminho pela facilidade de conhecer pessoas. [...] Particularmente, acho um namoro virtual meio arriscado, prefiro conhecer pessoalmente, principalmente quando se fala em namoro, imagina namorar uma pessoa que só viu por foto, não dá para saber se a foto é verdadeira e se as idéias são realmente verdade ou só invenções, olhando nos olhos é muito mais fácil de conhecer e saber até que ponto é verdade. É claro que amigos pela internet é legal, conhecer outras culturas, outros modos de pensar, e amigo é sempre bom, mas namorar... precisa ter coragem.*

Note-se que, no **E5**, na passagem em que menciona a *facilidade de conhecer pessoas*, **A5** supõe reconhecer que o espaço cibernético possibilita um acesso rápido a pessoas, o que lhe permite pensar em acesso a pessoas de diferentes culturas e lugares constitutivos desse suporte tecnológico, e, dada essa rapidez, o sujeito cibernético consegue *conhecer* muitas pessoas, sem se deslocar de casa. Essa rapidez traz menos comprometimento com os relacionamentos, como alerta Rudiger (2002). O *conhecer* mencionado não revela ter o significado dicionarizado de estabelecimento de relações ou de convivência, mas o de estabelecimento de conexão ou de comunicação. Para tanto, o sujeito pode, ainda, escolher as pessoas com quem quer se relacionar, sem estreitar laços afetivos, uma vez que, por se tratar de uma rede ampliada, existe a disponibilidade do momento para uma relação imediata, passageira, descartável como observa Bauman (2004).

Se os discursos anteriores revelavam a admissão da existência do amor virtual, na passagem do **E5**, *particularmente, acho um namoro virtual meio arriscado*, **A5** opina e atenta-se para os riscos do amor virtual, evidenciados e alertados pelos meios de comunicação, diariamente, e enuncia seu posicionamento na passagem *prefiro conhecer pessoalmente, principalmente quando se fala em namoro*. **A5** enuncia sua preocupação com a seriedade de um namoro virtual, revelando o narcisismo, constituído pelo sujeito que quer ser amado: ele não ama o outro, ele ama o amor do Outro, isto é, ele ama o amor que o outro tem/pode ter por ele. Revelando temer a polissemia da palavra *conhecer* para atingir o sentido de convivência pelo relacionamento face a face, **A5** usa de um qualificador que determina o sentido de conhecer – *pessoalmente*.

Por meio dos termos *particularmente, acho* e *prefiro* **A5** mostra-se, confessa-se e conhece-se ao escrever, de que fala Foucault (2004).

Assim como no discurso de **A1**, **A5** demonstra acreditar no namoro tradicional, mesmo vivendo em tempos de amor líquido, tempos de relacionamentos efêmeros, descomprometidos e sem profundidade, de que fala Bauman (2004).

No **E5**, na passagem *imagina namorar uma pessoa que só viu por foto, não dá para saber se a foto é verdadeira e se as idéias são realmente verdade ou só invenções, olhando nos olhos é muito mais fácil de conhecer e saber até que ponto é verdade*, **A5** retoma a palavra *conhecer* no sentido da convivência, não concebe a idéia de que um amor virtual possa ser verdadeiro e relata a importância do olhar vivenciado no amor face a face, romântico, resgatando o contato visual, impossibilitado no relacionamento virtual, revelando-se um sujeito desejante.

Afirma, no **E5**, na passagem *é claro que amigos pela internet é legal, conhecer outras culturas, outros modos de pensar, e amigo é sempre bom que é importante ter amigos*. Perceba-se que, embora **A5** faça menção à palavra *conhecer* em ter conhecimento, sabedoria, atribui-o ao amor *philia* que é relacionado à amizade. Não menciona o conhecer no campo do amor *Eros*, confirmando a insegurança em um relacionamento dessa ordem, via Internet e admitindo a intermediação tecnológica no relacionamento da ordem do segundo, valorizando a amizade. Depois, tal como os outros **As**, faz uso da conjunção coordenativa adversativa *mas*, por meio da qual, o discurso de **A5** denuncia duas vozes: uma voz que reconhece a existência do amor virtual, observadas suas limitações, e a outra voz que traz a memória discursiva como em *mas namorar ... precisa ter coragem*.

No discurso de **A5**, percebem-se o dizer literário do amor, no sentido do amor romântico na passagem “olhando nos olhos” e o dizer familiar, no sentido da convivência.

A5, enfim, revela-se num dizer heterogêneo, no discurso da Escola e da Família, um sujeito do desejo.

Ao dissertar sobre um tema transversal, revela, também, o dispositivo foucaultiano da confissão, segundo o qual se conhece ao falar sobre si, no sentido de que assume posições em relação ao tema.

A análise de corpus desta seção permite a conclusão de que os alunos cujos discursos foram analisados revelam-se como sujeitos do desejo, isto é, do inconsciente, aqueles sujeitos que desejam e fantasiam, que não agem determinados pelo momento e que criam objetos metafóricos para viverem e se transformarem. O sujeito do desejo é diferente do sujeito líquido, que é revelado discursivamente pelas e nas novas tecnologias da sociedade moderna, descomprometido com o outro e com a sociedade.

Os excertos analisados revelaram-se heterogeneamente constituídos, isto é, constituídos de vários discursos sobre o amor da ordem do Eros quais sejam o discurso da Família, o discurso da Igreja, o discurso da Escola que remetem a sujeitos heterogêneos.

Revelam, ainda, que, após enunciarem esses discursos ao analisarem o amor virtual, os autores dos textos analisados nesta seção reportam-se a si, comprovando os postulados foucaultianos de que, falando sobre si e escrevendo a partir de reflexões sobre seus atos, conhecem-se e constituem-se. Nessas remissões a si, revelam-se como sujeitos do desejo que constroem uma imagem sobre si, fantasiam e desejam o desejo do Outro, de que fala Lacan (2005, apud UYENO, 2007b).

Os sujeitos aqui pesquisados revelam não terem controle sobre os efeitos de sentido de seus discursos; devido à faixa etária relativa a adolescência, fase de conflitos e transformações, reduzem o amor à ordem do Eros, erotizado com a base narcísica, de que fala Lacan (1985); o adolescente ama no outro a imagem idealizada de que ele faz de si próprio, tendo a ilusão da completude.

6.2 Amor e Sujeito Líquido

Elegeram-se, para compor esta parcela do corpus destinado à análise, excertos que apresentavam regularidade, isto é, dizeres que se repetiam, quando se referiam ao relacionamento afetivo mediado por tecnologias de informação, mas que se diferenciavam da seção de análise anterior.

Apresenta-se, a seguir, para efeito de análise, o **E6** de **A6**.

E6.

A6. [...] *Hoje em dia, a maioria das pessoas que podem estar conectadas a internet estão se viciando mais e mais. [...] Sinceramente, não acho certo esse namoro virtual o que adianta dizer que está namorando, se não é real, mas sim virtual. [...] O q/ mais está ocorrendo é o famoso namoro virtual. As pessoas acabam gostando de pessoas. Sem ver, ou melhor sem conhecer.*

Observe-se como **A6** não só reconhece a presença da tecnologia de informação, na vida contemporânea, como admite que a maioria de seus usuários está sendo derrotada por esse novo meio de comunicação que permite o relacionamento em tempo real, quaisquer que sejam as distâncias que separam os navegantes.

Ao afirmar, na passagem [*H*] *hoje em dia, a maioria das pessoas que podem estar conectadas a internet estão se viciando mais e mais*, embora mencione o termo “viciar” que tem três sentidos a saber, 1) Defeito grave que torna uma pessoa ou coisa inadequada para certos fins ou funções, 2) Inclinação para o mal, 3) Conduta ou costume nocivo ou condenável, seu discurso não permite que o use sob esses sentidos, se analisar como ele fecha o seu texto. Ao dizer, no fim do excerto, que [*A*] *as pessoas acabam gostando de pessoas. Sem ver, ou melhor sem conhecer*, **A6** revela-se render ao poder da Internet de promover a

possibilidade de se gostar de alguém sem conhecê-lo. Essa admissão permite a atribuição à palavra “viciar” do sentido de adição a um mal que permite ao adito gostar do hábito ou do objeto em que se viciou, no caso de **A6**, de vir a gostar de pessoas sem tê-las conhecido.

Embora afirme questionar o namoro virtual, ao enunciar [S] *sinceramente, não acho certo esse namoro virtual o que adianta dizer que está namorando, se não é real, mas sim virtual*, no enunciado seguinte, admite que [A] *as pessoas acabam gostando de pessoas*.

É possível perceber que **A6**, à diferença dos outros alunos analisados na seção anterior, apresenta um discurso que não é constituído dos discursos da Família, da Igreja ou da Escola, e a conclusão a que chega, rendendo-se ao amor virtual, configura-o, discursivamente, como sujeito líquido, aquele que não fantasia no sentido de que não forma uma imagem sobre si.

A6 revela render-se à ordem dessa nova esfinge que decreta “conecta-te ou te devoro”, de que fala Uyeno (2005a).

Analise-se, um excerto do texto redigido por A7, transcrito a seguir:

E7.

A7. [...] *Amor virtual, tudo pode acontecer, pois pessoas ã se conhece pessoalmente e muitas vezes trocam de personalidade, trocam fotos, etc... [...] Não sabemos se o que essas pessoas dizem é verdade ou mentira. [...] Amor virtual é para se distrair, conversar, trocar idéias, não há confiança.*

Note-se que, no **E7**, na passagem *amor virtual, tudo pode acontecer*, **A7** afirma a existência desse tipo de amor num jogo em que tudo é válido. Por meio da conjunção explicativa *pois*, justifica sua declaração na passagem *pois pessoas ã se conhece pessoalmente e muitas vezes trocam de personalidade, trocam fotos, etc...*, não atribuindo negatividade para esse sujeito descompromissado da sociedade líquida. Ao contrário do que fizeram os sujeitos da seção anterior, **A7** revela admitir as distorções de um amor virtual, justificadas pelas

inexistências do contato físico, da convivência, da identificação, no seu sentido comum de se fazer conhecido.

Observe-se que, na passagem *não sabemos se o que essas pessoas dizem é verdade ou mentira*, utilizando o advérbio de negação *não*, **A7** admite a veracidade dos dados apresentados em um contato virtual e, portanto, a descartabilidade dos sentimentos revelando assujeitar-se à modernidade líquida de que fala Bauman (2004). A admissão e a inclusão dessa forma de relacionamento em seu cotidiano se denunciam pelo ato de confessar-se, de que fala Foucault (1990), incluindo-se no grupo daqueles que namoram virtualmente que se faz por seu uso da 1ª pessoa do plural *sabemos*.

Perceba-se que, no **E7**, na passagem *amor virtual é para se distrair, conversar, trocar idéias*, **A7** incorpora, na definição de amor virtual, os riscos próprios desse tipo de relacionamento enunciados no parágrafo anterior. Definindo-o por meio do verbo *ser* no tempo presente do modo indicativo – *é* –, **A7** enumera atributos do relacionamento virtual, tratando-o como uma competência que exige habilidades de se distrair, conversar e trocar idéias. **A7**, assim, aceita que o sujeito pode relacionar-se com o outro, sem a necessidade de vínculos, de emoções e de compromisso, constituindo relacionamentos puramente superficiais, mencionados por Rudiger (2002).

Na passagem *não há confiança*, **A7** admite o afastamento dos seres em relação a laços afetivos, aceita a falta de responsabilidade do sujeito moderno com o outro na relação virtual, constituindo um sujeito indiferente, distante, egoísta e solitário, de que fala Bauman (2004), revela-se esvaziado, sem desejo, de que fala Uyeno (2007a).

A7 revela-se discursivamente um sujeito líquido, aderindo à nova forma de relacionamento na sociedade moderna.

Analise-se, um excerto do texto redigido por A8, transcrito a seguir:

E8.

A8. [...] *Hoje não existe o contato pessoal, sim o contato virtual, várias pessoas por causa da correria do dia-a-dia não tem tempo de ter contato pessoal e usam a Internet como meio de comunicação. [...] Uma coisa sempre é dita se as vezes nos decepcionamos com pessoas que conhecessemos, imagina com uma pessoa que apenas conhecessemos no mundo virtual, ou seja, que nunca vimos.*

Verifique-se, no **E8**, na passagem, *hoje não existe o contato pessoal, sim o contato virtual*, como **A8** reconhece a forte influencia que a Internet causa no sujeito e em seus relacionamentos, afirmando que o sujeito isolou-se do mundo real e mergulhou no mundo virtual determinado pela falta de tempo.

Na passagem *não tem tempo de ter contato pessoal*, **A8** admite que o sujeito moderno não estabelece relação social e afasta-se da convivência com o grupo, tornando-se um sujeito solitário, de que fala Bauman (2004).

Analise-se no **E8**, na passagem *uma coisa sempre é dita*, como **A8**, embora revele temer esse tipo de relacionamento, fundamentada nas decepções da relação face e face, reconhece a existência do amor virtual.

Na passagem *se as vezes nos decepcionamos com pessoas que conhecessemos, imagina com uma pessoa que apenas conhecessemos no mundo virtual, ou seja, que nunca vimos*, **A8** sugere refletir sobre si, ao cumprir a tarefa de redigir sobre esse tema de dissertação escolar, quando se inclui entre aqueles que se decepcionaram com pessoas que conheceram em relacionamento face a face; dizendo *se as vezes nos decepcionamos com pessoas que conhecêssemos*, também como ocorrem em outros excertos, **A8** revela diferenciar os sentidos do verbo conhecer em conhecer face a face e conhecer *no mundo virtual*. Quando afirma que *nos decepcionamos com pessoas que conhecemos*, o sentido de conhecer na relação face a face não é o de ver, mas o de ter supostamente acesso à natureza moral da pessoa que se revela em um relacionamento. Na passagem *imagina com uma pessoa que*

apenas conhecessemos no mundo virtual, ou seja, que nunca vimos, **A8** revela-se surpreendido pela impossibilidade de conhecimento físico do parceiro no relacionamento virtual e faz uso da expressão de reestruturação *ou seja* para se justificar.

Diferentemente dos outros textos que compuseram a seção de análise anterior, **A8** não traz os interdiscursos relativos ao amor face a face. Não há traços sobre os conceitos de amor que circulam na família, na igreja e na escola.

O excerto todo resulta perpassado por sentidos resignados de falta de tempo que determinam relacionamentos virtuais que antecipa como mais decepcionantes. Como se observa, **A8** não se configura como sujeito do desejo que fantasia no sentido de construir uma imagem de si e tecer expectativas, mas revela-se individualizado e separado da sociedade, de que fala Rudiger (2002).

Analise-se, um excerto do texto redigido por **A9**, transcrito a seguir:

E9.

A9. *O amor é um sentimento inexplicável, seja ele real ou virtual. O ser humano vive de sonhos e fantasias, isso é algo necessário para lutarmos por nossos objetivos. Muitas vezes o virtual faz parte de nossos sonhos e começamos a pensar que é real Amor em tempos virtuais, é algo que vem crescendo a cada dia que passa, tudo é possível, não mandamos nos nossos corações e estamos sempre abertos a uma nova paixão.*

Perceba-se, no **E9**, na passagem *[O] o amor é um sentimento inexplicável, seja ele real ou virtual*, **A9** reconhece a existência do amor face a face, assim como o amor virtual, na sociedade, fazendo uso do *ou*, conjunção de valor alternativo cujo sentido é a admissão dos dois tipos de amor, sem lhes atribuir valores.

A9, na passagem *[O] o ser humano vive de sonhos e fantasias, isso é algo necessário para lutarmos por nossos objetivos*, afirma que o sujeito necessita de sonhos e fantasias para

viver, parecendo se constituir como um sujeito do desejo. Entretanto, na passagem [M] *muitas vezes o virtual faz parte de nossos sonhos e começamos a pensar que é real*, **A9** afirma que o virtual pode se transformar em real, como descrito pelo “efeito Moebius”, de que fala Lévy (1996), no sentido de uma impossibilidade de se estabelecer o dentro e o fora, isto é, **A9** se configura como um indivíduo que se admite virtual e real (no sentido de concreto, “ao vivo”) no que se refere ao amor.

Na passagem [A] *amor em tempos virtual, é algo que vem crescendo a cada dia que passa, tudo é possível, não mandamos nos nossos corações*, **A9** mostra-se perigosamente tendente a se constituir discursivamente como um sujeito líquido, que aceita essa nova forma de relacionamento, ao fazer uso do verbo *mandamos* e se incluir nesse dizer.

Na passagem *e estamos sempre abertos a uma nova paixão*, **A9** afirma estar incluído no grupo dos sujeitos que estão disponíveis, quando faz uso do verbo estar na 3ª pessoa do plural *estamos*, a um relacionamento virtual, menciona a palavra *sempre*, no sentido de a qualquer momento, sem restrições a *uma nova paixão*, a um amor intenso, porém pressupõem-se passageiro, superficial, rápido, de curta duração, caracterizado por Bauman (2004).

A9 revela-se um sujeito líquido, rendido à nova ordem do discurso – “*atualizar e virtualizar*” – de que fala Uyeno (2005a), admitindo-se um sujeito solitário e esvaziado, que não fantasia nem deseja, com pouca simbolização, de que fala Birman (2005).

Esta seção de análise focalizou o sujeito do amor líquido, isto é, aquele sujeito do mundo moderno, sem sentimento e sem compromisso, criado pelas/nas novas tecnologias, de que falam Bauman (2004) e Birman (2005).

Os excertos, aqui analisados, mostraram um discurso heterogêneo no sentido de ser constituído de discursos que mencionam o reconhecimento da existência do amor Eros da

ordem de relação face a face e da relação virtual. Esse discurso remete a um sujeito heterogêneo, cindido, de que fala Authier-Revuz (1990).

Essa cisão, entretanto, variou de um sujeito que se mostra resignado diante da evidência do amor virtual a um sujeito que o incorporou configurando-se como líquido. Mais especificamente, os resultados comprovaram a existência de sujeitos que tendem perigosamente a ser líquidos, e sujeitos que são configurados propriamente como líquidos, que admitem o relacionamento rápido, de curta duração, sem nenhum envolvimento, apenas pautados no risco, próprio das relações descartáveis, de que fala Baumam (2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retome-se o ponto de onde partiu esta dissertação que ora se encerra.

As análises, aqui apresentadas, partiram da hipótese de que o sujeito que busca relacionamentos virtuais é movido pela decepção proporcionada pelo amor face a face contemporâneo. Os resultados da pesquisa empreendida revelaram que a hipótese inicial da qual partiu esta pesquisa não se confirma. A análise do corpus leva à conclusão de que os alunos estabelecem a distinção entre o amor face a face e o amor virtual.

Para além da distinção apresentada, o estudo leva a algumas conclusões sobre o sujeito que utiliza os comunicadores virtuais para se relacionar. A análise de corpus apresentou uma regularidade discursiva, no que diz respeito a um dizer sócio-historicamente determinado, que se faz sob esquecimento ideológico: afetados pelo momento sócio-histórico, os discursos revelam a admissão dos aspectos positivos dos suportes de comunicação virtual; nem poderia ser diferente: trata-se de um tempo diferente daquele não afetado por essas novas formas de comunicação. A análise de corpus apresentou, ainda, uma regularidade discursiva, marcada pela heterogeneidade de um discurso que reconhece a existência do amor face a face e do amor virtual que remetem a dois grupos de sujeitos que utilizam ou estabelecem relações por meio do computador: o de sujeitos do amor da ordem do desejo e o de sujeitos do amor da ordem da pós-modernidade líquida.

Os textos dos alunos analisados que revelaram constituir sujeitos do amor da ordem do desejo remetem a sujeitos que admitiram reconhecer a positividade do amor virtual, gerado pelo mundo pós-moderno, mas depositam sua confiabilidade num relacionamento afetivo face a face, revelando-se sujeitos do desejo e determinados pelos discursos sócio-históricos da Família, da Igreja e da Escola, constituindo uma imagem sobre si, simbolizando e desejando o desejo do Outro, de que fala Lacan (2005, apud UYENO, 2007b). Em outras palavras, os

discursos desse grupo de alunos revelou que, embora reconheçam os ganhos que essa forma de comunicação oferece bem como o fascínio que ela exerce sobre o sujeito contemporâneo, eles não se rendem a ela; eles se revelam indivíduos edipianos que se interditam a esse fascínio.

Já os textos dos alunos que se caracterizaram como sujeitos do amor da ordem da pós-modernidade líquida, isto é, do momento afetado pelas novas tecnologias, revelaram não só reconhecerem a presença do amor virtual na vida contemporânea, como terem se rendido à nova tecnologia, aos relacionamentos artificiais, sem compromisso e se mostraram menos determinados pelo discurso sócio-histórico, deixando-se influenciar pela liquidez das relações, de que fala Bauman (2004).

A análise do corpus de pesquisa mostrou uma forte correlação entre as menções aos vários tipos de amor da ordem de Eros, quais sejam, o amor cortês, o amor da ternura, o amor do respeito ao outro e o sujeito que se revelou da ordem do desejo e, como tal, aquele que se imaginariza, isto é que constrói uma imagem sobre si, que não se submete à ordem da pós-modernidade. Essa correlação parece apontar para a conclusão de que o sujeito se conforma sob um discurso sobre si que advém das várias instâncias em que se encontra inserido.

Mesmo não se revelando iguais, dos sujeitos aqui classificados, ao escreverem falando de si, alguns acabam se descobrindo, do que se conclui a importância da proposição da atividade da escrita, por seu exercício de promover conhecimento de si, afirmado por Foucault (2004).

REFERÊNCIAS

- A EVOLUÇÃO da escrita: do pictograma ao texto digital. MEC. São Paulo. Disponível em: http://www.webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/modulo4/pdf_eprinfo/video1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2008.
- AMIZADE. FUVEST. São Paulo. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2007/provas/2fase/por/por06.stm>>. Acesso em: 10 jun. 2006.
- ALTHUSSER, L.(1974). *Aparelhos Ideológicos do Estado*, Graal, Rio de Janeiro, 1992.
- A QUESTÃO da sexualidade para o jovem moderno. UNIFESP. São Paulo. Disponível em: <<http://vestibular.unifesp.br/2008/download/2007/provalp.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2006.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s), in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, vol.19, p. 25 a 42. São Paulo: Unicamp, 1990.
- BAKHTIN, M. (1926) *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- . *Globalização: as Conseqüências Humanas*. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- . *Tempos líquidos*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BELLINE, A. H. C. *A Dissertação*. São Paulo: Ática, 2002.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Nacional, 1976.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Ave Maria, 1998.

BIRMAN, J. *O Sujeito desejante na contemporaneidade*. In: *Anais do II SEAD – CDRom*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

BULFINCH, T. *O Livro de Ouro da Mitologia: a história da fábula; história de deuses e heróis*. 12 ed., Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

BUSCA da beleza do corpo nos dias atuais. *UNESP*. São Paulo. Disponível em: <http://www.unesp.br/vestibular/pdf/2007/prova_port.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2006.

CAMÕES, L. de. *Sonetos de amor: poesia lírica*. São Paulo: Landy, 2000. 141 p.

CAMPS, A. *Propostas didáticas para aprender a escrever*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CORACINI M. J. *Identidades múltiplas e sociedade do espetáculo: impacto das novas tecnologias*, in “MAGALHÃES, I.; CORACINI M. J.; GRIGOLETTO M. (Org.). *Práticas Identitárias: Língua e Discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006, v. 1, p.117-132.

----- *Um fazer persuasivo. O discurso subjetivo da ciência*. SP, Pontes. 1991.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

EFEMERIDADE / transitoriedade dos fatos, dos valores, das relações e seus efeitos no ser humano. *PUC*. Rio de Janeiro, 03 dez. 2004. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/vestibular/repositorio/provas/2005/>>. Acesso em: 10 jun. 2007

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 27-52.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRA, A. B. de H. *Mini Aurélio século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FINK, B. *O Sujeito Lacaniano* entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FISCHER, H. *Por que Amamos*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

FOUCAULT, M. A Escrita de Si. In: *Ditos e Escritos V*. RJ: Forense Universitária, 2004.

----- . *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

----- . *História da Sexualidade*. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque et al. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal. 1990. 3v. em 1.

----- . *Microfísica do Poder*. Tradução: Roberto Machado. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal. 1984. p.277-293.

----- . *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramalhete. 31 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006. p.117-161.

GOMIDE, R. Turquia julgará brasileira por tráfico. *Folha de São Paulo Online*. Rio de Janeiro, 21 jun. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u123009.shtml>>. Acesso em: 07 set. 2007.

GRESPLAN, G. *O uso da língua portuguesa escrita em tempo real na Internet*. São Paulo, 1998. Disponível em: <<http://www.gilmar-homepage.hpg.ig.com.br>>. Acesso em: 17 jul. 2007.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 2005.

HUNT, M. M. *História Natural do Amor*. Tradução: Raul de Polillo. São Paulo, IBRASA, 1963.

INTERNET. *UNISINOS*. São Leopoldo. Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/educacao/unisinos/redacao_20052.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2006

- ILARI, R. O Estruturalismo Lingüístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, C. (Org.). *Introdução à Lingüística III: Fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004, p. 53-91.
- KAUFMANN, P. Narcisismo, in KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Tradução: Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996, p.347-352.
- KIERKEGAARD, S. *As Obras do Amor: Algumas considerações cristãs em forma de discursos*. 2 ed. Bragança Paulista/Petrópolis: Editora Universitária São Francisco: Vozes, 2007.
- KLEIMAN, A. B.; VIEIRA J. A., O Impacto Identitário de novas tecnologias da informação e comunicação (Internet) in “MAGALHÃES, In.; CORACINI M. J.; GRIGOLETTO M. (Org.). *Práticas Identitárias: Língua e Discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006, v. 1, p.117-132.
- LACAN, J. *O Seminário: Livro 20: Mais ainda*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.53-69.
- LEITE, D. M. *O Amor Romântico e outros temas*. São Paulo: UNESP, 2007
- LÉVY, P. A Revolução Contemporânea em Matéria de Comunicação. Org. MENEZES, F.; SILVA, J. M. da. *Para Navegar no Século XXI*. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2003. p.183-205.
- . *O que é o virtual?* Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LOBATO, L. M. P. *Sintaxe Gerativa do Português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo horizonte. Vigília, 1986, p. 21-69.
- MULHER é assassinada após contato pela internet. *Diário do Nordeste Online*. Fortaleza, 01 mar. 2007. Disponível em <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=410832>>. Acesso em: 07 set. 2007.
- MULHER morre após pacto com amante que conheceu pela internet. *Folha de São Paulo Online*. São Paulo, 14 mar. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u132935.shtml>>. Acesso em: 07 set. 2007.

- NAMORO virtual termina em seqüestro na África. *O Estado de São Paulo Online*. São Paulo, 13 ago. 2007. Disponível em :
<http://www.estadao.com.br/tecnologia/not_tec33911,0.htm>. Acesso em: 07 set. 2007.
- NEGRÃO, A. C. Garota foge por namorado do Orkut. *Diário Online*. São Paulo, 27 jul. 2006. Disponível em:
<<http://setecidades.dgabc.com.br/materia.asp?materia=541808>>. Acesso em: 07 set. 2007.
- O AMOR e a busca da felicidade: prós e contras. *UNIFESP*. São Paulo. Disponível em:
<<http://vestibular.unifesp.br/2008/provas/2005/provalp.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2006.
- O AMOR nos tempos do chat. *UEM*. Maringá. Disponível em:
<<http://www.fisicaonline.com.br/uem/>>. Acesso em: 10 jun. 2006.
- O QUE caracteriza uma família feliz. *PUC*. Rio Grande do Sul. Disponível em:
<<http://www.pucrs.br/vestibular/provas/20071/portugues20071.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2006.
- NASO, O. *A arte de amar*. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso, princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- PACHECO, A.C. *A dissertação: teoria e prática*. São Paulo: Atual Editora, 1988.
- PARÂMETROS Curriculares Nacionais – apresentação dos temas transversais – Ética. Brasília. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2008.
- PLATÃO. *Diálogos* – Mênon, Banquete, Fedro. Tradução Jorge Paleikat. 20 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. (1975). A propósito da Análise Automática do Discurso, in Pêcheux, M: *Por uma Análise Automática do Discurso*, Unicamp, São Paulo, 1993.

- PEREIRA, J. R; WERLANG, L.M.S. *Blog: A heterogeneidade do sujeito contemporâneo*. Taubaté, 2004. 77 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade de Taubaté.
- POLÍCIA busca acusado de assassinato de americano. *Globo Online*. São Paulo, 03 out. 2006. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,AA1297225-5605,00.html>>. Acesso em 07 set. 2007.
- ROUGEMONT, D. de. *História do amor no Ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2003.
- RÜDIGER, F. *Elementos para a crítica da cibercultura – sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação*. São Paulo: Hacker Editores, 2002. p. 99-139.
- SARGENTINI, V. M. O. A construção da Análise do Discurso: Percurso Histórico. In: *Revista Brasileira de Letras*. São Paulo. 1999. Vol.1. Nº1. p. 39-44.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SHAKESPEARE, W. *Romeu e Julieta*. Adaptação: Leonardo Chianca. São Paulo: Scipione, 2003.
- SILVA, F. M. *Namoro Virtual*. Minas Gerais, Disponível em: <<http://www.tanto.com.br/FlavioMartinsdaSilva.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2006.
- TERRA, E.; NICOLA, J. de. *Redação para o 2º grau*. Scipione. 1996, p. 160-186.
- UYENO, E. Y. A morte do autor e a hermenêutica de si: a aporia fundante da escrita orientada sob suporte virtual. In: *II Seminário de estudos em Análise do discurso*, 2005, Porto Alegre. Anais do II Seminário de estudos em Análise do discurso. Porto Alegre : Disc Press comércio Fonográfico Ltda, 2005a. p. 1-10.
- Cursos de Formação Continuada: a contradição e o amor do Outro. In. ABRAHÃO, Maria Helena Vieira; GIL, Glória; RAUBER, Andréia Schurt (Org.). Anais do I Congresso Latino-americano sobre Formação de Professores de Línguas (CLAFPEL), UFSC, 2007a (1132-1147)

- . Da autonarração à escrita acadêmica: a constituição da subjetividade do aluno de cursos de especialização. In: CASTRO, S. T. R.; SILVA, E. R. da. (Org.). *Formação do Profissional Docente: contribuições de pesquisas em Linguística Aplicada*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2005b.
- . Escrita virtual e subjetividade: uma teleologia ascética. In: IV Congresso Internacional da ABRALIN, 2005, Brasília. *Caderno de Resumos do IV Congresso Internacional da ABRALIN*. Brasília: IV Congresso Internacional da ABRALIN, 2005c.
- . Heterogeneidade do Discurso da Formação Continuada. In: II Congresso nacional da Abralín, 2000, FLORIANÓPOLIS. ANAIS DO II CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN. FLORIANÓPOLIS: TACIRO - PRODUÇÃO DE CDS MULTIMÍDIA, 2000. p. 1515-1527.
- . O mal-estar da escrita: para além do letramento acadêmico, um desejo do Outro. In: VII Congreso Latinoamericano Estudios del Discurso, 2007, Bogotá. *Libro de Programación y resúmenes - VII Congreso Latinoamericano Estudios del Discurso*. Bogotá: Imprenta Patriótica Instituto Caro Cuervo, 2007b. v. 1. p. 254-255.

ANEXO

ANEXO A – TEMAS TRANSVERSAIS EM VESTIBULARES

A PUC-RIO (2005) solicitou um tema transversal relacionado à superficialidade das relações humanas.

Tema: A efemeridade / transitoriedade dos fatos, dos valores, das relações e seus efeitos no ser humano.

Verificamos hoje em dia que tudo pode ser acessado de imediato, mas é efêmero / transitório: pode acabar instantaneamente e ser substituído na mesma velocidade com que foi descoberto ou vivido. Podemos chegar à constatação de que estamos envolvidos em relações de superficialidade, em acúmulo de tarefas e imersos numa constante falta de tempo.

Para auxiliar sua reflexão, leia os textos abaixo e a seguir produza um artigo de opinião, com cerca de 25 linhas, em que você desenvolva o tema proposto de forma clara, coerente e com argumentação bem fundamentada. Não se esqueça de dar um título adequado ao seu texto.

Texto 1

"Nunca a questão do olhar esteve tão no centro do debate da cultura e das sociedades contemporâneas. Um mundo onde tudo é produzido para ser visto, onde tudo se mostra ao olhar, coloca necessariamente o ver como um problema. Aqui não existem mais véus nem mistérios. Vivemos no universo da sobreexposição e da obscenidade, saturado de clichês, onde a banalização e a descartabilidade das coisas e imagens foi levada ao extremo. (...) O indivíduo contemporâneo é em primeiro lugar um passageiro metropolitano: em permanente movimento, cada vez mais longe, cada vez mais rápido. (...) A velocidade provoca, para aquele que avança num veículo, um achatamento da paisagem. Quanto mais rápido o movimento, menos profundidade as coisas têm, mais chapadas ficam, como se estivessem contra um muro, contra uma tela. A cidade contemporânea corresponderia a este novo olhar. Os seus prédios e habitantes passariam pelo mesmo processo de superficialização, a paisagem urbana se confundindo com out-doors. O mundo se converte num cenário, os indivíduos em personagens."

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto. (Org.) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 361.

Texto 2

"Parece claro que o mundo está passando por uma reconfiguração. Os efeitos das profundas transformações provocadas pela cultura digital sobre a formação de identidades, as questões éticas e a variação de papéis sociais do indivíduo contemporâneo foram abordados pelas duas principais estrelas do Seminário no Rio ["O Eu em rede: A subjetividade na cultura digital"], os filósofos franceses Edgar Morin e Jean Baudrillard. Uma curiosidade é que o pensador Baudrillard foi citado/homenageado no primeiro filme da série Matrix, na cena em que o personagem Neo (Keanu Reeves) esconde seus programas piratas dentro de um exemplar do livro *Simulacros e Simulações*. (...) Segundo os filósofos, todos se transformam em atores do espetáculo total da realidade, como nos atos televisivos imediatos dos reality shows. Cada indivíduo é uma reprodução de um eu genérico, conectado em rede e em perpétuo feedback comunicacional. É o novo fundamentalismo do circuito integrado: o indivíduo sozinho já se torna massa. (...) Outro aspecto delicado é que os critérios pragmáticos e até mesmo o vocabulário operativo da tecnologia se sobrepõem cada vez mais à reflexão sobre o sentido da vida. A eficácia prevalece sobre os conceitos de justo, certo e bom."

TRIGO, Luciano. A realidade existe?. In: *Continente Multicultural*, edição nº-31, jul 2003.

A UNISINOS (2005) também solicitou um tema transversal sobre relacionamentos via Internet.

2 UNISINOS – REDAÇÃO

PROPOSTA 1

Com a internet, surgiram novas possibilidades de comunicação. Além de usar o e-mail, hoje é possível, graças à rede mundial de computadores, acessar sites especializados em promover a aproximação entre pessoas. No Orkut (www.orkut.com), por exemplo, o internauta pode divulgar seu perfil, estabelecer contatos e participar de grupos de discussão de assuntos de seu interesse, formando e ampliando, aos poucos, sua rede de relacionamentos. Muito conhecidas também são as salas de bate-papo, ambientes virtuais onde é possível dialogar com diversas pessoas sobre os mais diversos temas, em tempo real. E não se pode deixar de mencionar os sites de namoro, considerados por muitos uma alternativa para a satisfação de carências afetivas. Apesar de, na maioria das vezes, não ter referência precisa sobre quem está na frente do outro computador, o internauta sente-se à vontade para expor abertamente suas idéias e sentimentos, chegando, em alguns casos, a combinar encontros presenciais. Essa é, sem dúvida, uma nova realidade, mas a validade e a importância dos contatos virtuais dividem opiniões. Se, por um lado, a internet tem permitido a ampliação dos relacionamentos, por outro, já há registros de casos preocupantes de violência entre pessoas que se conheceram através dessa grande teia virtual.

TAREFA

Redija um texto argumentativo expressando a sua opinião sobre os relacionamentos que se estabelecem através da internet. Você pode abordar, entre outros, aspectos sociológicos, psicológicos, morais, éticos, jurídicos envolvidos na questão. É importante que você manifeste suas opiniões amparado em argumentos. Para realizar essa tarefa, você conta com algumas informações a seguir, que podem auxiliá-lo na elaboração de seu texto. Utilize-as da forma que considerar mais apropriada aos seus propósitos, mas evite copiar trechos ou frases inteiras.

PROPOSTA 2

Nos regimes democráticos, a eleição de um político para um cargo legislativo ou administrativo costuma ser anunciada como resultado de uma disputa em que todos os concorrentes se encontram em condições de igualdade. Sabe-se, no entanto, que uma campanha eleitoral capaz de dar ao concorrente uma expectativa de vitória depende de propaganda política, cujos gastos costumam envolver quantias consideráveis. Alguns políticos recebem apoio financeiro de entidades e empresas para custear esses gastos, podendo, assim, investir em campanhas mais chamativas, o que os coloca em vantagem em relação a concorrentes com menos recursos na disputa. Uma parcela da sociedade, entendendo que essa disparidade de recursos destinados aos candidatos cria uma situação de desigualdade indesejável, tem defendido o financiamento público das campanhas. Atualmente, encontra-se em discussão no Congresso Nacional o projeto de lei 2679/03, que propõe um sistema de financiamento público de campanha em que os partidos políticos recebem apenas verba do Governo para gastar com a divulgação de suas propostas. Esse é um dos capítulos da reforma política, que estará sendo apreciada futuramente pelos deputados e senadores.

TAREFA

Redija um texto argumentativo expressando a sua opinião sobre a proposta do financiamento público de campanhas eleitorais. Você pode abordar, entre outros, aspectos econômicos, sociológicos, morais, éticos, jurídicos envolvidos na questão. É importante que você manifeste suas opiniões amparado em argumentos. Para realizar essa tarefa, você conta com algumas informações a seguir, que podem auxiliá-lo na elaboração de seu texto. Utilize-as da forma que considerar mais apropriada aos seus propósitos, mas evite copiar trechos ou frases inteiras.

A UNIFESP (2005) solicitou o tema relacionado ao amor convencional (face a face) e ao virtual.

REDAÇÃO

Amor (ô). S. m. 1. Sentimento que predispõe alguém a desejar o bem de outrem, ou de alguma coisa. 2. Sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro ser ou a uma coisa; devoção, culto; adoração. (...) (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)

Não é recorrendo ao dicionário que se pode chegar à melhor definição para o Amor. Pelo menos da forma como ele está presente no cotidiano das pessoas. Camões, em sua lírica, já vislumbrava os efeitos contraditórios desse sentimento:

*Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?*

As relações sentimentais e o próprio Amor constituem um eixo que passa a vida de todos os seres humanos que, em maior ou menor intensidade, dedicam momentos de sua existência a amar.

O Amor motiva as pessoas ou as leva à depressão; extrai delas lágrimas – de alegria ou tristeza. O Amor está nas reflexões dos filósofos, na mídia, na literatura, na música, enfim, o Amor está na vida.

Valendo-se dos seus conhecimentos e dos textos a seguir, elabore uma dissertação em prosa, na qual exponha e fundamente seu ponto de vista sobre o tema:

O amor e a busca da felicidade: prós e contras.

TEXTO 1:



nm

TEXTO 2:

*Você é assim
Um sonho pra mim
E quando eu não te vejo
Eu penso em você
Desde o amanhecer
Até quando eu me deito
Eu gosto de você
E gosto de ficar com você
Meu riso é tão feliz contigo
O meu melhor amigo é o meu amor.*

(Tribalistas)

TEXTO 3:

Mais do que um fenômeno circunscrito a teens ou a adultos solitários, os relacionamentos românticos via internet tendem a se expandir em um futuro próximo e devem, como consequência, provocar um relaxamento das normas sociais e morais tais como as entendemos hoje. No limite, elas devem impor um novo padrão de ética à sociedade "off-line", como defende o filósofo Aaron Ben-Ze'ev em seu livro "Love Online" (...)

FOLHA: O sr. diz em seu livro que "a natureza interativa do ciberespaço exerce um profundo impacto sobre a estrutura social". Que tipo de impacto?

AARON: A internet modificou dramaticamente o domínio do romântico e esse processo irá se acelerar no futuro. Tais alterações mudarão inevitavelmente as formas sociais atuais, como o casamento, a coabitação, as práticas românticas correntes relacionadas à sedução, sexo casual, namoros e a noção de exclusividade romântica. Podemos esperar um relaxamento das normas sociais e morais; esse processo não deveria ser considerado uma ameaça, pois não são as modificações on-line que põem em perigo os relacionamentos românticos, mas nossa falta de habilidade para nos adaptarmos a elas. O relaxamento dessas normas ficará particularmente evidente em questões que dizem respeito à exclusividade romântica. Será difícil evitar inteiramente as alternativas disponíveis. A noção de "traição" será menos comum no que diz respeito aos casos românticos.

Assim como o aumento da flexibilidade romântica, valores como estabilidade e maior camaradagem serão mais importantes. A natureza caótica e dinâmica do ciberespaço nunca irá substituir a natureza mais estável do "espaço real", pois não podemos viver em um caos completo: do mesmo modo que outros tipos de significado, o significado emocional pressupõe algum tipo de base estável contra a qual ele é gerado. Apesar disso, o domínio romântico se tornará mais dinâmico, e será mais difícil perfazer as vantagens emocionais de uma estrutura romântica estável.

FOLHA: Do ponto de vista dos efeitos psicológicos, quais as diferenças entre o amor “convencional” e o “on-line”?

AARON: *Em ambos os tipos de amor existem emoções reais, como desejo e ciúme. Mas existem muitas diferenças no que diz respeito à prevalência de vários aspectos em cada tipo de amor. No amor on-line, o papel da imaginação é muito maior:*

O ciberespaço revolucionou o papel da imaginação nos relacionamentos pessoais e elevou a imaginação de seu papel de ferramenta periférica – utilizada sobretudo por artistas e, no pior dos casos, por sonhadores e aqueles que, por assim dizer, não têm nada para fazer – a um meio central de relacionamento pessoal para muitas pessoas, que têm ocupações ou envolvimento, mas preferem interagir on-line.

A internet encoraja outros tipos de trocas em relacionamentos românticos. Assim, a proeminência da comunicação verbal em comunicações on-line provavelmente irá aumentar a importância das habilidades intelectuais nas interações românticas.

(Marcos Flaminio Peres. *Folha de S.Paulo*, Caderno Mais!, 18.07.2004.)

TEXTO 4:

A americana Laura Kipnis, professora de comunicações na Universidade Northwestern, em Illinois, nos Estados Unidos, contesta alguns dos conceitos mais sagrados da sociedade, como o amor, o casamento e a monogamia. Em Against Love – A Polemic (Contra o Amor – Uma Polêmica, que será publicado neste ano no Brasil), livro de grande repercussão lançado em 2003 nos Estados Unidos, ela diz que, no mundo moderno, o amor passou a ser visto como a solução para as dúvidas existenciais do ser humano – e que isso é uma tremenda encrenca. A expectativa quanto à felicidade que o amor deve proporcionar complicou o casamento e outros tipos de relação estável, pois exige do casal um esforço inédito para que as coisas dêem certo. Para a professora, essa nova realidade é uma enorme fonte de stress e depressão. (...)

VEJA: O amor traz felicidade?

LAURA: *Não exatamente. A idéia de que o amor leva à felicidade é uma invenção moderna. A gente aprende a acreditar que o amor deve durar para sempre e que o casamento é o melhor lugar para exercê-lo. No passado não havia tanto otimismo quanto à longevidade da paixão. Romeu e Julieta não é uma história feliz, é uma tragédia. O mito do amor romântico que leva ao casamento e à felicidade é uma invenção do fim do século XVIII. Nas últimas décadas, a expectativa quanto ao casamento como o caminho para a realização pessoal cresceu muito. A decepção e a insatisfação cresceram junto.*

VEJA: Ou seja, enquanto antes as pessoas sofriam porque os casamentos eram arranjados, hoje sofrem porque acham que devem encontrar a pessoa ideal?

LAURA: *Exato. Imagine alguém dizer que é contra o amor. É considerado um herege. As propagandas, as novelas, os filmes, os conselhos dos parentes, tudo contribui para promover os benefícios do amor. Deixar de amar significa não alcançar o que é mais essencialmente humano. O casamento é envolto pelo mesmo tipo de cobrança. E, quando cai por terra a expectativa do romance e da atração sexual eternos, surge a pergunta: “O que há de errado comigo?” (...).*

(Diogo Schelp. *Contra o Amor*. *Veja*, 19.05.2004.)

TEXTO 5:

“ (...) Para mim era um êxtase divino, uma espécie de sonho em ação, uma transfusão absoluta de alma para alma; para ele o amor era um sentimento moderado, regrado, um pretexto conjugal, sem ardores, sem asas, sem ilusões... Erraríamos ambos, quem sabe?”

(Machado de A a Z. Lucia Leite Ribeiro Prado Lopes. Editora 34. São Paulo, 2001.)

A FUVEST (2007) solicitou um tema relacionado à amizade que existe entre as pessoas.

FUVEST 2007-Prova de Língua Portuguesa

REDAÇÃO

Em primeiro lugar (...), pode-se realmente “viver a vida” sem conhecer a felicidade de encontrar num amigo os mesmos sentimentos? Que haverá de mais doce que poder falar a alguém como falarias a ti mesmo? De que nos valeria a felicidade se não tivéssemos quem com ela se alegrasse tanto quanto nós próprios? Bem difícil te seria suportar adversidades sem um companheiro que as sofresse mais ainda.

(...)

Os que suprimem a amizade da vida parecem-me privar o mundo do sol: os deuses imortais nada nos deram de melhor, nem de mais agradável.

Cícero, *Da amizade*.

Aprecio no mais alto grau a resposta daquele jovem soldado, a quem Ciro perguntava quanto queria pelo cavalo com o qual acabara de ganhar uma corrida, e se o trocava por um reino: “Seguramente não, senhor, e no entanto eu o daria de bom grado se com isso obtivesse a amizade de um homem que eu considerasse digno de ser meu amigo”. E estava certo ao dizer *se*, pois se encontramos facilmente homens aptos a travar conosco relações superficiais, o mesmo não acontece quando procuramos uma intimidade sem reservas. Nesse caso, é preciso que tudo seja límpido e ofereça completa segurança.

Montaigne, *“Da amizade”* (adaptado).

Amigo é coisa pra se guardar,
Debaixo de sete chaves,
Dentro do coração...
Assim falava a canção
Que na América ouvi...
Mas quem cantava chorou,
Ao ver seu amigo partir...
Mas quem ficou,
No pensamento voou,
Com seu canto que o outro lembrou.
(...)

Fernando Brant / Milton Nascimento,
“Canção da América”.

(...)
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade.
E quem há de negar que esta lhe é superior?
(...)

Caetano Veloso, *“Língua”*.

Considere os textos e a instrução abaixo:

INSTRUÇÃO: A amizade tem sido objeto de reflexões e elogios de pensadores e artistas de todas as épocas. Os trechos sobre esse tema, aqui reproduzidos, pertencem a um pensador da Antiguidade Clássica (Cícero), a um pensador do século XVI (Montaigne) e a compositores da música popular brasileira contemporânea. Você considera adequadas as ideias neles expressas? Elas são atuais, isto é, você julga que elas têm validade no mundo de hoje? O que sua própria experiência lhe diz sobre esse assunto? Tendo em conta tais questões, além de outras que você julgue pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo a expor seu ponto de vista sobre o assunto.

A UNIFESP (2007) solicitou o tema sexualidade aos vestibulandos.

42. O articulista, usando de humor,
- (A) felicita os supostos habitantes de Plutão pela decisão em seu favor, tomada na assembléia da UAI.
- (B) convida os supostos habitantes de Plutão a visitarem a Terra, nos próximos quarenta anos.
- (C) conclama seus eleitores a descobrirem se há ou não vida inteligente em Plutão.
- (D) imagina os sentimentos e reações dos supostos plutoneas nos diante do rebaixamento de seu sistema.
- (E) afirma que não deve haver mais do que quarenta habitantes no minúsculo Plutão.
43. Assinale a alternativa que corresponde, em português, à expressão sublinhada na frase
- L'ennui, pour les manuels scolaires, c'est qu'il faut (...) rectifier le neuf en huit (...)
- (A) ele faz
- (B) é preciso
- (C) ela fez
- (D) faz falta
- (E) é facultativo
44. Assinale a alternativa que corresponde ao singular da expressão verbal sublinhada na frase
- Ils n'habitent plus une planète du système solaire.
- (A) Il n'habite plus
- (B) Il n'habitera plus
- (C) Il n'a plus habité
- (D) Il n'habitait plus
- (E) Elle n'habite plus
45. Assinale a alternativa em Português que corresponde corretamente à frase em Francês:
- Dorénavant, on considère la planète Pluton comme une planète naine!
- (A) Há algum tempo, o planeta Plutão deixou de ser considerado estrela-anã!
- (B) De agora em diante, o planeta Plutão será considerado apenas um planeta medíocre!
- (C) De hoje em diante, o planeta Plutão passa a ser considerado um planeta anão!

REDAÇÃO

Leia os textos a seguir, auxiliares ao desenvolvimento de sua redação.

TEXTO 1

A Mão da Filha



– Muito bem, rapaz! Quais as suas intenções em relação à minha filha?
(www2.uol.com.br/angeli)

TEXTO 2

O jovem e a sexualidade

Flavio Gikovate

Sabemos que ainda é grande o número de moças que engravidam contra sua vontade apenas porque pensam que “com elas nada de mau irá acontecer”. Sabemos também que o nível de informação acerca das práticas sexuais poderia ser mais completo nas classes sociais mais baixas. De todo o modo, os moços estão muito mais bem informados do que quando eu comecei a trabalhar o tema da sexualidade, isso ainda no fim dos anos 1960. Por outro lado, se pensarmos na questão sexual, nas importantes diferenças que existem entre os sexos, na homossexualidade, nas relações entre sexo e amor e principalmente nas questões relativas ao amor, penso que o nível de ignorância é enorme. O mais grave é que a grande maioria dos adultos não dispõe de informação mínima a respeito, de modo que não podem sequer tentar orientar os moços sobre os quais teriam alguma influência. Assim, no que diz respeito às trocas de carícias, à liberdade com que elas são exercidas e como agir com o intuito de agradar e satisfazer o parceiro, temos caminhado bastante. Agora, sobre as relações entre sexo e agressividade, sobre o jogo de poder que se estabelece entre os sexos, sobre as questões amorosas e sobre a importância da amizade entre homens e mulheres, ainda estamos engatinhando.

O maior problema dos adolescentes, que hoje se iniciam sexualmente antes mesmo dos 16 anos de idade, é que essa fase da vida se caracteriza por uma onipotência difícil de ser quebrada, mas sobre a qual deveríamos agir o mais cedo possível. Nossos jovens devem ser esclarecidos desde cedo de que eles não são criaturas privilegiadas e que carregam uma estrela na testa que lhes protegeria contra as catástrofes ou todas as dores a que todos estamos sujeitos. Isso depende de uma educação responsável desde os primeiros anos da infância, educação realista, pois as ilusões e as falsas idéias devem ser combatidas desde o início.

(...)

Um importante ingrediente da nossa sexualidade sempre se deu de forma virtual. Não dispúnhamos dos equipamentos que hoje estão ao nosso alcance: sexo por telefone, sexo e internet, fartura de material erótico e pornográfico para estimular a fantasia de jo-

- (D) De hoje em diante, o planeta Plutão tem de ser classificado como um planeta simples!
- (E) De agora em diante, Plutão, o planeta, deixa de ser classificado como planeta-anão!

UNIFESP/LP/Inglês-Francês

14

vens e adultos, etc. Não vejo como possamos ver qualquer malefício associado ao sexo virtual, uma vez que o sexo sempre foi fundado antes de tudo em fantasias. Não prejudica e nem impede o estabelecimento de elos amorosos de boa qualidade, condição em que as trocas eróticas ganham um real significado interpessoal não por causa do sexo e sim por força do amor que une aquele par.

(www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista. Adaptado.)

TEXTO 3

Deixa ele dormir em casa?

Dormir com o namorado no mesmo quarto pode parecer privilégio de pessoas mais velhas, independentes, que moram sozinhas. Mas não é. Muitos adolescentes já conquistaram esse direito e levam seus namorados e namoradas para dormir na casa dos pais.

No começo, quartos separados. Depois de algum tempo, quando os pais se acostumam com o novo “membro” da família, liberam o casal para dormir no mesmo quarto.

A primeira vez pode ser por acaso. André (nome fictício), 18, por exemplo, pediu para sua mãe deixar sua namorada dormir em casa numa noite em que o casal estava voltando tarde de uma festa. A garota percebeu que tinha esquecido a chave de casa. “Perguntei para minha mãe se ela poderia ficar em casa e ela topou.”

Naquela noite, eles dormiram em quartos separados. Hoje, no entanto, dormem juntos. “Quando minha mãe pegou confiança e viu que o namoro era para valer, ela liberou”, diz André, que namora há um ano e nove meses.

(...)

Já Ana Paula, 45, mãe de Ana Carolina, 16, não encarou tão numa boa quando a filha resolveu dormir com o namorado, Gabriel, em casa. “Fui vencida pelo cansaço. No começo, pedia para eles dormirem em quartos separados, mas, quando acordava, via os dois saindo juntos do mesmo quarto. Tentei resistir, mas chegou uma hora em que não tinha mais o que fazer e eu tive que liberar. Se ela já tem vida sexual ativa, melhor que seja em casa, com segurança, sem correr riscos”, diz a mãe.

(Folhateen, *Folha de S.Paulo*, 04.09.06. Adaptado.)

TEXTO 4

A sexualidade do adolescente

Na ética adolescente, *ficar* significa não ficar, não ter compromisso com amanhã, não criar vínculos definitivos. É, pois, não ficando quando *ficam*, que eles ensaiam, descobrem, experimentam, conhecem sensações, sem os ‘pudores’ de outras gerações. Em pesquisa com estudantes dos diversos cursos, identificamos vários sentidos para o *ficar*: ora ele representa uma marca do tempo, como a superficialização típica da pós modernidade, ora pode significar um caminho de conhecimento para se chegar ao namoro, ora pode representar um exercício de liberdade, ou ainda é algo visto como muito relativo por deixar quase sempre uma experiência de vazio depois da ficada. O que se observou é que o *ficar* expressa uma nova forma de relação, uma ética para os relacionamentos provisórios, típicos dos tempos de rapidez. Faz parte da regra, que nada fique depois do *ficar*.

(*Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento*, v.1. Ministério da Saúde. Adaptado.)

TEXTO 5

Amor e Sexo

Amor é um livro – Sexo é esporte
 Sexo é escolha – Amor é sorte
 Amor é pensamento, teorema
 Amor é novela – Sexo é cinema
 Sexo é imaginação, fantasia
 Amor é prosa – Sexo é poesia
 O amor nos torna patéticos
 Sexo é uma selva de epiléticos
 Amor é cristão – Sexo é pagão
 Amor é latifúndio – Sexo é invasão
 Amor é divino – Sexo é animal
 Amor é bossa nova – Sexo é carnaval
 Amor é para sempre – Sexo também
 Sexo é do bom – Amor é do bem
 Amor sem sexo é amizade
 Sexo sem amor é vontade
 Amor é um – Sexo é dois
 Sexo antes – Amor depois
 Sexo vem dos outros e vai embora
 Amor vem de nós e demora
 Amor é isso – Sexo é aquilo
 E coisa e tal – E tal e coisa...

(Rita Lee, Roberto de Carvalho, Arnaldo Jabor.
 In www.ritalee.com.br. Adaptado.)

A partir das informações apresentadas, de outras de seu conhecimento e das múltiplas implicações da sexualidade na vida dos jovens, elabore um texto dissertativo, em prosa, analisando e discutindo criticamente:

A QUESTÃO DA SEXUALIDADE PARA O JOVEM MODERNO

A UNESP (2007) solicitou o tema beleza relacionada ao culto ao corpo.

Uma campanha alegre

O País perdeu a inteligência e a consciência moral. Os costumes estão dissolvidos e os caracteres corrompidos. A prática da vida tem por única direção a conveniência. Não há princípio que não seja desmentido, nem instituição que não seja escarnecida. Ninguém se respeita. Não existe nenhuma solidariedade entre os cidadãos. Já se não crê na honestidade dos homens públicos. A classe média abate-se progressivamente na imbecilidade e na inércia. O povo está na miséria. Os serviços públicos vão abandonados a uma rotina dormente. O desprezo pelas idéias aumenta em cada dia. Vivemos todos ao acaso. Perfeita, absoluta indiferença de cima a baixo! Todo o viver espiritual, intelectual, parado. O tédio invadiu as almas. A mocidade arrasta-se, envelhecida, das mesas das secretarias para as mesas dos cafés. A ruína econômica cresce, cresce, cresce... O comércio definha. A indústria enfraquece. O salário diminui. A renda diminui. O Estado é considerado na sua ação fiscal como um ladrão e tratado como um inimigo.

Neste *salve-se quem puder* a burguesia proprietária de casas explora o aluguel. A agiotagem explora o juro.

(...) A intriga política alastra-se por sobre a sonolência enfatiada do País. Apenas a devoção perturba o silêncio da opinião, com *padre-nossos* maquinais.

Não é uma existência, é uma expiação.

(Eça de Queirós. *Obras de Eça de Queirós*. vol. III. Porto:Lello & Irmão, [s.d.], p. 959-960.)

Proposição

Os textos das questões de números 04 a 07 focalizam o tema da beleza, particularmente da beleza das mulheres, em diferentes épocas. As frases apresentadas como base para esta redação, todas fundamentadas em matérias de revistas dirigidas para a cultura física, estética e emagrecimento, colocam a questão da busca da beleza física, não apenas pelas mulheres, mas também pelos homens nos dias atuais. Estimulada intensamente pela mídia, a busca da saúde se confunde freqüentemente com a busca, pelo homem e pela mulher, de um corpo esbelto, bem composto e delineado, capaz de causar inveja e de impressionar o sexo oposto. Para atingir esse objetivo, muitas pessoas fazem quaisquer tipos de sacrifícios, não poucas vezes dando maior importância à aparência do que à própria saúde física e mental.

Com base neste comentário e, se julgar necessário, nas frases que serviram como exemplo, faça uma redação em prosa, de *gênero dissertativo*, sobre o tema

A BUSCA DA BELEZA DO CORPO NOS DIAS ATUAIS

REDAÇÃO

INSTRUÇÃO: Leia atentamente as frases seguintes, que podem ser encontradas em textos de toda a mídia.

Em apenas cinco minutos, você pode chapar a barriga – De-tone quatrocentas calorias em uma hora – Experimente a nova dieta anticelulite – Elimine os sinais de envelhecimento – Ganhe uma barriguinha seca e um corpo em forma em nossa academia – A nossa dieta enxuga a gordura do corpo e deixa a cintura fininha – Faça ginástica facial para eliminar rugas e linhas de expressão – Dez exercícios para esculpir suas pernas e coxas – Desenvolva rapidamente seus bíceps – Ganhe músculos em seis meses e conquiste todas as *gatas* – Torne-se um homem de corpo sarado e jeito de menino – Desfile na praia com o corpo dos seus sonhos – Turbine seus lábios – Você pode ter um culote sequinho – Deixamos sua barriga zerada – Você pode ser mais bonita: rinoplastia, lipoaspiração, mamoplastia de aumento, mamoplastia de redução, *lifting* facial – Ganhe pernas e bumbum torneados – Exercícios para ficar com seios exuberantes – Com alguns minutos por dia, deixamos seu corpo douradinho – Você pode mudar a cor de seus olhos – Só tem cabelos brancos quem quer.

A PUCRS (2007) solicitou aos vestibulandos o tema felicidade.

TEMA 1

Seja no modelo mais tradicional, seja nas configurações alternativas que caracterizam os grupos sociais contemporâneos, a família permanece como a base da sociedade. Esta será tanto mais bem-sucedida quanto mais saudáveis e felizes forem as famílias que a compõem.

Se você escolher este tema, reflita sobre o questionamento seguinte:

O que caracteriza uma família feliz?

Para desenvolver seu texto, você pode refletir a respeito do peso, sobre a felicidade de um grupo familiar, de determinados fatores, tais como afeto e respeito entre os pais, firmeza e harmonia na educação dos filhos, características de temperamento dos membros da família, estabilidade financeira, entre outros.

Apóie-se em vivências próprias ou alheias, reais ou idealizadas, e procure dar consistência a seus argumentos.

ANEXO B – NOTÍCIAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

21/06/2006 - 10h19

Turquia julgará brasileira por tráfico

RAPHAEL GOMIDE

da **Folha de S.Paulo**, no Rio

A catarinense Ângela Wress, 23, se envolveu em uma trama de cinema. Presa em Istambul, na Turquia, por tráfico internacional desde 18 de dezembro, irá a julgamento no próximo dia 26 por servir de "mula" --levava 16 quilos de cocaína no fundo falso da mala, segundo a Polícia Federal.

Com saúde frágil, uma prótese no coração por problemas crônicos e apenas a quinta série completa, pode pegar até 20 anos de prisão. Antes disso, nunca havia viajado de avião.

O desaparecimento de Ângela, notificado pela sua família em dezembro, desencadeou investigação da Polícia Federal de Joinville (SC) que resultou na prisão de mais oito pessoas no Brasil e cinco no exterior.

A jovem deixou o município catarinense em 8 de dezembro do ano passado --afirmou aos pais que tinha planos de ser babá em São Paulo. Ela havia conhecido pela internet um homem, paulista, com quem passou a manter um namoro virtual. Nas mensagens a que a polícia teve acesso, ele fazia promessas de lhe mostrar o mundo. Ângela contou à família que foi enganada e que não sabia o que transportava.

Antes de viajar para a Turquia, a jovem passou uma semana no Chile, onde a PF suspeita que tenha pego a droga.

Segundo o pai, o técnico em eletrônica Maurílio Wress, Ângela está "desesperada" devido ao seu problema cardíaco. "Ela reclama das condições da carceragem, onde tem de pagar tudo, e da "água podre", disse o pai. Na cela, ela tem contado com a ajuda de uma presa paulista, também por tráfico. Ângela usa uma válvula de metal no coração e precisa de remédios de uso continuado.

As cadeias da Turquia tiveram má fama difundida pelo filme "O Expresso da Meia-Noite", de 1978, que mostra a rotina de tortura nas prisões pelos olhos de um norte-americano, condenado a 30 anos de prisão por tráfico de heroína.

Um advogado designado pela embaixada brasileira presta assistência a Ângela. O país não tem acordo de extradição com o Brasil, segundo a OAB, e ela ficará presa lá, se condenada.

A família vem sendo assessorada pela Comissão de Direitos Humanos da OAB de Joinville, de acordo com a presidente do órgão, Cynthia da Luz.

Apesar das reclamações da família, a **Folha** apurou com autoridades brasileiras na Turquia que o presídio Pasakapisi foi reformado e é usado como "modelo" e "vitrine" para mostrar à comunidade européia.

Diário ABC - 27/07/2006 - 07h55

Garota foge por namorado do Orkut

Ana Carolina Negrão
Especial para o Diário

A estudante baiana Arisla Contreiras dos Santos, 17 anos, do município de Lauro de Freitas, na região metropolitana de Salvador, fugiu de casa na madrugada do último domingo para se encontrar, em Santo André, com um rapaz que conheceu na página de relacionamentos Orkut. Até está quarta-feira, não havia chegado ao seu destino, segundo a mãe da garota, a dona-de-casa Alzira Contreiras dos Santos. Arisla, conhecida como Lila entre os amigos, não chegou à casa do jovem andressense de 16 anos. O namorado virtual, com o qual nunca havia se encontrado pessoalmente, se identifica na internet como Jason.

Antes de fugir, a estudante do primeiro ano de Direito da faculdade particular Unihana, em Salvador, apagou seu perfil do site de relacionamentos. Isso seria a manobra utilizada por Lila para não ter o paradeiro descoberto. Munida do cartão de crédito do pai, sumiu. No quarto da filha, Alzira encontrou uma folha onde havia uma autorização em seu nome para que a adolescente pudesse viajar sozinha. "Minha irmã acorda muito cedo. No domingo ela acordou às 5h. Foi ao quarto e viu que a filha não estava lá. Arisla deixou uma carta para a mãe falando os motivos de ter feito isso. Ela disse que amava muito os pais, mas que não era para eles a procurarem", afirma a tia da jovem, a comerciante Cilene Contreiras dos Santos, 40 anos.

Depois de pegar um táxi na porta do condomínio fechado onde mora, a garota foi ao aeroporto Internacional Luiz Eduardo Magalhães, em Salvador. Às 6h, efetuou um saque de R\$50 no caixa eletrônico do Banco do Brasil dentro do terminal, utilizando o cartão do pai. "Acho que ela deve ter usado uma outra identidade para pegar o avião porque não tinha o nome dela na lista de passageiros em nenhuma empresa que vinha para São Paulo e nem para Belo Horizonte (que especulava-se ser o primeiro destino da garota). Depois, o cartão de crédito foi cancelado pelos pais", explica a tia.

Segundo Cilene, a mãe de Lila conseguiu falar com Jason na terça-feira. "Alzira falou com o Jason e com os pais dele. Ela (Arisla) já tinha comentado comigo sobre o rapaz. Não havia motivos para ela fazer isso", afirma a tia. De acordo com ela, o relacionamento entre os pais e a garota era bom. "A minha sobrinha entrava em conflito apenas com a mãe, que é muito protetora e pegava muito no pé dela", diz a tia.

Filha única, Arisla não saía com frequência e era muito protegida pela mãe. "As duas eram muito unidas. A Alzira está arrasada. O telefone não pára de tocar na casa dela, mas até agora não temos nenhuma informação concreta", diz Cilene.

No Orkut, mensagens entre Lila e Jason mostram carinho e afeição um pelo outro. Com frases como "te amo" e "você é maravilhosa", demonstravam ser muito mais que amigos. Uma outra pessoa, que se diz melhor amiga da estudante, afirma em um recado que está preocupada com o que Lila poderia ter feito. A garota conta que a vontade da amiga de fugir de casa vinha de muito tempo.

Amigos incentivam Jason manter seu perfil no site de relacionamento e pedem para o garoto mais informações sobre o possível paradeiro da menina. Durante toda a tarde de quarta-feira, a reportagem tentou entrar em contato com o jovem pela internet e por telefone, sem sucesso.

Cooperação- Para o presidente da organização não governamental Safer Net, Thiago Tavares Nunes de Oliveira, o que faltou no caso de Arisla e os pais foi comunicação. "Os pais estão acostumados a perguntar para os filhos como foi o dia na escola, mas não conversam sobre o que os filhos fizeram durante o dia na internet. É preciso incluir a internet nas conversas sobre o dia-a-dia, uma vez que ela está presente em nossas vidas a todo o momento", explica Oliveira, que também é professor de Direito da PUC de São Paulo.

O advogado chama a atenção também para os crimes cibernéticos que acontecem na página de relacionamento. "São frequentes as mensagens com vírus e comunidades que incentivam a pedofilia, o racismo e a homofobia. A Justiça Federal de São Paulo já deferiu 30 decisões que obrigam o Google (empresa dona do Orkut) a liberar informações sobre pedófilos. Temos atualmente 5 mil pedófilos no site. Nenhum está preso porque o site diz que só pode responder para a Justiça dos EUA. O Orkut é terra de ninguém", acredita Oliveira.

03/10/2006 - 20h12m - Atualizado em 03/10/2006 - 20h14m

POLÍCIA BUSCA ACUSADO DE ASSASSINATO DE AMERICANO

Nelson Siqueira Neves participou do assassinato de Raymond Mierrel, que foi atraído para o Brasil por uma namorada da internet

Do G1, em São Paulo

 [Entre em contato](#)

A Polícia Civil de São José dos Campos, a 91 km de São Paulo, realiza buscas para prender Nelson Siqueira Neves, a terceira pessoa envolvida na morte do americano Raymond James Mierrel, no dia 1º de abril. O americano foi assassinado depois de ser mantido refém por cinco dias. Durante o período, os criminosos sacaram dinheiro com um cartão dele. Teriam sido retirados R\$ 100 mil reais.

Neves prestou esclarecimentos sobre o crime na segunda-feira, mas foi liberado por causa da legislação eleitoral que impede prisões até 48 horas após as eleições. Já estão presos a namorada do americano, a esteticista Regina Filomena Rachid, e Evandro Celso Augusto Ribeiro.

De acordo com a delegada assistente da delegacia seccional de São José dos Campos, Ana Paula Barros, o crime começou a ser esclarecido com a prisão da esteticista, em julho, por causa de outro crime. Ela foi detida em flagrante pelo roubo a um doleiro em um shopping da cidade.

O roubo foi a forma encontrada por Regina para pagar uma dívida com o comparsa Evandro, pela participação dele na morte do americano. O sumiço do corpo de Merriel ficou sob responsabilidade de Ribeiro. Os criminosos acertaram que ele receberia R\$ 12 mil pelo serviço. Regina pagou R\$ 9 mil do valor combinado. Na falta de dinheiro, a dupla planejou o assalto ao doleiro.

De acordo com a polícia, Regina negociou a compra de 3 mil euros com um doleiro. O dinheiro do assalto seria usado para o pagamento da dívida. No shopping, a dupla tentou roubar o doleiro. Ribeiro conseguiu fugir, mas Regina foi presa e, com ela, foi encontrado um cartão com o nome do namorado americano.

Namoro virtual

Segundo a delegada, o plano para roubar Merriel foi elaborado por Nelson, o terceiro envolvido. A estratégia era fazer Merriel acreditar que tinha um namoro virtual (via internet) com Regina. Merriel foi convencido a vir para o Brasil para passar seu aniversário.

O visitante chegou em 23 de março. A polícia acredita que foi morto em 1º de abril. Por cinco dias, ele foi sedado e ficou preso no apartamento de Regina. Enquanto isso, os criminosos faziam saques em sua conta no Citibank. A polícia pediu a quebra do sigilo para saber quanto foi roubado.

O corpo de Merriel foi queimado e jogado em Caçapava, interior de São Paulo. Ele foi enterrado como indigente. A família enviou documentos e materiais para o exame da arcada dentária e de DNA. Com a aproximação do término do inquérito do roubo ao doleiro, a Polícia Civil de São José dos Campos pediu na semana passada a prisão temporária por 30 dias da acusada da morte do namorado.

Em 23 de setembro, Evandro Celso Augusto Ribeiro, de 39 anos, foi preso na cidade de Cabo Frio, na Região dos Lagos, Rio de Janeiro, e confessou ter participado da morte do americano. Os três (Evandro, Nelson e regina) vão responder por seqüestro seguido de homicídio e podem pegar até 30 anos de prisão.

FORTALEZA, CEARÁ | SEXTA-FEIRA | 01/03/2007

Mulher é assassinada após contato pela internet

Natal. A Polícia prendeu um terceiro envolvido na morte da corretora de imóveis Maria Célia Carvalho, que desapareceu sábado (24) depois de marcar um encontro pela internet com um desconhecido. De acordo com a Polícia, ela teria sido atraída até o local por adolescentes através do Orkut, o site de relacionamento da Internet.

O corpo da corretora Maria Célia Carvalho foi localizado somente ontem em uma casa na Praia de Genipabu, no Rio Grande do Norte.

Ajuda da filha

Para encontrar o corpo, a Polícia teve ajuda da filha da vítima, de 20 anos, que trocou mensagens com um dos assassinos da mãe e marcou um encontro com ele.

Maria Célia Carvalho teria saído de casa dizendo que iria num churrasco na praia e nunca mais foi vista. A filha dela vasculhou as conversas da mãe no site de relacionamento e marcou um encontro com o suspeito. Ela avisou então a Polícia, que acabou detendo o suspeito. Apenas um dos detidos é maior de idade — tem 18 anos. Os outros têm 16 e 17 anos de idade.

A corretora de imóveis, Célia Carvalho, foi morta a pauladas e teve o corpo enterrado. Ela estava amordaçada e com as mãos amarradas.

O adolescente de 17 anos que a corretora havia conhecido pela internet atribuiu o crime ao primo, de 18 anos, e à namorada dele. A Polícia investiga a motivação do crime.

14/03/2007 - 18h43

Mulher morre após pacto com amante que conheceu pela internet da Folha Online

A taquígrafa Maria Aparecida Lima da Silva, 38, morreu em Brasília após tomar veneno de rato. Segundo a Polícia Civil, ela havia firmado um pacto de morte com seu amante, Kléber Ferreira Gusmão Ferraz, que não cumpriu sua parte no acordo e acabou preso. O caso aconteceu no último dia 5, mas só foi divulgado hoje. Silva e Ferraz haviam se conhecido no início de 2006 no site de relacionamentos Orkut e iniciaram o namoro. Segundo a Polícia Civil do Distrito Federal, Ferraz era casado e dizia para a amante ser judeu e agente secreto a serviço do governo de Israel, para não ter que revelar detalhes de sua vida. Ele acabou preso por induzir a taquígrafa ao suicídio.

No último dia 5, depois que o duplo suicídio estava acertado, o casal alugou um quarto no hotel Bay Park, mas apenas Silva tomou o veneno. Quando ela foi encontrada morta, Ferraz não estava mais no hotel, mas acabou preso no mesmo dia.

Durante o tempo em que permaneceram juntos, Silva pagou várias despesas de Ferraz, inclusive de sua mulher e seus filhos. Segundo a polícia, ela havia comprado um carro para ele. Antes de se matar, a taquígrafa havia descoberto que Ferraz era casado, mas mesmo assim manteve o relacionamento. De acordo com a Polícia Civil, a família dela também já havia tentado, sem sucesso, fazê-la desistir do relacionamento.

Um caso mais recente foi de um fazendeiro australiano seqüestrado. A matéria a seguir foi retirada do site Estadão online publicado em 13 ago. 2007.

segunda-feira, 13 de agosto de 2007, 15:19 | Online

Namoro virtual termina em seqüestro na África

Gangue africana atraiu vítima com suposta namorada virtual e atacou quando foi encontrá-la

ADELAIDE - Uma gangue do Mali atraiu o fazendeiro australiano Des Gregor, 56, com uma promessa de amor e o tomou como refém por 12 dias. O fazendeiro viajou ao país africano no mês passado para conhecer sua suposta noiva, Natacha, que ele havia conhecido pela internet. Gregor acreditava ainda que iria receber pela união um dote em barras de ouro, cujo valor estimado era de cerca de US\$ 85 mil (aproximadamente R\$ 165 mil).

No entanto, quando chegou ao Mali, Gregor, que cria ovelhas e cultiva trigo, foi seqüestrado por uma gangue de bandidos armados que o agrediram com uma faca e roubaram seus cartões de crédito e dinheiro.

Após retornar ao sul da Austrália neste domingo, acompanhado por uma escolta policial neste, Gregor disse que os homens ameaçaram desmembrá-lo se ele não pagasse um resgate no valor do dote que fora receber.

A polícia da Austrália e a do Mali, alertadas pela família de Gregor, enganaram os seqüestradores ao prometer que o resgate estaria na Embaixada do Canadá.

Gregor disse que foi recebido no aeroporto, em sua chegada, por um homem bem-vestido e depois foi levado à presença dos outros homens que o ameaçaram com a faca e uma pistola caseira.

"É difícil de explicar o que eu pensei", ele disse. "Eu basicamente estava pensando que o que acontecia e eles começaram a pedir dinheiro - então eu sabia que as coisas estavam ficando sérias", afirmou o fazendeiro.

Gregor disse que "aprendeu sua lição" e mandou uma mensagem àqueles que procuram amor na internet: "Sejam cuidadosos".

A polícia federal australiana afirmou em comunicado que o caso de Gregor é um "exemplo extremo" do que pode acontecer quando as pessoas acreditam em tudo o que lêem na internet e pediu aos australianos que tenham cautela.

Autorizo cópia total ou parcial desta obra, apenas para fins de estudo e pesquisa, sendo expressamente vedado qualquer tipo de reprodução para fins comerciais sem prévia autorização específica do autor.

Juliana Roberti Pereira
Taubaté, abril, 2008.